

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

LÚCIA WUTZL DA SILVA

**CONTRIBUIÇÕES INTERCULTURAIS DA COMÉDIA *STAND-UP* PARA L2: uma
abordagem da linguística de corpus**

Guarulhos

2020

LÚCIA WUTZL DA SILVA

**CONTRIBUIÇÕES INTERCULTURAIS DA COMÉDIA *STAND-UP* PARA L2: uma
abordagem da linguística de corpus**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Marcia Veirano Pinto

Guarulhos

2020

Wutzl da Silva, Lúcia

Contribuições interculturais da comédia *stand-up* para L2: uma abordagem da linguística de corpus / Lúcia Wutzl da Silva. – Guarulhos, 2020.

182 f.

Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2020.

Orientadora: Profa. Dra. Marcia Veirano Pinto

Título em inglês: Intercultural contributions of stand-up comedy to L2: a corpus linguistics approach

1. Interculturalidade. 2. Comédia *stand-up* 3. L2 4. Linguística de corpus. I. Veirano Pinto, Marcia. II. Título.

LÚCIA WUTZL DA SILVA

**CONTRIBUIÇÕES INTERCULTURAIS DA COMÉDIA *STAND-UP* PARA L2: uma
abordagem da linguística de corpus**

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal de São Paulo como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Marcia Veirano Pinto

Aprovada em: 28/02/2020.

Profa. Dra. Marcia Veirano Pinto
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Marcello Marcelino Rosa
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Antônio Paulo Berber Sardinha
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Na certeza da impossibilidade de me lembrar de cada nome que aqui deveria figurar, agradeço imensa e indistintamente a todos que direta ou indiretamente de algum modo colaboraram na elaboração deste trabalho.

RESUMO

A importância da cultura na aquisição de uma segunda língua (L2) é posta em relevância pelo considerável número de estudos desenvolvidos nessa área (Hanna, 2012; Pulverness, 2014; Stempleski and Tomalin, 1993); entretanto, o conteúdo cultural dos materiais pedagógicos dedicados ao ensino de idiomas demonstra-se ainda incipiente (PULVERNESS, 2014). Para preencher tal lacuna, este estudo investiga possíveis contribuições culturais de textos que não foram desenvolvidos com o intuito de serem utilizados em sala de aula para a aquisição de uma L2. Tendo em vista as referências culturais que frequentemente emergem de textos humorísticos (BACHMAIER, 2017), bem como as vantagens da utilização desse registro em sala de aula de L2 (BELL, 2017), elegemos transcrições de comédia *stand-up* para a composição do corpus analisado nesta dissertação. O objetivo geral deste estudo é investigar possíveis contribuições de apresentações de comédia *stand-up* para a interculturalidade na aquisição de L2. Para tanto, pautados por critérios de diversidade tanto de etnicidade dos comediantes quanto de tópicos de seus textos, selecionamos dez apresentações de comédia *stand-up* de autores norte-americanos, que compuseram o corpus que foi, então, etiquetado pela ferramenta *TreeTagger*. O entendimento de que palavras comuns podem ter forte conotação cultural (STUBBS, 2002), especialmente quando ocorrem em expressões frequentes, nos levou a identificar cinco adjetivos que ocorreram nas apresentações de todos os 10 comediantes, a saber: *good*, *little*, *other*, *white*, e *whole*. Para a identificação de seus padrões de uso, e a consequente obtenção de suas possíveis conotações culturais, os textos do corpus foram submetidos ao programa de análise linguística *AntConc*, que nos forneceu as linhas de concordância que constituíram o ponto de partida de nossas análises. Os resultados atingidos demonstram que palavras que não têm óbvias referências culturais – como as cinco aqui estudadas – podem revelar comportamentos e atitudes culturais que estão arraigadas nas experiências de vida dos autores. Esse entrelaçamento entre língua e cultura se prestaria à exploração direcionada para o desenvolvimento da competência intercultural de aprendizes de L2, na medida em que os exporia a diferentes estruturas sociais, pressupostos e expectativas (PULVERNESS, 2014), proporcionando aos alunos uma tomada de consciência tanto de sua própria cultura quanto de uma cultura estrangeira.

Palavras-chave: Interculturalidade. Comédia *stand-up*. L2. Linguística de corpus.

ABSTRACT

The importance of culture in second language (L2) acquisition is highlighted by the considerable number of studies developed in this area (Hanna, 2012; Pulverness, 2014; Stempleski and Tomalin, 1993); however, the cultural content of L2 teaching material is still scarce (PULVERNESS, 2014). To fill this gap, this study investigates the potential cultural contributions of texts that were not developed for use in the classroom to the acquisition of a second language. Given the cultural references that often emerge from humorous texts (BACHMAIER, 2017), as well as the advantages of using such register in the L2 classroom (BELL, 2017), we chose stand-up comedy transcriptions to form the corpus analyzed in this thesis. The main objective here is to investigate the potential contributions of stand-up comedy shows to the building of intercultural knowledge during the acquisition of English as a foreign language. To that end, we selected ten stand-up comedy shows performed by North American authors. The main collection criteria were based on diversity in terms of both the ethnicity of the comedians and the performance topics. The corpus was tagged with the TreeTagger tool. The understanding that common words can have strong cultural connotations (STUBBS, 2002), especially when they occur in frequent expressions, led us to select five adjectives that occurred in the performance of all of the ten comedians, namely, good, little, other, white, and whole. To identify their patterns of use, and thus derive their potential cultural connotations, we submitted the corpus texts to the corpus- processing software AntConc, which provided us with the concordance lines that were the starting point of our analyses. The results show that words that do not have obvious cultural references – such as the five adjectives studied here – can reveal cultural behaviors and attitudes that are rooted in the authors' life experiences. This intertwining between language and culture could lend itself to studies aimed at developing intercultural competence of L2 learners, as it would expose them to different social structures, assumptions and expectations (PULVERNESS, 2014), providing learners with an awareness of both a home and a foreign culture.

Keywords: Interculturality. Stand-up comedy. L2. Corpus Linguistics.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Planilha simplificada de coleta do corpus.....	59
Quadro 2: Domínios semânticos dos adjetivos descritores.....	62
Quadro 3: Domínios semânticos dos adjetivos classificadores.....	62
Quadro 4: Domínios semânticos de adjetivos que controlam orações com <i>that</i>	63
Quadro 5: Domínios semânticos de adjetivos que controlam orações com <i>to</i>	63
Quadro 6: Frequência (em cada texto e total) dos adjetivos mais utilizados no corpus	64
Quadro 7: Linhas de concordância com o adjetivo <i>good</i> do texto <i>Chris Rock: Tamborine</i>	73
Quadro 8: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>good</i> do texto <i>Chris Rock: Tamborine</i>	73
Quadro 9: Linhas de concordância com o adjetivo <i>little</i> do texto <i>Chris Rock: Tamborine</i>	75
Quadro 10: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>little</i> do texto <i>Chris Rock: Tamborine</i>	76
Quadro 11: Linhas de concordância com o adjetivo <i>other</i> do texto <i>Chris Rock: Tamborine</i>	77
Quadro 12: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>other</i> do texto <i>Chris Rock: Tamborine</i>	77
Quadro 13: Linhas de concordância com o adjetivo <i>white</i> do texto <i>Chris Rock: Tamborine</i>	78
Quadro 14: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>white</i> do texto <i>Chris Rock: Tamborine</i>	78

Quadro 15: Linhas de concordância com o adjetivo <i>whole</i> do texto <i>Chris Rock: Tamborine</i>	79
Quadro 16: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>whole</i> do texto <i>Chris Rock: Tamborine</i>	79
Quadro 17: Temas e posicionamentos do texto <i>Chris Rock: Tamborine</i>	80
Quadro 18: Linhas de concordância com o adjetivo <i>good</i> do texto <i>What happened Ms. Sykes?</i>	82
Quadro 19: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>good</i> do texto <i>What happened... Ms. Sykes?</i>	83
Quadro 20: Linhas de concordância com o adjetivo <i>little</i> do texto <i>What happened... Ms. Sykes?</i>	84
Quadro 21: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>little</i> do texto <i>What happened... Ms. Sykes?</i>	84
Quadro 22: Linhas de concordância com o adjetivo <i>other</i> do texto <i>What happened... Ms. Sykes?</i>	85
Quadro 23: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>other</i> do texto <i>What happened... Ms. Sykes?</i>	85
Quadro 24: Linhas de concordância com o adjetivo <i>white</i> do texto <i>What happened... Ms. Sykes?</i>	86
Quadro 25: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>white</i> do texto <i>What happened... Ms. Sykes?</i>	86
Quadro 26: Linha de concordância com o adjetivo <i>whole</i> do texto <i>What happened... Ms. Sykes?</i>	87
Quadro 27: Descritores semântico-sintáticos do colocado de <i>whole</i> do texto <i>What happened... Ms. Sykes?</i>	87
Quadro 28: Temas e posicionamentos do texto <i>What happened... Ms. Sykes?</i>	88

Quadro 29: Linhas de concordância com o adjetivo <i>good</i> do texto <i>Jen Kirkman: I'm gonna die alone</i>	90
Quadro 30: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>good</i> do texto <i>Jen Kirkman: I'm gonna die alone</i>	90
Quadro 31: Linhas de concordância com o adjetivo <i>little</i> do texto <i>Jen Kirkman: I'm gonna die alone</i>	92
Quadro 32: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>little</i> do texto <i>Jen Kirkman: I'm gonna die alone</i>	92
Quadro 33: Linhas de concordância com o adjetivo <i>other</i> do texto <i>Jen Kirkman: I'm gonna die alone</i>	93
Quadro 34: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>other</i> do texto <i>Jen Kirkman: I'm gonna die alone</i>	93
Quadro 35: Linhas de concordância com o adjetivo <i>white</i> do texto <i>Jen Kirkman: I'm gonna die alone</i>	94
Quadro 36: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>white</i> do texto <i>Jen Kirkman: I'm gonna die alone</i>	94
Quadro 37: Linhas de concordância com o adjetivo <i>whole</i> do texto <i>Jen Kirkman: I'm gonna die alone</i>	95
Quadro 38: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>whole</i> do texto <i>Jen Kirkman: I'm gonna die alone</i>	95
Quadro 39: Temas e posicionamentos do texto <i>Jen Kirkman: I'm gonna die alone</i> ..	96
Quadro 40: Linhas de concordância com o adjetivo <i>good</i> do texto <i>John Mulaney: the comeback kid</i>	98
Quadro 41: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>good</i> do texto <i>John Mulaney: the comeback kid</i>	98
Quadro 42: Linhas de concordância com o adjetivo <i>little</i> do texto <i>John Mulaney: the comeback kid</i>	100

Quadro 43: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>little</i> do texto <i>John Mulaney: the comeback kid</i>	100
Quadro 44: Linhas de concordância com o adjetivo <i>other</i> do texto <i>John Mulaney: the comeback kid</i>	102
Quadro 45: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>other</i> do texto <i>John Mulaney: the comeback kid</i>	102
Quadro 46: Linhas de concordância com o adjetivo <i>white</i> do texto <i>John Mulaney: the comeback kid</i>	103
Quadro 47: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>white</i> do texto <i>John Mulaney: the comeback kid</i>	103
Quadro 48: Linhas de concordância com o adjetivo <i>whole</i> do texto <i>John Mulaney: the comeback kid</i>	104
Quadro 49: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>whole</i> do texto <i>John Mulaney: the comeback kid</i>	104
Quadro 50: Temas e posicionamentos do texto <i>John Mulaney: the comeback kid</i>	105
Quadro 51: Linhas de concordância com o adjetivo <i>good</i> do texto <i>Jo Koy: live from Seattle</i>	107
Quadro 52: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>good</i> do texto <i>Jo Koy: live from Seattle</i>	107
Quadro 53: Linhas de concordância com o adjetivo <i>little</i> do texto <i>Jo Koy: live from Seattle</i>	108
Quadro 54: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>little</i> do texto <i>Jo Koy: live from Seattle</i>	108
Quadro 55: Linhas de concordância com o adjetivo <i>other</i> do texto <i>Jo Koy: live from Seattle</i>	109
Quadro 56: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>other</i> do texto <i>Jo Koy: live from Seattle</i>	109

Quadro 57: Linhas de concordância com o adjetivo <i>white</i> do texto <i>Jo Koy: live from Seattle</i>	109
Quadro 58: Descritor semântico-sintático dos colocados de <i>white</i> do texto <i>Jo Koy: live from Seattle</i>	110
Quadro 59: Linhas de concordância com o adjetivo <i>whole</i> do texto <i>Jo Koy: live from Seattle</i>	110
Quadro 60: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>whole</i> do texto <i>Jo Koy: live from Seattle</i>	111
Quadro 61: Temas e posicionamentos do texto <i>Jo Koy: live from Seattle</i>	112
Quadro 62: Linhas de concordância com o adjetivo <i>good</i> do texto <i>Ali Wong: baby cobra</i>	113
Quadro 63: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>good</i> do texto <i>Ali Wong: baby cobra</i>	114
Quadro 64: Linhas de concordância com o adjetivo <i>little</i> do texto <i>Ali Wong: baby cobra</i>	114
Quadro 65: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>little</i> do texto <i>Ali Wong: baby cobra</i>	114
Quadro 66: Linhas de concordância com o adjetivo <i>other</i> do texto <i>Ali Wong: baby cobra</i>	115
Quadro 67: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>other</i> do texto <i>Ali Wong: baby cobra</i>	115
Quadro 68: Linhas de concordância com o adjetivo <i>white</i> do texto <i>Ali Wong: baby cobra</i>	116
Quadro 69: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>white</i> do texto <i>Ali Wong: baby cobra</i>	116
Quadro 70: Linhas de concordância com o adjetivo <i>whole</i> do texto <i>Ali Wong: baby cobra</i>	117

Quadro 71: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>whole</i> do texto <i>Ali Wong: baby cobra</i>	117
Quadro 72: Temas e posicionamentos do texto <i>Ali Wong: baby cobra</i>	118
Quadro 73: Linhas de concordância com o adjetivo <i>good</i> do texto <i>Jerry before Seinfeld</i>	120
Quadro 74: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>good</i> do texto <i>Jerry before Seinfeld</i>	120
Quadro 75: Linhas de concordância com o adjetivo <i>little</i> do texto <i>Jerry before Seinfeld</i>	122
Quadro 76: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>little</i> do texto <i>Jerry before Seinfeld</i>	123
Quadro 77: Linhas de concordância com o adjetivo <i>other</i> do texto <i>Jerry before Seinfeld</i>	125
Quadro 78: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>other</i> do texto <i>Jerry before Seinfeld</i>	126
Quadro 79: Linhas de concordância com o adjetivo <i>white</i> do texto <i>Jerry before Seinfeld</i>	127
Quadro 80: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>white</i> do texto <i>Jerry before Seinfeld</i>	127
Quadro 81: Linhas de concordância com o adjetivo <i>whole</i> do texto <i>Jerry before Seinfeld</i>	128
Quadro 82: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>whole</i> do texto <i>Jerry before Seinfeld</i>	128
Quadro 83: Temas e posicionamentos do texto <i>Jerry before Seinfeld</i>	130
Quadro 84: Linhas de concordância com o adjetivo <i>good</i> do texto <i>Sarah Silverman: a speck of dust</i>	132

Quadro 85: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>good</i> do texto <i>Sarah Silverman: a speck of dust</i>	132
Quadro 86: Linhas de concordância com o adjetivo <i>little</i> do texto <i>Sarah Silverman: a speck of dust</i>	133
Quadro 87: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>little</i> do texto <i>Sarah Silverman: a speck of dust</i>	133
Quadro 88: Linhas de concordância com o adjetivo <i>other</i> do texto <i>Sarah Silverman: a speck of dust</i>	134
Quadro 89: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>other</i> do texto <i>Sarah Silverman: a speck of dust</i>	134
Quadro 90: Linha de concordância com o adjetivo <i>white</i> do texto <i>Sarah Silverman: a speck of dust</i>	134
Quadro 91: Descritor semântico-sintático do colocado de <i>white</i> do texto <i>Sarah Silverman: a speck of dust</i>	135
Quadro 92: Linhas de concordância com o adjetivo <i>whole</i> do texto <i>Sarah Silverman: a speck of dust</i>	135
Quadro 93: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>whole</i> do texto <i>Sarah Silverman: a speck of dust</i>	136
Quadro 94: Temas e posicionamentos do texto <i>Sarah Silverman: a speck of dust</i> .	137
Quadro 95: Linhas de concordância com o adjetivo <i>good</i> do texto <i>Cristela Alonzo: lower classy</i>	138
Quadro 96: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>good</i> do texto <i>Cristela Alonzo: lower classy</i>	139
Quadro 97: Linhas de concordância com o adjetivo <i>little</i> do texto <i>Cristela Alonzo: lower classy</i>	139
Quadro 98: Descritor semântico-sintático dos colocados de <i>little</i> do texto <i>Cristela Alonzo: lower classy</i>	140

Quadro 99: Linhas de concordância com o adjetivo <i>other</i> do texto <i>Cristela Alonzo: lower classy</i>	140
Quadro 100: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>other</i> do texto <i>Cristela Alonzo: lower classy</i>	140
Quadro 101: Linhas de concordância com o adjetivo <i>white</i> do texto <i>Cristela Alonzo: lower classy</i>	141
Quadro 102: Descritor semântico-sintático dos colocados de <i>white</i> do texto <i>Cristela Alonzo: lower classy</i>	142
Quadro 103: Linhas de concordância com o adjetivo <i>whole</i> do texto <i>Cristela Alonzo: lower classy</i>	142
Quadro 104: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>whole</i> do texto <i>Cristela Alonzo: lower classy</i>	143
Quadro 105: Temas e posicionamentos do texto <i>Cristela Alonzo: lower classy</i>	144
Quadro 106: Linhas de concordância com o adjetivo <i>good</i> do texto <i>Gabriel Iglesias: I'm sorry for what I said when I was hungry</i>	146
Quadro 107: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>good</i> do texto <i>Gabriel Iglesias: I'm sorry for what I said when I was hungry</i>	147
Quadro 108: Linhas de concordância com o adjetivo <i>little</i> do texto <i>Gabriel Iglesias: I'm sorry for what I said when I was hungry</i>	149
Quadro 109: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>little</i> do texto <i>Gabriel Iglesias: I'm sorry for what I said when I was hungry</i>	150
Quadro 110: Linhas de concordância com o adjetivo <i>other</i> do texto <i>Gabriel Iglesias: I'm sorry for what I said when I was hungry</i>	151
Quadro 111: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>other</i> do texto <i>Gabriel Iglesias: I'm sorry for what I said when I was hungry</i>	152
Quadro 112: Linhas de concordância com o adjetivo <i>white</i> do texto <i>Gabriel Iglesias: I'm sorry for what I said when I was hungry</i>	153

Quadro 113: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>white</i> do texto <i>Gabriel Iglesias: I'm sorry for what I said when I was hungry</i>	153
Quadro 114: Linhas de concordância com o adjetivo <i>whole</i> do texto <i>Gabriel Iglesias: I'm sorry for what I said when I was hungry</i>	154
Quadro 115: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de <i>whole</i> do texto <i>Gabriel Iglesias: I'm sorry for what I said when I was hungry</i>	154
Quadro 116: Temas e posicionamentos do texto <i>Gabriel Iglesias: I'm sorry for what I said when I was hungry</i>	155
Quadro 117: Temas abordados por origem cultural.....	158
Quadro 118: Temas abordados pelas comediantes mulheres.....	162
Quadro 119: Temas abordados pelos comediantes homens.....	163

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	28
2.1 CULTURA	29
2.1.1 Cultura e língua	31
2.1.2 Cultura e L2	33
2.2 HUMOR	36
2.2.1 Comédia <i>stand-up</i> norte-americana	38
2.2.2 Humor no ensino de L2	40
2.3 LINGUÍSTICA DE CORPUS	45
2.4 <i>PRIMING</i> LEXICAL	52
3 METODOLOGIA	56
3.1 O CORPUS DE ESTUDO	56
3.1.1 Coleta do corpus	58
3.1.2 Seleção das palavras de estudo	61
3.1.3 Obtenção do perfil lexical das palavras de estudo	67
3.1.4 Humor nos padrões linguísticos	68
4 RESULTADOS	71
4.1 AFRODESCENDENTES	72
4.1.1 Chris Rock	72
4.1.1.1 <i>Good</i> em Chris Rock	72
4.1.1.2 <i>Little</i> em Chris Rock	75

4.1.1.3 <i>Other</i> em Chris Rock	76
4.1.1.4 <i>White</i> em Chris Rock	78
4.1.1.5 <i>Whole</i> em Chris Rock	79
4.1.1.6 Posturas inferidas de Chris Rock	80
4.1.2 Wanda Sykes	81
4.1.2.1 <i>Good</i> em Wanda Sykes	82
4.1.2.2 <i>Little</i> em Wanda Sykes	83
4.1.2.3 <i>Other</i> em Wanda Sykes	85
4.1.2.4 <i>White</i> em Wanda Sykes	86
4.1.2.5 <i>Whole</i> em Wanda Sykes	87
4.1.2.6 Posturas inferidas de Wanda Sykes	87
4.2 BRANCOS	89
4.2.1 Jen Kirkman	89
4.2.1.1 <i>Good</i> em Jen Kirkman	90
4.2.1.2 <i>Little</i> em Jen Kirkman	92
4.2.1.3 <i>Other</i> em Jen Kirkman	92
4.2.1.4 <i>White</i> em Jen Kirkman	94
4.2.1.5 <i>Whole</i> em Jen Kirkman	95
4.2.1.6 Posturas inferidas de Jen Kirkman	95
4.2.2 John Mulaney	97
4.2.2.1 <i>Good</i> em John Mulaney	98
4.2.2.2 <i>Little</i> em John Mulaney	99
4.2.2.3 <i>Other</i> em John Mulaney	102

4.2.2.4 <i>White</i> em John Mulaney	103
4.2.2.5 <i>Whole</i> em John Mulaney	104
4.2.2.6 Posturas inferidas de John Mulaney	105
4.3 ASIÁTICOS	106
4.3.1 Jo Koy	106
4.3.1.1 <i>Good</i> em Jo Koy	107
4.3.1.2 <i>Little</i> em Jo Koy	108
4.3.1.3 <i>Other</i> em Jo Koy	109
4.3.1.4 <i>White</i> em Jo Koy	109
4.3.1.5 <i>Whole</i> em Jo Koy	110
4.3.1.6 Posturas inferidas de Jo Koy	111
4.3.2 Ali Wong	113
4.3.2.1 <i>Good</i> em Ali Wong	113
4.3.2.2 <i>Little</i> em Ali Wong	114
4.3.2.3 <i>Other</i> em Ali Wong	115
4.3.2.4 <i>White</i> em Ali Wong	116
4.3.2.5 <i>Whole</i> em Ali Wong	117
4.3.2.6 Posturas inferidas de Ali Wong	118
4.4 JUDEUS	119
4.4.1 Jerry Seinfeld	119
4.4.1.1 <i>Good</i> em Jerry Seinfeld	119
4.4.1.2 <i>Little</i> em Jerry Seinfeld	122
4.4.1.3 <i>Other</i> em Jerry Seinfeld	125

4.4.1.4 <i>White</i> em Jerry Seinfeld	127
4.4.1.5 <i>Whole</i> em Jerry Seinfeld	128
4.4.1.6 Posturas inferidas de Jerry Seinfeld	129
4.4.2 Sarah Silverman	131
4.4.2.1 <i>Good</i> em Sarah Silverman	132
4.4.2.2 <i>Little</i> em Sarah Silverman	133
4.4.2.3 <i>Other</i> em Sarah Silverman	134
4.4.2.4 <i>White</i> em Sarah Silverman	134
4.4.2.5 <i>Whole</i> em Sarah Silverman	135
4.4.2.6 Posturas inferidas de Sarah Silverman	136
4.5 LATINO-AMERICANOS	138
4.5.1 Cristela Alonzo	138
4.5.1.1 <i>Good</i> em Cristela Alonzo	138
4.5.1.2 <i>Little</i> em Cristela Alonzo	139
4.5.1.3 <i>Other</i> em Cristela Alonzo	140
4.5.1.4 <i>White</i> em Cristela Alonzo	141
4.5.1.5 <i>Whole</i> em Cristela Alonzo	142
4.5.1.6 Posturas inferidas de Cristela Alonzo	143
4.5.2 Gabriel Iglesias	145
4.5.2.1 <i>Good</i> em Gabriel Iglesias	145
4.5.2.2 <i>Little</i> em Gabriel Iglesias	149
4.5.2.3 <i>Other</i> em Gabriel Iglesias	151
4.5.2.4 <i>White</i> em Gabriel Iglesias	152

4.5.2.5 <i>Whole</i> em Gabriel Iglesias.....	153
4.5.2.6 Posturas inferidas de Gabriel Iglesias	154
4.6 POSTURAS CULTURAIS NO CORPUS	156
4.6.1 Semelhanças/diferenças topicais entre as origens culturais e os gêneros	157
4.6.2 Possíveis reflexos culturais	166
4.6.3 Potencial humorístico nas quebras de expectativas linguísticas	167
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
REFERÊNCIAS	174
APÊNDICE A – <i>Script tag.sh</i>	180
APÊNDICE B – <i>Script select.sh</i>	181
APÊNDICE C – <i>Script totypes.sh</i>	182

1 INTRODUÇÃO

O grande número de estudos existentes na área de interculturalidade, especialmente no tocante à consciência cultural no ensino de segunda língua (doravante L2) – a exemplo de Hanna (2012), Pulverness (2014), e Stempleski e Tomalin (1993) – revela a importância desse aspecto na aquisição de um idioma. Entretanto, a baixa presença de informações culturais em livros largamente utilizados no ensino de inglês no Brasil, seja naqueles que servem de base para as aulas, seja naqueles utilizados como fonte de atividades complementares, parece ser usual nesse cenário. Esse fato é explicado por Pulverness (2014) como um reflexo de alterações sofridas pelo paradigma do ensino: “Uma consequência da ‘virada comunicativa’ dada pelo ensino de inglês desde o final de 1970 foi a marginalização, e por vezes a completa exclusão, de conteúdo especificamente cultural em materiais de ensino publicados”¹ (PULVERNESS, 2014, p. 426, tradução nossa). Afora pontuais presenças de uma ou outra informação reveladora de aspectos culturais, restaria patente que não há esforços consideráveis em fazer presentes em tais materiais pedagógicos, de forma sistemática e intencional, dados da cultura dos falantes nativos do inglês.

Dentre aqueles que já interagiram com estrangeiros ou, mesmo, presenciaram tais situações, não é incomum encontrar quem tenha vivido ou observado desconfortos, quando não mal-entendidos, claramente resultantes do desconhecimento de algum aspecto cultural de seu interlocutor. Tais ocorrências revelariam, mesmo que informalmente, o reflexo de um ensino que certamente poderia se beneficiar da presença de mais informações sobre os povos falantes da língua inglesa.

Por outro viés, o humor parece sempre exercer atração sobre alunos e professores em aulas de inglês. Aqueles que se dedicaram à pesquisa do humor nesse âmbito (DENEIRE, 1995; SCHMITZ, 2002; ZIYAEEMEHR, KUMAR, 2014; BELL, 2017) são praticamente unânimes em afirmar que o humor é, no mínimo, valiosa ferramenta na diminuição da ansiedade no processo de aquisição de uma

¹ “One consequence of the ‘communicative turn’ taken by ELT since the late 1970s has been the marginalization, and at times the complete exclusion, of culturally specific content in published teaching materials.”

L2. Em conformidade com esse entendimento, Deneire defende que a tensão causada pela ansiedade que alguns alunos de L2 possam ter seria aliviada por situações cômicas (DENEIRE, 1995, p. 286). Indo um pouco mais além, Bell afirma que “[...] as propriedades do humor de aliviar a tensão e induzir a emoções positivas na sala de L2 realmente parecem ser capazes de contribuir para uma aprendizagem mais eficaz [...]”² (BELL, 2017, p. 447, tradução nossa). Além desses possíveis benefícios, tendo em vista que o humor é uma capacidade humana inata (MEDGYES, 2002) e, assim, bastante presente em nossa comunicação, seu uso pelo professor vai ao encontro dos esforços comumente feitos no sentido de aproximar o ensino da vida real: o humor faz o ambiente da sala de aula ficar mais parecido com a vida fora dela, ou seja, ele traz autenticidade para o ensino (BELL, 2017), o que, por sua vez, pode levar a um melhor preparo do aluno para interações sociais também fora do ambiente escolar (HANNA, 2012).

Ademais, não raramente, registros³ humorísticos parecem trazer em seu bojo dados culturais que, consoante a percepção de Bachmaier (2017), estabelecem os limites de nossas experiências, devido à conexão da cultura com tempo e espaço específicos. Assim, se referências culturais podem balizar a apreensão que se faz do mundo, enxergamos a pertinência do entendimento de Hanna (2012, p. 47), quando afirma que

[o] imperativo da compreensão do contexto cultural [...] está no conhecimento histórico, das crenças, das atitudes e dos valores compartilhados por membros de uma mesma comunidade discursiva e que oferece subsídios para produzir deduções do significado das trocas verbais.

Esse natural entrelaçamento de língua e cultura parece indicar que, mais do que desejável, a inclusão de questões culturais no ensino de uma segunda língua possivelmente seria imprescindível, ao menos quando o que se pretende alcançar são meios para o aluno desenvolver suas habilidades para interagir com mais propriedade em situações reais utilizando um novo idioma.

Assim, tendo como pano de fundo um ensino de inglês como segunda língua capaz de trazer contribuições mais significativas para os aprendizes, e considerando a conexão que Hanna faz entre cultura e materiais que não foram pensados

² “[...] the tension-relieving and positive emotion-inducing properties of humor in the L2 classroom do seem likely to contribute to more effective learning [...]”

³ Neste trabalho entendido como “uma variedade de texto definida a partir de seu contexto de uso em sociedade.” (VEIRANO PINTO, 2013, p. 4)

especificamente para o ensino de língua, explicitada por sua afirmação de que “trabalhar com a contextualização sociocultural compreende, espontaneamente, fazer uso de textos autênticos⁴” (HANNA, 2012, p. 15-16), acreditamos que seria possível vislumbrar ao menos uma natural convergência entre o registro humorístico e um ensino pautado por uma consciência cultural: ambos parecem estar fortemente relacionados ao uso autêntico da língua. Essa observação demonstraria a conveniência do uso também de material não pedagógico no ensino de língua, tanto sob a luz da proposta de uso de registros humorísticos quanto daquela de inserção de uma perspectiva cultural nesse contexto.

Nesta seara, tendo em vista as eventuais vantagens da presença do humor no ensino de inglês, como a diminuição da ansiedade, o engajamento mais efetivo em situações sociais, e a facilitação da memorização de estruturas da L2 (BELL, 2017), bem como a baixa contribuição para o desenvolvimento da competência intercultural de pelo menos parte dos livros largamente utilizados – suposição que surge a partir de nossas próprias percepções de que o conteúdo cultural em materiais de L2 é exíguo, e é corroborada por Mishan (2005, p. 44) quando menciona que o gênero “livro para ensino de inglês” sofre a acusação de negligência ou neutralização dos elementos culturais – mostra-se oportuna a investigação de possíveis colaborações no âmbito cultural que registros humorísticos, quando utilizados complementarmente aos materiais de praxe, poderiam trazer para a aula de L2. A relevância dessa combinação de material autêntico e material pedagógico é mais uma vez posta em evidência por Hanna (2012, p. 64), para quem

[...]linguagem autêntica e fontes autênticas devem ser empregadas em aulas de língua estrangeira, desde o início do aprendizado, sempre que possível, em conjunto com o material criado e indicado para o propósito pedagógico – o uso conjugado e apropriado de ambos é o ideal.

Importante se faz ressaltar que tal proposta – a de utilizar o humor como meio de expor dados culturais – se dá com a consciência da miríade de outras possibilidades de se promover o conhecimento cultural em aulas de segunda língua, não existindo, portanto, a pretensão de indicar maior importância da presente opção sobre qualquer outra. Não obstante, acreditamos que a ausência do humor em tal contexto poderia ser encarada como uma importante lacuna, tendo em vista parecer-nos desejável que se promova a exposição dos alunos de L2 ao maior número

⁴ Textos que foram criados com um propósito genuinamente comunicativo (MISHAN, 2005, p.1).

possível de diferentes registros no idioma estudado, a fim de estejam melhor preparados para interações também fora da sala de aula.

Assim, com o objetivo geral de investigar possíveis colaborações que registros humorísticos possam fazer na esfera da interculturalidade na aquisição de L2, e guiados pela visão de linguagem da Linguística de Corpus (doravante LC) como um fenômeno social que deve ser estudado dentro de seu contexto (BERBER SARDINHA, 2004), elegemos a comédia *stand-up* norte-americana para a composição do corpus de estudo da presente pesquisa. Esse registro autêntico, robusto e sem simplificações parece-nos configurar-se como *input*⁵ suficientemente rico e capaz de facilitar a aquisição de língua e, conseqüentemente, de cultura por meio das repetições que traz em seu bojo, dos contextos ali desenhados, bem como das escolhas linguísticas que quebram as expectativas dos ouvintes. Ademais, a baixa densidade lexical desse tipo de registro, que está demonstrada na descrição do corpus constante no terceiro capítulo deste trabalho, parece-nos fornecer a necessária repetição de palavras e estruturas para a facilitação de *priming* lexical – teoria apresentada na seção 2.4 – e conseqüente aquisição de língua (HOEY, 2005) e de informações culturais.

Faz-se necessário tecer uma ressalva quanto ao ambiente de ensino no qual nos parece viável a utilização de textos oriundos de apresentações de comédia *stand-up*. Embora supomos que as restrições de calendário escolar e de conteúdo que se adeque a crianças e adolescentes – restrições típicas de institutos de idiomas e escolas de nível fundamental e médio – se constituam como impedimentos, provavelmente intransponíveis, para o uso da comédia *stand-up* em aulas de L2 nos mencionados ambientes, acreditamos que tanto o contexto da aula particular quanto aquele do ensino em nível universitário sejam adequados para a utilização desse tipo de registro. Se, por um lado, as aulas particulares de L2 – que caracteristicamente proporcionam maior liberdade no uso do tempo e na escolha de materiais e temas a serem abordados – promovem um contato mais estreito entre professor e aluno, de modo a facilitar a identificação e seleção de conteúdo adequado para as aulas, por outro, as universidades, ao menos idealmente, seriam

⁵ Dados linguísticos a que o aprendiz de um idioma é exposto.

locais democráticos e de livres debates de ideias e, portanto, tolerantes e receptivos ao emprego da comédia *stand-up* em aulas de L2.

Sob os preceitos da LC (BERBER SARDINHA, 2004), procedemos de maneira criteriosa à coleta do corpus em língua inglesa, para o qual foram escolhidos dez roteiros de comédia *stand-up* de autores nascidos nos Estados Unidos, dos gêneros masculino e feminino, e com origens culturais diversas. Esse desenho de corpus, cujos critérios estão detalhadamente descritos na seção de metodologia, tem a intenção de contemplar, ainda que parcialmente, a diversidade cultural presente na língua inglesa naquele país, por meio da seleção de comediantes descendentes de africanos, asiáticos, judeus, brancos e latino-americanos (LUFKIN, 2018).

Baseados no entendimento de Stubbs (2001) de que mesmo palavras comuns podem ter forte conotação cultural, especialmente quando ocorrem em expressões frequentes, bem como na tendência natural dos adjetivos de modificar outras estruturas em diferentes domínios semânticos (BIBER et al., 1999, p. 671), possivelmente fazendo vir à tona posicionamentos culturalmente definidos, optamos por averiguar os dez adjetivos mais utilizados no corpus, o que foi possível por meio de sua etiquetagem e, posteriormente, do uso de *scripts* computacionais. Desse resultado, selecionamos cinco adjetivos que figuraram na fala de todos os comediantes: *good*, *little*, *other*, *white*, e *whole*. Para o estudo desses cinco vocábulos com vistas a referências culturais, os textos foram submetidos ao programa de análise linguística *AntConc 3.5.7*, que nos forneceu as linhas de concordância que constituíram o ponto de partida de nossas análises.

Os resultados atingidos demonstram que também palavras que não tenham óbvias referências culturais – como as cinco aqui estudadas – fazem parte da construção de posturas arraigadas nas origens culturais e nas experiências de vida dos comediantes. Essa fusão entre língua e cultura se prestaria à exploração direcionada para o desenvolvimento da competência intercultural de aprendizes de inglês como segunda língua, na medida em que os exporia a diferentes estruturas sociais, pressupostos e expectativas (PULVERNESS, 2014), proporcionando aos alunos uma tomada de consciência inclusive de sua própria cultura.

Tendo em vista o quanto exposto, elaboramos as seguintes perguntas de pesquisa:

1. Quais são os perfis lexicais das palavras *good*, *little*, *other*, *white*, e *whole* no corpus de estudo?
2. Quais são os tópicos comuns a esses perfis lexicais?
3. Quais são as diferenças/semelhanças topicais entre as etnias e os gêneros dos comediantes do corpus de estudo?
4. Quais são os aspectos culturais que os perfis lexicais contidos nesses tópicos parecem revelar?

Para a exposição dos estudos feitos com o objetivo de atingirmos os mencionados intentos, a presente dissertação foi concebida de acordo com a breve descrição que segue.

O próximo capítulo, de número 2, expõe a fundamentação teórica deste trabalho, e traz quatro seções distintas: a primeira se dedica à cultura, a princípio em linhas gerais para, então, tecer relações com a língua e, posteriormente, com L2; a segunda, que versa sobre humor, apresenta, em um primeiro momento, algumas características gerais desse tipo de registro e, em seguida, um breve histórico da comédia *stand-up* norte-americana e, ao final, aponta implicações do uso desse registro em aula de L2; a terceira trata dos conceitos-chave, princípios e práticas da LC – linha mestra desta pesquisa; e, finalmente, a quarta e última seção volta-se para a teoria de *priming* lexical, que reflete nosso entendimento sobre aquisição de língua.

O terceiro capítulo descreve tanto a metodologia quanto o corpus utilizado nos estudos aqui empreendidos. Ali se encontram, assim, os passos percorridos para a concepção, coleta e tratamento do corpus, para a seleção das palavras de estudo, bem como para a obtenção do perfil lexical dessas palavras.

O quarto capítulo, dedicado aos resultados alcançados pelas análises, está dividido em subseções destinadas a cada um dos comediantes que compõem o corpus, onde podem ser observadas as linhas de concordância com as palavras *good*, *little*, *other*, *white*, e *whole*, seus perfis lexicais, e os achados que resultaram das leituras feitas dos textos individualmente. Na sequência, está delineado um

apanhado dos assuntos abordados no corpus e os posicionamentos dos comediantes com o viés de suas etnias e seus gêneros. Por fim, este capítulo traz os possíveis reflexos culturais apreendidos por meio das análises, além de abordar o potencial humorístico nas quebras de expectativas linguísticas dos padrões levantados.

Ao final, encontram-se as considerações finais deste trabalho, seguidas pelas referências bibliográficas e pelos apêndices contendo os *scripts* computacionais utilizados no tratamento do corpus.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fim de possibilitar o entendimento de possíveis contribuições do teor cultural de registros humorísticos para o desenvolvimento da competência intercultural no processo de aquisição de inglês, é imprescindível que se apoie nos conceitos de cultura e humor. Ademais, tendo em vista que a abordagem da LC se faz aqui presente desde a concepção do corpus até a fase final das análises, é necessário também que abordemos seus conceitos-chave, princípios e práticas. Finalmente, embasando a aquisição de língua, discorreremos sobre a teoria de *priming* lexical.

Tendo-se em mente a complexidade de definição de cultura, que pode denotar, por exemplo, desde as tradições de um povo até suas expressões artísticas mais elevadas, foram feitas leituras de autores que trataram desse tema, como Risager (2013), que, traçando a trajetória do conceito de cultura ao longo do tempo, nos garante de um panorama geral do assunto, e Joseph (2013), que lança luz sobre as facetas da identidade cultural. Avançando com esse tema para dentro do processo de aquisição de L2, utilizamos textos de Hanna (2012) para melhor entendermos a importância e o papel da cultura nesse contexto. Pretende-se, por meio dessas leituras, obter subsídios para que se possam reconhecer elementos culturais, revelados possivelmente com o auxílio do humor, presentes no corpus de estudo escolhido para este trabalho.

No campo do humor, utilizando-se do quanto pensado por autores como Chapman e Foot (1996) e Freud (1989), apontamos algumas funções e características daquilo que nos faz rir. Ademais, com o intuito de melhor entendermos a presença de textos de humor em sala de aula, assim como suas possíveis vantagens nesse campo, exploramos textos de Droz e Ellis (1996), Bell e Pomerantz (2014) e Bell (2017).

Na penúltima parte deste capítulo, encontra-se alinhavado um apanhado geral sobre a LC. Uma vez que “o tipo de pesquisa descrito como linguística de corpus abrange uma gama crescente de metodologias e aplicações” ⁶ (ESIMAJE; HUNSTON, 2019, p. 11, tradução nossa), apresentamos os fundamentos que

⁶ The kind of research described as corpus linguistics covers an expanding range of methodologies and applications.

alicerçaram as análises descritas no capítulo 4 deste trabalho. Finalmente, tendo em vista o pano de fundo desta pesquisa – o humor e a interculturalidade para L2 –, explicitamos os principais pontos da teoria de *priming* lexical concernentes à aquisição de língua.

2.1 CULTURA

A heterogeneidade do conceito de cultura pode ser percebida ao observarmos sua evolução ao longo do tempo. Risager (2013) ensina que a palavra “cultura” surge no latim clássico significando “cultivo da terra” para, posteriormente, em um primeiro momento, passar a referir-se ao processo pedagógico de cultivo da mente e da alma e, em seguida, alcançar o resultado desse processo, remetendo-se ao nível mental obtido – donde surge a expressão “pessoa cultivada”. Foi somente no século 19 que as artes, a exemplo da literatura e da música, se cristalizaram como parte do âmbito estético da cultura. Ao final do referido século, de acordo com Pulverness (2014), a antropologia foi a área do conhecimento que moldou a definição mais ampla de cultura que abarca também modos de vida, comportamentos, símbolos, crenças e sistemas de valores de uma sociedade.

A abrangência desse conceito suscitou sua ramificação, de modo que hoje concebemos que “o termo cultura incorpora duas acepções – para significar um completo modo de vida, os significados comuns, e para significar as artes e o aprendizado, os processos especiais de descoberta e esforço criativo” (HANNA, 2012, p. 83). Aderindo a visão semelhante, Stempleski e Tomalin (1993, p. 6) mencionam duas classificações para cultura: a primeira, grafada “Cultura”, é chamada de cultura de realização, e inclui história, geografia, instituições, literatura, arte e música; a segunda, sem a inicial maiúscula e conhecida como cultura de comportamento, refere-se a modos de vida, crenças, percepções e, naturalmente, comportamentos.

Essa complexidade que envolve a definição de cultura demanda um esclarecimento de que, uma vez que nossa linha mestra é o humor e a dimensão intercultural no âmbito de L2, pareceu-nos adequado pautarmos este estudo nas duas acepções acima mencionadas, alinhando as investigações também ao entendimento da UNESCO de que

[...] a cultura deve ser considerada como um conjunto de características espirituais, materiais, intelectuais e emocionais distintas de uma sociedade ou grupo social, que engloba, além de arte e literatura, estilos de vida, modos de vida em conjunto, sistemas de valores, tradições e crenças (ORGANIZAÇÃO..., 2002, p. 62, tradução nossa)⁷.

Ao alterarmos o foco do todo da cultura como um fenômeno coletivo para o indivíduo que dela faz parte, nele avistamos o repertório de identidades que determinam seu pertencimento. Essas identidades, de acordo com Joseph (2013), são indissociáveis da cultura – uma vez que caracterizam aqueles que participam de uma cultura ao mesmo tempo em que a constituem – e encontram-se nas esferas nacional, étnica, religiosa, geracional, de gênero, de classe social, de orientação sexual, profissional, dentre outros vários níveis de pertencimento sub- e supranacional. A essa ideia acrescenta-se a afirmação de Sernhede (2013, p. 1601, tradução nossa) de que o que somos e com quem compartilhamos senso de comunidade dependem do modo como atribuímos significado ao mundo, ou seja, uma cultura é moldada por meio da produção e troca de significados: “[t]odos os produtos e práticas culturais nascem da busca instintiva do ser humano pelo significado e por recorrerem a símbolos, signos ou representações que o permita configurar e comunicar sua situação e necessidades”⁸.

A percepção de traços identificadores de membros de uma comunidade, entretanto, parece não se dar por observação direta do indivíduo, mas por meio de suas ações:

[e]ntre os elementos constituintes da identidade cultural, os gostos compartilhados e as inclinações são de orientação mais corporal e emocional, enquanto as crenças e valores compartilhados são mentais e racionais. Mas nenhum desses gostos, inclinações, crenças ou valores é diretamente observável, exceto em si mesmo através da introspecção. Tudo o que podemos observar nos outros são práticas e textos, dos quais inferimos os outros elementos⁹ (JOSEPH, 2013, p. 1587, tradução nossa).

Essa necessidade de se levar em conta as práticas de uma pessoa ou grupo para que se conheçam seus pertencimentos avalizaria a busca por traços culturais

⁷ “[...] culture should be regarded as the set of distinctive spiritual, material, intellectual and emotional features of society or a social group, and that it encompasses, in addition to art and literature, lifestyles, ways of living together, value systems, traditions and beliefs.”

⁸ “All cultural products and practices are born of the human being’s instinctive search for meaning and his or her recourse to symbols, signs, or representations to be able to configure and communicate his or her situation and needs.”

⁹ “Among the constituent elements of cultural identity, shared tastes and inclinations are more bodily and emotional in orientation, while shared beliefs and values are mental and rational. But none of these tastes, inclinations, beliefs, or values is directly observable, apart from in oneself through introspection. All we can observe in others is practices and texts, from which we infer the other elements.”

no corpus de estudo proposto neste trabalho. Ademais, ao se utilizar de textos do registro comédia *stand-up* em aulas de L2, automaticamente se proporciona o conhecimento de uma amostra da cultura de realização de comunidades do idioma estudado, na medida em que esse registro integra as artes daquele povo. Essa alternância do material didático para esse material autêntico representaria, por si só, um benefício no processo de aquisição de L2 ao promover o contato com uma forma de expressão artística em sua íntegra e proporcionar exposição à comunicação real em oposição àquela inventada/simplificada com objetivos meramente didáticos. Para além disso, as análises que serão feitas pretendem vislumbrar evidências de comportamentos e percepções de mundo que possam emergir dos textos, revelando identidades culturais de falantes nativos da L2.

Diante de todo o exposto nesta subseção, convém reiterar que o conceito de cultura presente nesta pesquisa abarca os dois vieses anteriormente mencionados: aquele da cultura de realização, uma vez que se propõe a apresentação, aos alunos, de textos humorísticos autênticos, pertencentes ao registro comédia *stand-up*, que fazem parte do repertório artístico de comunidades que têm o inglês como primeira língua, bem como aquele da cultura de comportamento, visto que as análises buscarão evidências de como os autores parecem reagir a situações cotidianas, o que poderia revelar modos de vida, valores, tradições e crenças. Destarte, acrescentamos que a abordagem da cultura, neste trabalho, se dará pelo viés do mencionado registro.

2.1.1 Cultura e língua

A conexão existente entre cultura e língua incorporaria dois prismas que se complementam ao mesmo tempo em que se sobrepõem: por um lado, a língua pode ser considerada como *parte* de uma cultura, consoante Zarate (2013), que entende a língua como um dos vários emblemas de uma nação; por outro, é possível concebê-la como *veículo* de cultura, como faz Hanna (2012). Seja de uma forma ou de outra, a impossibilidade de dissociação entre cultura e língua parece ser consenso entre aqueles que se dedicam a estudos nessa área, a exemplo do sociólogo Sernhede (2013), e de linguistas como Lee (2007), Goddard (2015) e Pulverness (2014), para quem a noção de língua apenas como um instrumental sem valores impossibilitaria,

em um evento de comunicação, tanto o reconhecimento do subtexto cultural ali presente quanto a formulação de respostas apropriadas à situação.

A indivisibilidade das práticas linguística e cultural também é defendida por Joseph (2013), na medida em que afirma que as identidades culturais são criadas, transmitidas, reproduzidas e executadas por meio de signos. Acrescenta, ainda, que,

[s]endo a língua o sistema semiótico máximo, toda identidade idealmente almeja uma língua própria. Não uma língua totalmente nova, mas pelo menos algum segmento do vocabulário que os membros daquela cultura possam usar para se distinguir dos que não pertencem a ela¹⁰ (JOSEPH, 2013, p. 1587, tradução nossa).

Tal necessidade de um linguajar específico parece respaldar a ideia de que uma maneira de se perceber a cultura permeando a língua seria por meio da observação de palavras e combinações de palavras que são mais repetidas por membros de certa comunidade do que de outra. Lee (2007) defende que a produção linguística, para ser reconhecida como representativa de línguas, dialetos ou jargões específicos, necessariamente inclui expressões anteriormente utilizadas em situações semelhantes. Dito de outro modo, há formas convencionais e, muitas vezes, inconscientes de se dizer as coisas, que são reproduzidas para que se faça parte de um grupo social e, portanto, são indicadores de valores culturais fortemente enraizados (LEE, 2007).

Stubbs (2001, p. 147, tradução nossa) sanciona a percepção de que utilizamos a língua de modo convencionalizado e, ainda, a expande ao afirmar que

[a]s pessoas geralmente não se expressam "em suas próprias palavras", mas em palavras que são infinitamente recicladas em sua comunidade de fala. Os falantes nativos não se limitam apenas às regras gramaticais, mas também às normas idiomáticas e talvez até às normas do que se espera que digam¹¹.

Assim, o entendimento de que seguimos normas implícitas que direcionam nossas escolhas de palavras e modos de fala, de maneira que reproduzimos muito do que já foi dito, apontaria para a coerência de se procurar identificar características representativas das comunidades de origem dos autores que

¹⁰ "Language being the ultimate semiotic system, every identity ideally wants a language of its own. Not a wholly new language, but at least some segment of the vocabulary that insiders can use to distinguish themselves from outsiders."

¹¹ "Speakers do not usually express themselves 'in their own words', but in words which are endlessly recycled in their speech community. Native speakers conform not only to rules of grammar, but also to norms of idiomaticity, and perhaps even to norms of what they might be expected to say."

compõem o corpus de estudo, por meio da análise de palavras ali utilizadas repetidamente, levando em conta seus cotextos e contextos.

2.1.2 Cultura e L2

Considerando-se a natural integração entre língua e cultura, bem como o desenho do mundo como conhecido nos dias de hoje, com a tecnologia viabilizando a comunicação global de modo altamente acessível e instantâneo, o desenvolvimento da competência intercultural por aprendizes de um segundo idioma torna-se não só algo desejável, mas, sobretudo, uma necessidade. A exposição a outros modos de pensar e viver tornou-se cotidiana, especialmente nos grandes meios urbanos, por meio do acesso a tudo aquilo que a rede mundial de computadores proporciona, assim como do contato próximo com outras nacionalidades que o turismo e a migração em grande escala promovem. É nesse cenário de pluralidade que parece emergir a relevância de um ensino que leve em consideração as culturas pertinentes à língua nativa (doravante L1) e à L2, tanto no tocante àquilo que as difere quanto àquilo que as assemelha, pois é no reconhecimento da própria cultura que se conhece a cultura do outro (BYRAM, GRIBKOVA e STARKEY, 2002).

De fato, o elemento cultural no ensino de L2 parece ser tão imprescindível quanto qualquer elemento da L2 em si. Conforme Buttjes e Byram (1990, p. 7, tradução nossa), “as razões para o insucesso no aprendizado de um idioma e falha na comunicação intercultural são crescentemente vistas como sendo de natureza cultural, e não de natureza linguística.”¹². Um exemplo bastante simples de diferença entre culturas, que pode influenciar na interação entre pessoas de diferentes nacionalidades, é o fato de brasileiros tenderem a fisicamente guardar uma distância menor entre si e seus interlocutores do que aquela considerada confortável por, por exemplo, norte-americanos. Esse caso, apesar de ser trivial e com consequências que possivelmente não resultem em nada além de desconforto, ilustraria como a falta de consciência sobre os próprios costumes pode afetar o reconhecimento das diferenças entre culturas.

¹² “The reasons for frustration in language learning and failure in cross-cultural communication are increasingly seen to be cultural rather than linguistic in nature.”

Diante do questionamento sobre a viabilidade, e até mesmo da real possibilidade de se *ensinar* cultura, Stempleski e Tomalin (1993) defendem que o que se consegue atingir em sala de aula de L2 é a promoção de consciência cultural – por eles definida como sensibilidade ao impacto de comportamento culturalmente induzido no uso da língua e na comunicação – por meio do estímulo à observação, incentivo ao pensamento crítico sobre os estereótipos culturais, e desenvolvimento de tolerância. Esses procedimentos implicam necessariamente a percepção do outro, o que deve acontecer em uma relação paritária, com a clareza de “[...] que não há um valor positivo intrínseco na sociedade que usa a língua estrangeira como a inglesa ou no nosso próprio grupo social” (MOTTA-ROTH, 2006, p. 295).

O relacionamento igualitário que aparenta ser o cerne da comunicação intercultural reflete-se também na opção de Pulverness (2014) por referir-se às duas culturas envolvidas no âmbito do ensino de L2 como “cultura de origem” e “cultura de estímulo”, em lugar de chamar essa última de “cultura-alvo” – nomenclatura que naturalmente lhe conferiria soberania em relação à cultura de origem do aprendiz. Esse mesmo raciocínio é reforçado por Motta-Roth (2019, p. 286) ao defender

[...] que o ensino multicultural de língua estrangeira, além de ensinar itens linguísticos específicos, depende de uma relação intercultural paritária entre ‘nós’ e os ‘Outros’. Assim, ensinar língua estrangeira sob uma perspectiva intercultural pressupõe educar professores e alunos para analisarmos estereótipos culturais e vermos diferenças e conflitos como condições do mundo atual a partir de uma base paritária [...].

Uma vez explicitada a conjunção intrínseca entre cultura e língua na aquisição de L2, e entendida a dimensão intercultural nesse âmbito como facilitadora para a compreensão da interação social como um evento no qual múltiplas identidades culturais atuam, a questão que se impõe é o modo por meio do qual se pode promover a competência intercultural dos alunos. Hanna (2012, p. 59-60) indica a contextualização sociocultural para esse fim, que pode ser implementada por meio do uso de materiais autênticos – entendidos, no âmbito deste trabalho, como todo e qualquer material que não tenha sido produzido com propósitos didáticos –, uma vez que eles incorporam e representam a cultura de estímulo e, assim, “dão aos aprendizes ensejo de observar hábitos, costumes, comportamentos, interações dos povos da língua-alvo, oferecendo-lhes oportunidade de inferir e comparar valores e atitudes”.

Na aula de L2, com efeito, o papel do texto autêntico – definido por Hanna (2012) como um texto que foi criado por um autor real, para uma audiência real, para preencher algum propósito cultural na língua da comunidade em que foi produzido – assumiria relevância ao considerarmos os cinco componentes da competência intercultural conforme preconizado por Byram, Gribkova e Starkey (2002): 1. atitudes de curiosidade e disposição para relativizar valores, crenças e comportamentos, bem como de aceitação de diferenças; 2. conhecimento sobre grupos e práticas sociais em seu próprio país e naqueles de seus interlocutores, incluindo conhecimento sobre interação social e individual; 3. habilidade para interpretar outra cultura, relacionando-a com a sua própria; 4. habilidade para descobrir uma nova cultura e interagir sob as pressões da comunicação em tempo real; e 5. consciência cultural crítica, tanto no que diz respeito à sua própria cultura quanto à do outro.

A dificuldade de definição e abordagem de cultura em sala de aula está presente na prática de muitos professores de línguas, que acabam por se apoiar no conceito de que “uma língua = uma cultura”, de modo que o foco recai sobre os costumes típicos e, por vezes, estereotipados de grupos dominantes da comunidade dos falantes nativos (KRAMSCH, 2013). É possível que o contato guiado – ou seja, trabalhado em sala de aula – com amostras da cultura de realização e de comportamento da L2 atue no sentido de desfazer ou, ao menos, mitigar os estereótipos a que os alunos não raramente se apegam, conforme Kramsch (2013), especialmente por não conseguirem entender as culturas estrangeiras apenas valendo-se das referências com as quais cresceram.

Assim, aderindo ao entendimento de que a dimensão intercultural em uma aula de L2 se dá no confronto e na tomada de consciência das posturas culturais ali presentes (BYRAM; GRIBKOVA; STARKEY, 2002), objetivamos investigar possibilidades de enriquecimento do processo de aquisição de língua inglesa, com o estímulo ao desenvolvimento da competência intercultural, por meio da utilização de registros humorísticos autênticos, aqui representados por apresentações de comédia *stand-up*, que caracteristicamente abrangem limitado número de palavras diferentes, ou seja, têm baixa densidade lexical, e, portanto, apresentariam a necessária repetição lexical que resulta em *priming* e, consequentemente, na aquisição de língua (HOEY, 2005) e de informações culturais.

2.2 HUMOR

Sendo o humor um tema bastante complexo e, portanto, estudado por vertentes diversas a exemplo da Psicologia e da Linguística, não há, nesta pesquisa, a intenção de tratar de todos os seus aspectos, nem tampouco de discutir as teorias existentes a seu respeito. O que nos interessa, aqui, é o texto humorístico – mais especificamente aquele pertencente ao registro comédia *stand-up* –, que é concebido com a intenção de fazer rir, ainda que essa reação por parte do interlocutor jamais possa ser assegurada, uma vez que aquilo que causa riso para alguns pode, igualmente, causar estranheza, indignação ou repulsa para outros. De todo modo, uma vez que o foco deste trabalho é o texto humorístico – e não o humor do professor, do aluno, ou mesmo aquele possa emergir espontaneamente das interações em sala de aula de L2 – traçaremos, a seguir, algumas considerações sobre o papel do humor em nossa vida cotidiana para, então, desenharmos um breve histórico da comédia *stand-up* norte-americana, já que é desse registro que foi retirado o corpus a ser analisado. Finalmente, trataremos do humor no âmbito da aquisição de L2, no sentido de melhor entendermos os possíveis proveitos do uso desse registro em sala de aula.

Visto que tem uma função predominantemente social (DROZ; ELLIS, 1996), o humor parece estar presente em inúmeras interações de nosso dia a dia, sejam elas descontraídas e naturalmente inclinadas à distração causada pelo cômico, sejam elas situações tensas em que se recorre ao humor como um recurso atenuante da ansiedade ou do estresse. Freud (1989) qualifica o humor como uma das habilidades presentes no convívio social cotidiano, além de ressaltar sua forte atratividade:

[p]odemos também ter em mente o charme peculiar e até mesmo fascinante exercido pelas piadas em nossa sociedade. Uma piada nova atua quase como um evento de interesse universal; ela é passada de uma pessoa para outra assim como a notícia da vitória mais recente¹³ (FREUD, 1989, p. 13, tradução nossa).

Uma característica fundamental do humor que o reforça ainda mais como elemento social é o eventual riso, que, pelo menos naqueles instantes em que é compartilhado por aquele que produz o humor e por seu decodificador, ou mesmo

¹³ “We may also bear in mind the peculiar and even fascinating charm exercised by jokes in our society. A new joke acts almost like an event of universal interest; it is passed from one person to another like the news of the latest victory.”

somente por seus decodificadores, os une nessa reação prazerosa. Experimentos mostraram que o riso de outras pessoas, estejam elas presentes ou seja o riso gravado, como comumente ocorre em programas humorísticos produzidos para a televisão, provoca riso mais intenso e com maior duração nos outros ouvintes do humor (Chapman, 1976). Em outras palavras, as pessoas parecem rir mais e melhor quando acompanhadas.

O interesse pelo cômico, bem como sua ubiquidade em nossas rotinas usuais, pode ser facilmente entendido quando se considera a natural busca do ser humano pelo agradável e aprazível. Por extensão, é possível observar que aqueles que têm bom senso de humor são mais bem quistos e até mesmo mais respeitados: as pessoas gostam daqueles que as fazem rir (FREUD, 1989). Chapman e Foot (1996, p. 1-2, tradução nossa) vão além, e consideram que o humor é, na verdade, necessário em nosso dia a dia:

[...] os valores atribuídos ao humor e à ‘indústria’ do humor são claramente refletidos na popularidade conferida aos artistas da comédia [...]. Tal popularidade é em si evidência suficiente das necessidades emocionais que a comédia atende em nossas monótonas vidas cotidianas¹⁴.

O fato de que nossas necessidades emocionais demandam humor ficaria evidenciado pelo destaque que o registro humorístico recebe nas mais variadas frentes, a exemplo de consultorias que apresentam meios de se inserir o humor no dia a dia de ambientes de trabalho que, importante ressaltar, existem tanto em países onde as pessoas são geralmente consideradas mais circunspectas, como a Alemanha, como naqueles onde se acredita haver naturalmente mais espontaneidade nos relacionamentos, como o Brasil; dos movimentos como aquele encabeçado pelos prestigiados *Doutores da alegria*, que objetivam, por meio do riso, tornar mais leve as doenças e os tratamentos médicos em inúmeros hospitais; bem como mesmo da existência de uma área de pesquisa dedicada ao estudo do humor e do riso, bem como de seus efeitos fisiológicos e psicológicos – a gelotologia.

Devem-se mencionar, ainda, os efeitos inevitavelmente produzidos de forma direta pelo riso eventualmente provocado pelo humor: o relaxamento e alívio da tensão. É até mesmo possível fazer a comparação entre esses efeitos e aqueles de um medicamento:

¹⁴ “[...] the values placed upon humour and the humour ‘industry’ are clearly reflected in the popularity [...] accorded comedy artists [...]. Such popularity is itself evidence enough of the emotional needs which comedy fulfils in our everyday humdrum lives.”

[o] humor é um tranquilizante natural. Uma boa piada nos relaxa e alivia a tensão mais rapidamente do que qualquer droga. Se pudéssemos embalar o humor, o Prozac® não seria mais necessário. O humor é definitivamente uma substância que altera o estado de espírito. Nada pode mudar o estado de espírito mais rapidamente do que o humor¹⁵ (DROZ; ELLIS, 1996, p.13, tradução nossa).

Parece-nos que tanto o fato de o humor estar frequentemente presente no convívio social, no qual desponta como uma habilidade em diversos tipos de interação, quanto o relaxamento decorrente do riso que pode ser por ele provocado confeririam ao registro humorístico relevância em aulas de L2 (BELL; POMERANTZ, 2014; BELL, 2017) que se pretendam indutoras de aquisição de habilidades linguísticas e comunicativas autênticas, ou seja, mais próximas da realidade encontrada fora do âmbito escolar.

Imperativo se faz esclarecer que as análises que serão mais adiante apresentadas não pretendem encontrar prioritariamente o humor nos dados que restarão isolados: o texto humorístico da comédia *stand-up* nos interessa pelo teor cultural que possivelmente carregue em si — haja vista que atualmente suas temáticas tendem a se basear em experiências pessoais cotidianas e posicionamento dos comediantes perante acontecimentos que ganham os noticiários e mídias sociais (ZOGLIN, 2017) —, bem como pelos benefícios para a aquisição de L2 que ele seria capaz de trazer quando usado em sala de aula. Isso significa dizer que, ao esmiuçarmos parcialmente os textos que compõem o corpus, com o propósito de melhor entendermos as posturas assumidas pelos autores diante de questões cotidianas, não há a expectativa de que os fragmentos analisados se mantenham engraçados, pois o foco do trabalho não são palavras que isoladamente possam causar o riso mas, sim, o texto humorístico como um todo.

2.2.1 Comédia *stand-up* norte-americana

A comédia *stand-up* teve sua origem em palestras cômicas que ocorriam no século XIX nos E.U.A., a exemplo daquelas apresentadas por Mark Twain quando em viagem por aquele país (ZOGLIN, 2017). Embora a comédia tivesse importante papel também nas apresentações no estilo vaudeville, nas quais grupos de atores

¹⁵ "Humor is a natural tranquilizer. A good joke relaxes us and relieves tension faster than any drug. If we could package humor, Prozac® wouldn't be needed anymore. Humor is definitely a mood-altering substance. Nothing can change a mood faster than humor."

interagiam durante seus números, ela começou a tomar a forma de *stand-up*, como hoje a conhecemos, por meio de alguns artistas – como Frank Fay – que, por volta dos anos de 1930, desenvolveram o modo de espetáculo executado por apenas um comediante (ZOGLIN, 2017). Ainda de acordo com Zoglin (2017), foi nessa mesma época que o conteúdo dessas apresentações passou a ser elaborado a partir de noticiários, fofocas, e do cotidiano do próprio comediante – assim como ocorre hoje –, sendo dado destaque ao comediante Bob Hope quando de tal evolução.

Os anos de 1950 assistiram a uma nova onda de comediantes *stand-up*: o estilo mecânico de contar piada foi deixado para trás, dando lugar a comentários sarcásticos e socialmente engajados que direcionavam suas críticas a diversos pilares da sociedade americana, como política, religião, moral, e cultura popular (ZOGLIN, 2017). Conforme Zoglin (2017), ao final dos anos de 1970, a comédia *stand-up* norte-americana se mostrava menos interessada em comentários sócio-políticos e voltava-se mais para as dificuldades cotidianas, e acabou por atingir tamanha importância na cultura americana que vários clubes dedicados a ela surgiram, especialmente em Los Angeles e Nova Iorque.

Assim, foi ao longo de mais de um século que a comédia *stand-up* se desenvolveu até atingir o formato como é conhecido nos dias de hoje. Nomes proeminentes da comédia *stand-up* norte-americana, a exemplo de Jerry Seinfeld, juntamente com artistas igualmente importantes dedicados a monólogos televisivos, como David Letterman e Jay Leno, têm reforçado o papel do *stand-up* como principal meio da cultura americana de processar e comentar notícias sobre líderes políticos, fofocas, e manchetes do dia (ZOGLIN, 2017).

Esse viés situacional da comédia *stand-up*, ou seja, o fato de ser um registro que explora tanto experiências pessoais quanto acontecimentos que ocupam os noticiários, se configuraria como um possível incremento cultural na aula de L2, na medida em que refletiria visões de mundo do autor que provavelmente se alinham àquelas de seu público e, portanto, poderiam ser entendidas como representativas de ao menos algum segmento daquele grupo social.

2.2.2 Humor no ensino de L2

No passado, poucos estudos educacionais se debruçaram sobre o humor, uma vez que os processos de ensinar e aprender normalmente são considerados sérios, o que naturalmente excluiria o humor desse cenário (BELL, 2017). Ainda de acordo com Bell (2017), a teoria sociocultural, que na metade da década de 1990 tornou-se um importante modo de se entender o desenvolvimento de L2 e começou a mostrar interesse por um tipo de língua menos séria, juntamente com crescentes discussões sobre o ensino de língua autêntica, contribuíram para abrir espaço para estudos sobre o humor na sala de aula.

Parece-nos que, conforme o enrijecimento do modelo educacional focado na transferência de conhecimento formal do professor para o aluno foi, com o tempo, esmaecendo, uma maior descontração no ambiente escolar aos poucos teria ganhado corpo, possibilitando, assim, a ocorrência espontânea e mesmo a inserção intencional do humor nas aulas. Aqueles que estiveram no banco escolar até meados de 1980 possivelmente são capazes de recordar momentos, na sala de aula, em que o riso apenas não eclodiu livremente entre todos por receio dos castigos que certamente se seguiriam ao episódio. É possível que esses mesmos motivos de riso, em uma sala de aula nos dias hoje, fossem não só uma oportunidade de descontração, como também de aquisição de conhecimento, tendo em vista a maior flexibilidade dos professores da atualidade, bem como da visão de educação como troca de conhecimentos entre todos os envolvidos nesse processo.

O fato de a apreciação do humor trazer prazer, por si só, teria potencial para justificar a inserção do cômico na sala de aula. Esse relaxamento que seria causado pelo riso poderia reduzir a tensão, o que, por sua vez, facilitaria o processo de aquisição de um novo idioma (BELL, 2017). Quando a isso se acrescenta o papel fundamental do ouvinte para a efetiva realização do humor — é somente com o riso dessa pessoa que o humor se completa (FREUD, 1989, p. 178) —, o texto humorístico parece emergir como um recurso capaz de promover a socialização entre os alunos e, possivelmente, a coesão desse grupo. O uso do humor é notadamente corriqueiro nas mais diversas situações sociais — de encontro entre amigos a discursos políticos; de piadas no ambiente de trabalho a humor conversacional em situações de estresse —, o que faria dele importante elemento

constituente de qualquer curso de inglês que almeje a aquisição de habilidades para se comunicar com propriedade e interagir em sociedade utilizando esse novo idioma.

A língua geralmente é abordada em sala de aula como sendo um sistema fechado e estável, e a comunicação, como ato transacional que ignora a interpretação e a relação interpessoal nele envolvidas, concepções que não levam em conta que a língua e os significados são negociados e construídos nas interações; dito de outro modo, língua e comunicação comportam-se de modo diferente no mundo real se comparado ao modo como geralmente são apresentadas para alunos de L2 (BELL; POMERANTZ, 2014). Nesse cenário, Bell e Pomerantz (2014) afirmam que o humor é um possível meio de trazer para o processo de aquisição de L2 noções de língua e comunicação mais próximas da realidade, aumentando a consciência metalinguística e os repertórios comunicativos e interpretativos dos alunos, uma vez que o texto humorístico ilustra importantes características da língua: variabilidade – as idas e vindas entre a criatividade e a padronização da língua –; dinamismo – as alterações e construções efetuadas por seus usuários –; dialogismo – o significado não é monológico –; e, finalmente, contextualização.

Além de textos humorísticos autênticos, quando utilizados no processo de aquisição de L2, servirem como um recorte da realidade, colaborando para afastar a sala de aula de seu caráter costumeiramente fictício tanto no que tange o idioma quanto naquilo que diz respeito às interações sociais como um todo (BELL; POMERANTZ, 2014), seus efeitos facilitadores podem ser notados nas esferas emocional, social e cognitiva. As implicações emocionais incluem um contexto escolar mais interessante, divertido e com menos ansiedade, capaz, portanto, de promover relação mais confortável entre professor e alunos, bem como melhores resultados na aquisição de L2 (BELL, 2017). O relaxamento causado pelo humor serviria, ainda, como um benéfico descanso de assuntos mais áridos, conforme lição legada pelo filósofo David Hume:

[...] se distrair e divertir, além do valor terapêutico intrínseco ('ocupar a mente'), tem também um valor heurístico: [...] de tanto matutar um problema, o filósofo será acometido de melancolia e delírio, só curados não pela filosofia, mas pela natureza, muito mais sábia, que faz a mente buscar um relaxamento de seu esforço em entretenimentos como jogar gamão, jantar e conversar com amigos (SUZUKI, 2011, p.7).

Guardadas as devidas particularidades da filosofia e aquelas do processo de aquisição de um segundo idioma, seria possível fazer um paralelo entre as atividades do filósofo de Hume e aquelas de um aprendiz de L2. É possível que, no decorrer dos estudos, o aluno também seja acometido por uma dificuldade momentânea de absorver conhecimentos, devido ao próprio cansaço mental que possa resultar dos esforços feitos. Semelhantemente, poderíamos considerar o humor como uma das possíveis formas de entretenimento, conforme sugerido por Hume, visto que o humor e o riso têm potencial para provocar o relaxamento do corpo e da mente. Assim, esse relaxamento traria em si o fator revigorante, a nova energia para se levar adiante os estudos.

Um dos impactos cognitivos, por sua vez, pode ser percebido por meio da maior facilidade de memorização de estruturas e funções da L2 – para o que se sugere que o humor seja relevante ao assunto que estiver sendo abordado (BELL, 2017). Assim, a contextualização do humor parece ser fator importante quando de sua aplicação no contexto escolar: piadas não relacionadas ao tema, ou à estrutura que estiver sendo estudada, possivelmente não iriam além do benefício emocional de reduzir a ansiedade da situação – não que isso já não fosse de algum proveito –, e deixariam de alcançar o efeito cognitivo de facilitação da retenção de algum aspecto da L2.

Ainda na esfera cognitiva, tem-se a manutenção da atenção por mais tempo durante a aula (BELL, 2017), ao que nos cabe acrescentar que o uso do humor pode fazer

[...] uma diferença significativa nos intervalos de concentração até mesmo de estudantes com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. As habilidades de pensamento crítico, aprendizagem de conceitos e até mesmo o letramento são melhorados quando o humor é utilizado. O humor abre nossas mentes para novas possibilidades. Quando o humor fornece as ligações cognitivas extras, a aprendizagem é potencializada. Ele também faz com que o aluno conecte seu conhecimento prévio com a nova informação¹⁶ (DROZ; ELLIS, 1996, p. 35, tradução nossa).

Finalmente, o papel do humor no processo de aquisição de L2 desponta como vantajoso também no campo social. O engajamento mais efetivo em interações é

¹⁶ “[...] a significant difference in the attention spans of even students with Attention Deficit Hyperactivity Disorder. Critical thinking skills, concept learning, and even literacy skills are improved when humor is used. Humor opens our minds to new possibilities. When humor provides the extra cognitive links, learning is enhanced. It also allows students to link their prior knowledge with the new material.”

facilitado quando se trabalha humor em sala de aula, pois isso possibilita ao aprendiz desenvolver diferentes vozes, registros e estilos, conforme são verificados no registro humorístico, diferentemente do repertório tipicamente presente no discurso de sala de aula (BELL, 2017).

Assim, o fato de apresentações de comédia *stand-up* não serem escritas com o propósito de utilização em aulas de L2 faz desse tipo de registro, a nosso ver, uma importante contribuição para a promoção de aquisição de estruturas linguísticas, bem como de conhecimentos culturais, uma vez que se constitui em material autêntico e, portanto, sem as adaptações e simplificações linguísticas e de conteúdo a que geralmente são submetidos os textos que incorporarão livros pedagógicos. Igualmente, a exposição a textos humorísticos colaboraria para um melhor preparo do aluno de L2 para interações fora da sala de aula. Do mesmo modo que, em nosso dia a dia, temos contato com nossa língua nativa, por exemplo, na veiculação de notícias pela TV, nas músicas que ouvimos no rádio a caminho do trabalho, e no *e-mail* recebido do cliente, dentre outras inúmeras e contínuas ocorrências, acreditamos que incrementar as aulas de L2 por meio de textos humorísticos, a exemplo da comédia *stand-up*, seria prover o aluno com uma das muitas formas nas quais ele encontrará, em situações reais, a L2 em uso. Se a aquisição da língua é promovida pelos diversos encontros que se tem com ela em uso, conforme preconiza a teoria de *priming* lexical (HOEY, 2005), as exposições a diferentes tipos de registro igualmente promoveriam um aumento nesse tipo de repertório do aluno de L2 e, assim, resultaria em seu melhor preparo para a interação no novo idioma fora da sala de aula.

Julgamos importante mencionar que, embora neste trabalho tenhamos em mente um público adulto, parece-nos que o bom senso do professor e sua familiaridade com os alunos devem sempre guiá-lo, tanto no momento da seleção do registro humorístico a ser usado em sala de aula, quanto naquele de sua abordagem. Embora seja possível abordar criticamente o humor negro ou aquele que tenha alvo específico (judeus, portugueses, loiras, dentre outros), discutindo-se posturas culturalmente definidas e, até mesmo, comparando-as aos posicionamentos comuns na cultura brasileira, de modo a se atingir uma dimensão intercultural na aula de L2, acreditamos que a escolha dos textos humorísticos a serem apresentados nesse contexto deve ser feita de maneira absolutamente

cuidadosa e criteriosa. De todo modo, se considerarmos as costumeiras limitações de tempo dos cursos de língua e a proposta de se utilizar apresentações de comédia *stand-up* em sala de aula, a fragmentação do texto se torna, por um lado, inevitável e, por outro, ocasião perfeita para a adequada seleção do trecho a ser abordado.

Feitas tais considerações acerca de cultura, língua, humor, o registro *comédia stand-up* e suas contribuições para a aquisição de L2, passamos para a fundamentação da abordagem da Linguística de Corpus e sua adequação para esta pesquisa.

2.3 LINGÜÍSTICA DE CORPUS

A LC refere-se a investigações sobre linguagem que se apoiem em dados provenientes de um conjunto de material escrito ou falado, que tenha ocorrido naturalmente – isto é, que, apesar de ser usado para investigações linguísticas, não tenha sido criado para esse fim –, e que seja armazenado em computador, conjunto esse que recebe o nome de corpus (ESIMAJE; HUNSTON, 2019). Essas mesmas autoras ensinam que a seleção do conteúdo do corpus deve almejar que aquela língua ou variedade linguística que se pretenda estudar seja tão bem representada quanto possível. Essa representatividade geralmente resulta em um grande volume de dados, que se configura em outra característica do corpus: seu tamanho, que pode atingir extensas proporções, tornando-se imprescindível o uso de computadores para seu manejo e análise. Berber Sardinha (2004, p. 38) complementa essa descrição de representatividade de um corpus ao ressaltar a importância dos critérios para sua coleta.

Embora os estudos linguísticos por meio de corpora remontem à Grécia Antiga, com o Corpus Helenístico, e tenham perdurado pela Antiguidade e Idade Média, com corpora de citações da bíblia, e ao longo dos vários anos até alcançarem o século XX, foi somente nos anos 1960 que o advento dos computadores conferiu à LC seu *modus operandi* como é hoje conhecido. Foram essas máquinas de processamento de dados que permitiram que as informações não mais fossem coletadas, mantidas e analisadas manualmente, viabilizando a execução de tarefas mais complexas e com um volume muito maior de dados (BERBER SARDINHA, 2004). Assim, a consolidação e a expansão da LC se dá no mesmo passo da evolução da tecnologia computacional.

Devemos ressaltar que o status da LC pode ser considerado ainda hoje um pouco controverso. Oliveira (2009), por exemplo, considera a LC como sendo uma área do conhecimento, uma vez que estuda o fenômeno da linguagem sob uma perspectiva própria, ou seja, considerando-a um fenômeno social, e o faz de uma maneira específica, por meio do estudo de textos reais e utilizando-se de programas de computador (OLIVEIRA, 2009, p. 49). Shepherd (2009, p. 150), por seu turno, entende que “[...] o status [da LC] de ‘ramo da linguística’ ou ‘metodologia de tratamento de dados’ pode ser estabelecido ao se decidir o ponto de entrada em

dados oriundos de textos eletrônicos”. Entretanto, Esimaje e Hunston (2019, p. 12-13) mencionam que uma posição mais conciliadora tem sido cada vez mais adotada: a visão da LC como um método que pode ser aplicado a qualquer teoria linguística.

No que diz respeito a este trabalho, filiamo-nos ao entendimento de que “a Linguística de Corpus trabalha dentro de um quadro conceitual formado por uma abordagem empirista e uma visão de linguagem como sistema probabilístico [...]” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 30). É com base nessa abordagem e visão que guiamo-nos desde a concepção do corpus de modo criterioso, conforme está descrito no próximo capítulo, até as análises em busca por padrões de uso da língua que pudessem desvelar posturas culturais: a espinha dorsal das investigações aqui empreendidas é constituída pela LC. Desse modo, é imperioso que se esclareçam seus conceitos-chave, que podem ser organizados de acordo com três fases da pesquisa: a concepção do corpus, seu preparo para a exploração por programas computacionais, e as informações obtidas a partir dele.

Uma vez que se tem claro o objetivo da pesquisa que será feita, a LC estabelece parâmetros para a construção do corpus no que tange seu conteúdo, tamanho, equilíbrio e representatividade. Os textos que compõem o corpus – seu conteúdo – são escolhidos de acordo com a pergunta de pesquisa e, embora devam ser restritos nesse sentido, devem ser tão variados quanto possível dentro dessas limitações (ESIMAJE; HUNSTON, 2019, p. 13-14). A título de exemplificação, no presente estudo, tendo em vista o objetivo de investigar aspectos culturais em textos humorísticos como meio de promover discussões interculturais em aulas de L2, escolhemos comédias de *stand-up* – em língua inglesa – veiculadas entre 2015 e 2018 como conteúdo de nosso corpus, caracterizando-o, assim, como um corpus de textos específicos.

No tocante ao tamanho do corpus, devido à baixa frequência de ocorrência de algumas palavras e expressões, geralmente defende-se que quanto maior o corpus, melhor (BERBER SARDINHA, 2004; ESIMAJE; HUNSTON, 2019). Berber Sardinha (2004, p. 24-25) acrescenta que a extensão do corpus abrange a dimensão das palavras, dos textos – quando se trata de corpora de textos específicos –, e dos gêneros, registros ou tipos textuais – no caso de corpora variados que pretendem representar a língua como um todo. Contudo, algumas restrições de ordem prática

podem influenciar o tamanho do corpus, a exemplo de textos que carecem de autorização para seu uso em pesquisa, ou mesmo daqueles que precisam ser transcritos a partir de manuscritos – tarefa que demanda tempo considerável (ESIMAJE; HUNSTON, 2019, p. 14). O objetivo desta pesquisa, o escopo usual de uma dissertação de mestrado e a baixa densidade lexical dos textos estudados foram as questões que se impuseram para a determinação do tamanho do corpus a ser aqui analisado, o que nos levou a concebê-lo com dez textos de comédia *stand-up*.

De acordo com Esimaje e Hunston (2019), após a definição do conteúdo e do tamanho do corpus, deve-se visar seu equilíbrio por meio da utilização de quantidade semelhante de cada um dos tipos que farão parte de sua composição. Se, por exemplo, o estudo envolver publicações de diferentes gêneros, cada um desses gêneros deve constar com o mesmo número de exemplares. Igualmente fundamental em investigações baseadas na LC, é a representatividade do corpus, ou seja, a amplitude que se alcança na variedade dos tipos que o compõem (ESIMAJE; HUNSTON, 2019, p. 15). Nesse mesmo exemplo, deve-se almejar a inclusão do maior número possível de gêneros publicados.

No presente estudo, conforme indicações de Berber Sardinha (2004) e Esimaje e Hunston (2019), uma vez determinado o objeto de estudo – apresentações de comédia *stand-up* norte-americana, em língua inglesa, veiculadas entre 2015 e 2018 –, voltamos novamente nosso olhar para o objetivo aqui visado e estabelecemos a importância de se incluir autores – homens e mulheres – de diferentes origens culturais no corpus, como o intuito de melhor refletir a diversidade que compõe os Estados Unidos da América (doravante E.U.A.) (UNITED..., 2015; ORTMAN; SHIN, 2011) e, assim, alcançar um nível de representatividade que consideramos adequada para o fim que se destina. À vista disso, optamos por ter na composição do corpus um representante masculino e um feminino de cada uma das cinco origens culturais a seguir elencadas em ordem alfabética: africana, asiática, branca, judaica e latino-americana. Posteriormente, almejando equilíbrio no corpus, decidimos estudar o texto proveniente de uma apresentação com aproximadamente uma hora de duração de cada um dos dez comediantes. Tal escolha se deu – em lugar de optarmos por um maior número de apresentações de menor duração – em

virtude da variedade de assuntos abordados nos eventos mais longos, aumentando a possibilidade também de maior variedade lexical e de referências culturais.

No tocante ao preparo do corpus para sua submissão a programas computacionais, em primeiro lugar, indica Berber Sardinha (2004, p. 51), deve-se proceder à sua limpeza, o que significa dizer que idealmente os textos estejam em formato *.txt*, uma vez que esse tipo de arquivo não traz caracteres escondidos que afetariam os resultados trazidos por programas como o *WordSmith Tools* e *AntConc*, dentre outros. Essa limpeza requer o uso de *softwares* específicos, a exemplo de *Perl* e *Cygwin*, conforme ensina Berber Sardinha (2004, p. 53).

Uma vez que o corpus esteja em formato adequado e livre de códigos, é possível que se deseje proceder à sua anotação. Esimaje e Hunston (2019) afirmam que, embora seja possível estudar o corpus logo após sua coleta e sem tratamentos específicos – ao que devemos acrescentar a recomendação de que seja submetido à limpeza acima mencionada – dependendo do objetivo da pesquisa, ele pode ser antes anotado, geralmente de forma automática ou semiautomática (quando o resultado do trabalho feito pelo computador é conferido por alguém). As anotações mais comumente feitas são denominadas “etiquetagem”, “etiquetagem de erros”, e “etiquetagem semântica” (ESIMAJE; HUNSTON, 2019). A etiquetagem é um procedimento que atribui uma categoria gramatical para cada palavra do corpus, apondo-se um código para cada palavra: a etiqueta. Esse é um pré-requisito para outras anotações mais complexas, a exemplo da análise sintática, que se constitui em uma análise gramatical automática que identifica as partes que compõem a oração (ESIMAJE; HUNSTON, 2019). A etiquetagem pode ser usada, por exemplo, para se localizar apenas os adjetivos do corpus, como foi feito no presente trabalho.

A etiquetagem de erros é um tipo específico de anotação feita em corpora de aprendiz de um idioma, com os objetivos de acompanhar o processo de aquisição de língua e identificar áreas de dificuldade dos aprendizes. A primeira fase desse processo é feita de forma manual: o pesquisador etiqueta exemplos de erros no corpus e, a partir disso, o programa indica o número de vezes que aquele erro ocorreu (ESIMAJE; HUNSTON, 2019, p. 22). Esse tipo de informação serve o propósito, por exemplo, de se detectar quais erros são mais comumente cometidos por aprendizes do que por falantes nativos – o que é feito por meio da confrontação

do corpus de aprendiz com um corpus de falantes nativos –, facilitando um melhor direcionamento das ações a serem tomadas no processo de ensino de L2.

Finalmente, Esimaje e Hunston (2019) apontam um tipo de anotação relativamente recente: a etiquetagem semântica, que organiza sem subjetividade as palavras de um corpus de acordo com um grupo pré-preparado de rótulos semânticos (por exemplo, “comida e lavoura”, “educação”, “ciência e tecnologia”). Esse tipo de anotação permite um melhor entendimento da perspectiva a partir da qual os assuntos são tratados (ESIMAJE; HUNSTON, 2019, p. 22-23); ou seja, corpora sobre um mesmo tema podem ter vieses diferentes, que podem ser revelados por meio da etiquetagem semântica.

No tocante a este estudo, utilizamos o programa *TreeTagger*, disponível no *website* <http://www.cis.uni-muenchen.de/~schmid/tools/TreeTagger/>, para fazermos a etiquetagem das categorias gramaticais – chamada de etiquetagem morfossintática ou morfológica (BERBER SARDINHA, 2004) – dos dez textos que compõem o corpus, uma vez que nosso objetivo foi o de trabalhar com os adjetivos. Para isso se fez necessária a utilização do *script* computacional *tag.sh*, que consta do Apêndice A deste trabalho.

No que concerne às informações obtidas a partir do corpus, a maior parte dos programas de investigação de corpus fornecem listas frequência de palavras, palavras-chave, colocados e linhas de concordância. As listas de frequência de palavras indicam todas as palavras do corpus com o número de vezes que cada uma delas ocorre – frequência bruta –, ou, em caso de comparação de corpora de diferentes tamanhos, indicam a média de ocorrência de uma palavra por mil ou milhão – a frequência normalizada (ESIMAJE; HUNSTON, 2019, p. 17). Já as palavras-chave de um corpus são obtidas por meio da comparação de um corpus especializado com um corpus geral: são consideradas “chave” aquelas palavras que são usadas com mais frequência em textos específicos do que naqueles provenientes de um corpus geral (ESIMAJE; HUNSTON, 2019, p. 18).

As importantes linhas de concordância fornecidas por programas como o *WordSmith Tools*, o *AntConc* e o *Sketch Engine* são definidas como

[...] uma listagem das ocorrências de um item específico, dispostas de tal modo que a palavra de busca (aquela que se tem interesse em investigar)

aparece centralizada na página (ou tela do computador). A palavra de busca é acompanhada do seu contexto original, isto é, das palavras que ocorreram junto com ela no corpus (BERBER SARDINHA, 2004, p. 187).

Abaixo podem ser observados exemplos de linhas de concordância, obtidas a partir do corpus investigado na presente pesquisa ao se fazer busca pela palavra *crazy* no texto *John Mulaney: The comeback kid*:

nothing to Mr. Finch, what he had said. *Crazy* people are like that. They have unlimited crazy
Crazy people are like that. They have unlimited *crazy* currency. Like, if I had gone into his
erbocker like me." Like, he'd say something else *crazy*. That's the wonderful thing about crazy
ing else crazy. That's the wonderful thing about *crazy* people, you know? Is that they just have

O fato de a LC dedicar-se exclusivamente ao estudo de linguagem natural nos indicaria, de modo mesmo intuitivo, a relevância do uso em detrimento da estrutura da língua como ponto de partida para suas análises. Com efeito, as linhas de concordância, que poderiam ser tomadas como um recorte retirado de um contexto maior de uso, representariam o cerne das investigações feitas na seara da LC:

[...] a linguística de corpus começa e termina com a mais simples das metodologias: o estudo das linhas de concordância [...]. Muitas descobertas inovadoras associadas à linguística de corpus podem ser feitas por meio da simples observação dessas linhas, mesmo se estatísticas complexas forem usadas para corroborar ou ajustar os achados das linhas de concordância¹⁷ (ESIMAJE; HUNSTON, 2019, p. 11, tradução nossa).

Tais linhas são obtidas quando, ao utilizar-se de programas como o *AntConc*, se fazem buscas por palavras específicas, chamadas de palavras de busca (BERBER SARDINHA, 2004, p. 187), palavra central, ou nódulo (ESIMAJE; HUNSTON, 2019, p. 17). As linhas de concordância revelam as palavras que frequentemente são utilizadas juntamente com os nódulos: seus colocados. A ocorrência de um nódulo juntamente com um de seus colocados constitui-se em uma colocação, que é uma associação entre itens lexicais ou entre o léxico e campos semânticos (BERBER SARDINHA, 2004, p. 40). Uma colocação frequente encontrada no corpus desta pesquisa é o uso de *good* (boa) seguido de *night* (noite), fato que facilmente se explica devido ao modo de veiculação dos textos estudados, que foram oralmente apresentados para uma plateia ao vivo em eventos que, tradicionalmente, ocorrem no período noturno.

¹⁷ “[...] corpus linguistics begins and ends with the simplest methodology: the study of concordance lines [...]. Many of the groundbreaking insights associated with corpus linguistics can be made through the simple observation of these lines, even if complex statistics is used to corroborate or adjust the concordance lines findings.”

Além da colocação, outros três tipos de padrão de linguagem – “regularidade expressa na recorrência sistemática de unidades coocorrentes de várias ordens (lexical, gramatical, sintática, etc.)” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 40) – devem ser mencionados: a coligação, a preferência semântica, e a prosódia semântica. Enquanto a colocação é um conceito que se localiza essencialmente no nível semântico, a coligação adentra o âmbito gramatical, uma vez que se refere à associação entre itens lexicais e gramaticais, conforme Berber Sardinha (2004, p. 40). Esse mesmo autor nos oferece um exemplo de coligação com a palavra *start*, que exemplificamos com os resultados obtidos pela busca feita em nosso corpus: das 139 ocorrências de *start* (começar), que incluem também suas formas conjugadas, 89 delas são seguidas por um verbo com a terminação *-ing*, restando demonstrada a preferência gramatical dessa palavra.

A preferência semântica, por seu turno, refere-se à relação entre um lema¹⁸ e um conjunto de palavras semanticamente relacionadas – e não palavras individuais –, para o qual geralmente se encontra um rótulo semântico (STUBBS, 2001). Stubbs (2001, p. 65, tradução nossa) indica o exemplo do “[...] lema *grande*, que frequentemente coocorre com palavras que se referem a “quantidades e tamanhos¹⁹”, como “número(s)”, “escala” e “parte”, dentre outras, ao que ele complementa que, no corpus de 200 milhões de palavras por ele estudado, tal associação se deu em pelo menos 25% dos casos, comprovando ser esse o uso típico e mais importante da palavra em questão. O conceito de preferência semântica estará presente nas análises propostas neste trabalho, de modo que possamos identificar os descritores semântico-sintáticos dos colocados das palavras de estudo, conforme será detalhado na seção 3.1.3.

A prosódia semântica – quarto e último padrão de linguagem que se faz importante mencionar –, por sua vez, diz respeito à “associação entre itens lexicais e conotação (negativa, positiva ou neutra) ou instância avaliativa” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 40). Hoey (2005, p. 22, tradução nossa) explica que “[...] certas características do significado de uma palavra podem ser encontradas já em suas

¹⁸ Lema ou lexema refere-se “[...] a palavras que resumem as suas diversas variantes” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 166), a exemplo do lema *nice*, que inclui as variações *nicer* e *nicely*, dentre outras.

¹⁹ “[...] word-form *large*, which often co-occurs with words for “quantities and sizes”.

imediações²⁰: essa aura que acompanha as palavras é o que se denomina “prosódia semântica”. Uma palavra que teria prosódia semântica negativa é *cause* (causa; causar) e, embora seu uso no corpus de estudo não seja suficiente para conclusões inequívocas, suas três ocorrências demonstrariam a presumida negatividade a ela relacionada, uma vez que se efetivam com as palavras *chaos* (caos) e *death* (morte), e quando da descrição de dificuldades para respirar.

Os conceitos-chave acima descritos compõem a arquitetura de orientação empírica da LC, que sistematiza os estudos sob seus preceitos de modo a possibilitar a apresentação de resultados advindos da observação de textos autênticos, em seus vieses qualitativo e quantitativo. À pesquisa feita nesse âmbito é conferida uma abrangência que a adequa a aplicações em diversas áreas da descrição linguística, a exemplo de padrões de colocação ou gramaticais, e variações entre gêneros discursivos (OLIVEIRA, 2009).

2.4 PRIMING LEXICAL

Semelhantemente à LC – uma vez que é fundamentada em trabalhos nessa área –, a teoria desenvolvida por Michael Hoey (2005) chamada *priming lexical* se baseia no modo como as palavras são utilizadas no mundo real, e inverte os papéis do léxico e da gramática ao conceber essa última como um resultado da complexa e sistemática estrutura lexical: é a partir do léxico que a aquisição, o entendimento e a produção de língua são abordados (PACE-SIGGE; PATTERSON, 2017). Desenvolvido para facilitar uma aplicação mais ampla da LC (PACE-SIGGE, 2013), esse modelo teórico postula que, devido às várias vezes que ouvimos, lemos e utilizamos a língua em certo contexto, uma palavra nos “prepara” para entender ou empregar outra específica, chamada de “palavra-alvo” (HOEY, 2005). Assim como acontece nos jogos de associação de palavras, o *priming lexical* explicaria nossa maior facilidade em entender, por exemplo, a palavra “coração” após termos lido ou ouvido “corpo” – palavra que não ajudaria no entendimento de “truque” (HOEY, 2005). Portanto, enquanto os estudos na área da LC trazem evidências de padrões de uso da língua, a teoria de *priming lexical* apresenta uma explicação para as recorrências de associações que resultam nesses padrões.

²⁰ “[...] certain features of a word’s meaning are to be found already present in its surrounds”

Importante a observação, contudo, de que o *priming* não é permanente:

[t]oda vez que usamos uma palavra, e toda vez que a reencontramos, a experiência ou reforça o *priming* confirmando uma associação existente entre a palavra e seus cotextos e contextos, ou enfraquece o *priming*, se o encontro introduzir a palavra em um contexto ou cotexto desconhecido, ou se escolhemos em nosso próprio uso substituir seu *priming* atual. Consequentemente, o *priming* de uma palavra ou sequência de palavras é suscetível a mudanças no curso da vida de um indivíduo [...] ²¹ (HOEY, 2005, p. 9, tradução nossa).

Da mesma maneira que toda palavra está mentalmente preparada para uso colocacional, esse princípio também se aplica a sequências de palavras, que igualmente trazem consigo referências de seus contextos e cotextos, de modo que esses conjuntos de palavras carregam suas próprias predisposições de uso, diferentes daquelas de cada palavra que os compõem individualmente (HOEY, 2005). Esse fenômeno, que necessariamente sucede o *priming* lexical, Hoey (2005) chama de *nesting*, e exemplifica mencionando que, enquanto um colocado comum de *winter* é *in*, formando a expressão *in winter* (no inverno), essa sequência de palavras tem como um de seus colocados as conjugações do verbo *be* (ser, estar), que, por sua vez, não é um colocado comum nem de *in* nem de *winter* individualmente. Dito de outro modo, tanto as palavras individuais quanto as sequências delas, em seus contextos, nos predispõem a entender ou utilizar outras palavras ou sequências específicas. Essa visão parece alinhar-se tanto ao quanto defendido por Stubbs (2001), quando diz que geralmente não nos expressamos em nossas próprias palavras, quanto ao entendimento da LC de que a naturalidade e a fluência se devem em boa parte à utilização de um grande número de expressões pré-fabricadas e à união dessas em sequências maiores (BERBER SARDINHA, 2004).

Diretamente relacionada a associações entre palavras – colocações, coligações e preferência semântica –, a teoria de *priming* lexical defende que a aquisição de uma palavra se dá por meio dos diversos encontros que se tem com ela na escrita e na fala, em variadas situações sociais, o que resulta na apreensão também de seus contextos e cotextos, e leva o falante, conforme já mencionado, a

²¹ “Every time we use a word, and every time we encounter it anew, the experience either reinforces the priming by confirming an existing association between the word and its co-texts and contexts, or it weakens the priming, if the encounter introduces the word in an unfamiliar context or co-text or if we have chosen in our own use of it to override its current priming. It follows that the priming of a word or word sequence is liable to shift in the course of an individual’s lifetime [...]”

involuntariamente reproduzir algo a que foi anterior e repetidamente exposto (HOEY, 2005):

[...] o cérebro humano não acessa a memória de maneira aleatória, pois a informação pode ser acessada mais facilmente quando ligada a outras informações conhecidas. Esse elo é fortalecido quanto mais (frequentemente) uma pessoa absorve as mesmas (ou pequenas variações de) informações conectadas²² (PACE-SIGGE, 2013, p. 153, tradução nossa).

No tocante à L2 – especialmente quando o aprendiz não está em situação de imersão, na qual os estímulos na língua-alvo são em grande número e constantes –, há diferenças no processo de aquisição, sendo uma delas o fato de que, nesse caso, o *priming* ocorre sobrepondo-se àquele da L1, de modo que se concebem as associações semânticas e coligações da nova palavra como sendo iguais ou muito semelhantes àsquelas da palavra equivalente na L1 (HOEY, 2005). Outra característica da aquisição de L2, segundo Hoey (2005), seria a falta de oportunidades espontâneas de encontros com as palavras em uso, o que pode ser remediado – dentre outras medidas possíveis – por meio da exposição dos aprendizes a textos autênticos sempre que possível, acelerando, assim, o *priming* no novo idioma.

Portanto, considerando que o interesse que sustenta esta pesquisa é a L2 – de modo especial o viés intercultural que acreditamos ser intrínseco ao processo de aquisição –, e que nos filiamos à visão de linguagem da LC como um sistema probabilístico de padrões de uso que se evidenciam pela recorrência (BERBER SARDINHA, 2004), parece-nos uma consequência natural e legítima concebermos a aquisição de língua conforme preconizado pela teoria de *priming* lexical, o que sancionaria o uso de apresentações de comédia *stand-up* norte-americana nesse contexto: além de serem exemplares de textos autênticos, sua intrínseca baixa densidade lexical automaticamente resulta em exposições repetidas a mesmas associações de palavras. É possível que tal característica do registro humorístico colabore para com a aquisição de L2 e, ainda, para a percepção de traços culturais ligados à cultura da língua estudada, uma vez que as repetições lexicais carregariam em si, igualmente, repetições de posicionamentos culturalmente definidos dos comediantes.

²² “[...] the human brain does not access memory in a random way, since information can be accessed all the easier when it can be linked to other known information. This link is strengthened the more (often) a person absorbs the same (or slight variations of) connected information.”

Tendo sido expostos os fundamentos teóricos deste trabalho nas áreas da cultura, do humor, da Linguística de Corpus, e do *priming* lexical, passaremos, a seguir, para o capítulo que apresentará os métodos empregados no desenvolvimento da pesquisa, bem como o corpus e as palavras de estudo que serão o foco das análises posteriores.

3 METODOLOGIA

3.1 O CORPUS DE ESTUDO

Posto que se tem em mente o ensino de L2 para alunos adultos em nível avançado, vislumbramos a possibilidade de explorar textos autênticos, ou seja, sem qualquer simplificação ou adaptação feita especificamente para a sua utilização como material didático, alinhando a pesquisa, dessa forma, ao quanto preconizado por Hanna (2012). A essa ideia agregamos os possíveis ganhos que o humor possa proporcionar a esse processo de aquisição – no que diz respeito à facilitação que o humor possa conferir a esse processo (BELL, 2017), ao teor cultural que ele possa ter (BACHMAIER, 2017), à repetição de palavras e estruturas que resultariam em *priminig* lexical (HOEY, 2005), bem como à saliência do *input* decorrente das associações linguísticas que quebram as expectativas dos ouvintes (cf. subseção 4.6.3) –, o que nos levou a estabelecer a escolha por textos extraídos de apresentações em inglês de comédia *stand-up* norte-americana.

Se, por um lado, a escolha por um corpus elaborado com exemplares de língua em uso – e, portanto, autêntica – coincide com o entendimento de Hanna (2012, p. 59) de que esse é o tipo prioritário de material no campo do ensino de línguas em contextos culturais, por outro, parece-nos que tal corpus pode adequadamente ser estudado à luz da LC, uma vez que ela “ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjunto de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 3), tendo como premissa, ainda conforme Berber Sardinha (2004, p. 19), a utilização de dados linguísticos naturais, em oposição a materiais produzidos com o fim específico de servirem para uma pesquisa linguística.

Importante mencionar que a LC prioriza a investigação do uso da língua, e não de sua estrutura, o que explica o fato de que seu objeto de estudo “[...] não é um fenômeno mental, mas um fenômeno social, algo observável e acessível através de evidências que advêm de corpus digitalizado” (SHEPHERD, 2009, p. 151). Assim, concebendo a linguagem como um sistema probabilístico, uma vez que nem todas as possibilidades linguísticas se realizam em todas as circunstâncias, a LC busca

por padrões de uso dentro de contextos específicos (BERBER SARDINHA, 2004). Nesse sentido, parece bastante oportuna a afirmação de Shepherd (2009, p. 152) de que

[t]al empreitada não pode depender das intuições do analista visto que os seres humanos tendem a reconhecer aquilo que não é típico com muito mais frequência do que aquilo que é padronizado. Daí o papel da LC: fornecer meios de lidar com grandes quantidades de dados provenientes do uso, além de, simultaneamente, acompanhar as variáveis contextuais.

No que tange o presente trabalho, a abordagem da LC serviu o propósito de conduzir a pesquisa, em um primeiro momento, indicando os critérios para a compilação do corpus, o tratamento desses dados, e seu posterior armazenamento. Em seguida, ela guiou a análise dos textos por meio da utilização de programas computacionais para, finalmente, melhor entendermos nossos achados, voltando-nos para o contexto de onde o material foi originalmente retirado.

Assim, levando-se em conta os pré-requisitos indicados pela LC para a elaboração de um corpus (BERBER SARDINHA, 2004, p. 19-20), selecionamos, de modo criterioso, dez textos autênticos de falantes nativos da língua inglesa, de ambos os gêneros e origens culturais diversas – africana, asiática, branca, judaica e latino-americana –, com o intuito de atingirmos a necessária representatividade desse conjunto de textos para a pesquisa proposta. Faz-se necessário elucidar que, conforme é possível notar, as origens culturais propostas não estão restritas a uma única categorização, seja de cor, raça, nacionalidade ou religião. O que se pretende, assim, é trazer para o corpus representantes com características que indiquem como eles se identificam e são percebidos dentro da sociedade norte-americana. Entendemos, portanto, que o fato de serem de origem cultural africana, asiática, branca, judaica, ou latino-americana é algo que distingue e, conseqüentemente, colabora na formação da identidade de cada autor que compõe o corpus.

Procuramos, destarte, alcançar a mencionada representatividade respondendo a pergunta “representativo do quê, para quem?”, conforme indicada por Berber Sardinha (2004, p. 20). Uma vez que não há o intuito de propormos quaisquer generalizações, entendemos ser o corpus escolhido uma amostra suficientemente representativa da linguagem utilizada por comediantes norte-americanos, falantes nativos do inglês, para a seleção e estudo de palavras usadas em contexto de humor que possam trazer em si referências culturais da L2.

Ainda consoante a tipologia descrita por Berber Sardinha (2004), o corpus de estudo aqui em questão é do modo falado, pois é composto por transcrições de falas oriundas de apresentações de comédia *stand-up* – eventos que ocorreram ao vivo perante plateias: ou seja, mesmo tendo esses roteiros sido escritos anteriormente às apresentações, eles invariavelmente sofrem interferências da situação de oralidade dos espetáculos e inclusive de interação com o público. Ademais, por abranger apenas um tipo de registro, podemos caracterizar esse corpus como sendo especializado, e o fato de ter sido extraído de apresentações veiculadas entre 2015 e 2018 o torna sincrônico e contemporâneo. Finalmente, nosso objeto de estudo qualifica-se como sendo de amostragem e estático, uma vez que é um recorte finito da linguagem como um todo – recorte esse que não será alterado ao longo do estudo –, bem como se configura como equilibrado, por ter havido esforços no sentido de se evitar discrepâncias na representatividade entre homens, mulheres e as origens culturais selecionadas dos comediantes.

3.1.1 Coleta do corpus

Fizemos, pois, em um primeiro momento, a seleção de autores que, a despeito de serem todos nascidos nos E.U.A., fossem de diferentes origens culturais, com o intuito de alcançarmos uma melhor representatividade da pluralidade cultural que notoriamente compõe aquele país (UNITED..., 2015; ORTMAN; SHIN, 2011). À vista disso, optamos por extrair o roteiro de uma apresentação de aproximadamente uma hora – devido ao maior número de temas abordados nessas apresentações mais longas quando comparadas àquelas de menor duração – de cada um dos artistas a seguir elencados: Ali Wong e Jo Koy, de origem asiática; Cristela Alonzo e Gabriel Iglesias, de origem latino-americana; Sarah Silverman e Jerry Seinfeld, de origem judaica; Wanda Sykes e Chris Rock, ambos afrodescendentes; e, finalmente, Jen Kirkman e John Mulaney, de origem branca. Assim, por meio de dez textos, temos um representante feminino e um masculino de cada uma das cinco origens culturais selecionadas.

Cumpre-nos, a esta altura, elucidar os motivos que nos levaram às nomenclaturas adotadas para a identificação das origens culturais dos comediantes. Embora tenhamos consciência de que as classificações *africano/afrodescendente*,

judaico, latino-americano, asiático e branco possam ser consideradas equivocadas e imprecisas, além de se configurarem como óbvias rotulações estereotipadas, as adotamos por serem termos correntes utilizados tanto oficialmente, a exemplo do que se verifica nos formulários de recenseamento do Brasil (INSTITUTO..., 2020) e dos E.U.A. (UNITED..., 2020), quanto pelos próprios comediantes. Esses se apresentam de modo estereotipado e tiram proveito disso para alcançarem efeito humorístico em seus textos: as características de suas origens culturais são exploradas, frequentemente de modo mesmo caricato, reforçando ainda mais os rótulos de identidade que acompanham as mencionadas nomenclaturas. Portanto, parece-nos que tanto o pano de fundo cultural desta pesquisa, quanto a estereotipação aparentemente inerente à indústria dos espetáculos de *stand-up*, validariam a classificação aqui adotada.

Esclarecidas as razões da escolha da nomenclatura que identifica as origens culturais dos comediantes, passamos para o detalhamento das apresentações de comédia *stand-up* selecionadas: os principais dados concernentes aos textos que compõem o corpus de estudo podem ser visualizados no quadro abaixo, sobre o qual cumpre-nos esclarecer que a coluna “nº de *tokens*” refere-se ao número *total* de palavras de cada texto, enquanto “nº de *types*” diz respeito ao número de palavras *diferentes* que ocorreram em cada um dos textos – informações que foram obtidas por meio da utilização da função *Word List* do programa computacional *AntConc* 3.5.7:

nome do comediante	origem cultural	ano do show	duração do show (em minutos)	nº de <i>tokens</i>	nº de <i>types</i>
Wanda Sykes	Africana	2016	53	6407	1137
Chris Rock	Africana	2018	63	7053	1199
Sarah Silverman	Judaica	2017	67	8631	1521
Jerry Seinfeld	Judaica	2017	51	8322	1512
Cristela Alonzo	Latino-americana	2017	65	7065	1197
Gabriel Iglesias	Latino-americana	2016	83	13050	1750
Ali Wong	Asiática	2016	58	7409	1526
Jo Koy	Asiática	2017	61	7950	1125
Jen Kirkman	Branca	2015	71	12701	1716
John Mulaney	Branca	2015	58	9305	1615

Quadro 1: Planilha simplificada de coleta do corpus

Destarte, também guiados por Berber Sardinha (2004), chegamos ao corpus acima descrito após colocarmos o objetivo de pesquisa à frente do objeto de estudo, e entendemos que as dez transcrições selecionadas cumprem seu papel de representar a comédia *stand-up* norte-americana para aprendizes de L2, com vistas à investigação de como a cultura daquele povo permeia a tessitura da linguagem utilizada nesse registro humorístico.

Todos os textos foram obtidos na provedora de filmes e séries *Netflix*, à exceção daquele da Wanda Sykes, que foi retirado da plataforma *YouTube* (<https://www.youtube.com/watch?v=UZyBHKjs5Pg>), pois somente aí foi localizada apresentação com a duração que se tinha em mente – em torno de uma hora – feita por comediante norte-americana afrodescendente. Após a coleta, cada texto foi armazenado digital e separadamente em formato *.txt*, que gera textos com pouca ou nenhuma formatação.

Para se obter as legendas dos vídeos veiculados pelo *Netflix*, seguindo os passos do tutorial apresentado na página <http://www.linguamaterna.com/foreign-language-movies-netflix/>, primeiramente, iniciamos a reprodução de cada vídeo na referida provedora, por meio do navegador *Google Chrome*, pausamos o vídeo e acessamos a janela *Chrome Developer Tools* pressionando as teclas “ctrl+shift+i”. Procedemos à desativação da legenda e atualizamos a página para, logo em seguida, escolhermos as legendas em inglês e atualizarmos novamente a página. Feito isso, na aba *Network* do *Chrome Developer Tools*, digitamos “?o=” na caixa de busca, que resultou em vários arquivos, dos quais selecionamos aquele cujo nome iniciava com “?o=” e, utilizando-nos do botão direito do *mouse*, abrimos nova janela de onde selecionamos *Open in new tab*. Esse último procedimento resultou no *download* do arquivo com as legendas do qual, para que pudesse ser lido pelo programa *WordPad*, fizemos a conversão para o formato *.srt* por meio da ferramenta de conversão de legendas chamada *Subtitle Converter*, disponibilizada no *website GoTranscript* (<https://gotranscript.com/subtitle-converter>). Finalmente, o novo arquivo obtido por meio desse último procedimento foi aberto e salvo com o nome do respectivo comediante em formato *.txt*.

Tendo em vista a utilização do *YouTube*, a obtenção do texto de Wanda Sykes se deu de modo diferente. Primeiramente acessamos seu vídeo no endereço

<https://www.youtube.com/watch?v=UZyBHKjs5Pg>. Das opções constantes nessa plataforma, selecionamos “Abrir transcrição”, o que resultou na abertura de uma janela contendo a transcrição da apresentação em questão. Procedemos, assim, à seleção do texto, que foi copiado e colado em um arquivo aberto no *WordPad*, e, então, salvo com o nome da apresentadora e a extensão *.txt*.

Em seguida, os dez roteiros foram submetidos a uma limpeza para a eliminação de informações para surdos, de caracteres escondidos referentes à codificação eletrônica dos textos e marcações de tempo, dentre outras, que, além de não serem de interesse para a pesquisa, poderiam afetar os resultados encontrados pelas ferramentas às quais os textos foram posteriormente submetidos.

3.1.2 Seleção das palavras de estudo

Compartilhando da visão de Stubbs (2001) de que a cultura pode ser percebida também em palavras que, a princípio, não parecem estar ligadas a conteúdo especificamente cultural, e tendo em vista a inerente vocação dos adjetivos de modificar, em variados domínios semânticos, as palavras a que se referem, elegemos essa classe gramatical para a investigação proposta. Assim, a opção por tal recorte do registro humorístico se deu por acreditarmos que os empregos dos adjetivos possivelmente revelem posicionamentos dos comediantes ante situações cotidianas – posicionamentos esses que seriam culturalmente influenciados ou definidos pelas experiências vivenciadas dentro da sociedade que integram.

Biber et al. (1999, p. 508), em um primeiro momento, apontam dois grandes grupos semânticos em que se encaixam os adjetivos: os descritores, que são prototípicos, normalmente podem indicar graus de qualidade, e denotam, dentre outras características, cor, peso, idade e emoção; e os classificadores, que geralmente não indicam gradações, e delimitam os referentes de um substantivo, categorizando-o. Algumas possíveis subdivisões desses dois grupos (BIBER et al., 1999, p. 508-509) constam dos quadros abaixo, juntamente com exemplos retirados do corpus de estudo, onde os adjetivos constam em negrito.

ADJETIVOS DESCRITORES		
DOMÍNIOS SEMÂNTICOS	EXEMPLOS DE ADJETIVOS	EXEMPLOS RETIRADOS DO CORPUS DE ESTUDO
cor (denotando cor, brilho)	<i>black, dark, bright</i>	I like hearing white girls talk to their friends.
tamanho/quantidade/extensão (denotando tamanho, peso, extensão)	<i>big, deep, heavy, long, thin, wide</i>	And I lived in a little apartment on the West Side [...].
tempo (denotando cronologia, idade, frequência)	<i>annual, early, new, young</i>	[...] a thousand percent of your daily fiber.
avaliativo/emotivo (denotando julgamento, emoção, ênfase)	<i>bad, beautiful, best, fine, lovely, poor</i>	But I was being a good dad.
descritivos variados	<i>appropriate, complex, dead, empty, free, hard, positive</i>	In the '70s, we were the new hot thing [...].

Quadro 2: Domínios semânticos dos adjetivos descritores

ADJETIVOS CLASSIFICADORES		
DOMÍNIOS SEMÂNTICOS	EXEMPLOS DE ADJETIVOS	EXEMPLOS RETIRADOS DO CORPUS DE ESTUDO
relacional/classificador/restritivo (delimitando o referente de um substantivo)	<i>additional, complete, final, left, main, public, single</i>	[...] who's a very different Bill Clinton.
afiliativo (referindo-se a grupos nacionais ou religiosos)	<i>American, Christian</i>	And then Asian men, no body odor.
tópico/outros	<i>chemical, industrial, legal, phonetic, political, visual</i>	That's just the human condition.

Quadro 3: Domínios semânticos dos adjetivos classificadores

De modo mais específico, posteriormente, Biber et al. (1999, p. 671 e 716) indicam domínios semânticos para o caso em que os adjetivos controlam orações iniciadas com *that*; e outros para aquele em que controlam orações iniciadas com *to*: no primeiro cenário, os adjetivos sempre exprimem um posicionamento do falante, e se encaixam em três principais domínios semânticos, enquanto no segundo, se encaixam em sete principais domínios, conforme quadros seguem, onde constam exemplos de uso com os adjetivos em negrito.

ADJETIVOS QUE CONTROLAM ORAÇÕES COM <i>THAT</i>		
DOMÍNIOS SEMÂNTICOS	EXEMPLOS DE ADJETIVOS	EXEMPLOS RETIRADOS DO CORPUS DE ESTUDO
graus de certeza	<i>certain, confident, evident</i>	But I also don't want to be sure that I'm gonna live.
estados psicológicos afetivos	<i>annoyed, glad, sad</i>	Look, I'm very sorry that I got upset.
avaliação de situações, eventos, etc.	<i>appropriate, odd, good, important, advisable</i>	It's important that your black son follow your instructions.

Quadro 4: Domínios semânticos de adjetivos que controlam orações com *that*

ADJETIVOS QUE CONTROLAM ORAÇÕES COM <i>TO</i>		
DOMÍNIOS SEMÂNTICOS	EXEMPLOS DE ADJETIVOS	EXEMPLOS RETIRADOS DO CORPUS DE ESTUDO
graus de certeza	<i>certain, due, unlikely, sure</i>	Because I'm an Asian woman, and therefore, guaranteed to live until I'm a billion.
habilidade ou determinação	<i>able, determined, keen, reluctant</i>	I'm ready for my son, and I'm financially prepared to take care of him for the next 15 years.
posicionamento afetivo pessoal	<i>afraid, glad, surprised, sorry</i>	And you're happy to ring the bell.
facilidade ou dificuldade	<i>easy, hard</i>	[...] that office toilet paper, that they purposely make difficult to pull out.
avaliação	<i>good, convenient, foolhardy, useless</i>	Isn't it crazy to think how fast the year goes by?
comportamento habitual	<i>unaccustomed, used</i>	[...] they're not accustomed to laughing for long periods of time.
necessidade ou importância	<i>important, essential, necessary, vital</i>	[...] and it was very important for me to do that show.

Quadro 5: Domínios semânticos de adjetivos que controlam orações com *to*

Para que pudéssemos conhecer os adjetivos do corpus de estudo, ele foi etiquetado com o programa computacional *TreeTagger* por meio do *script* computacional *tag.sh*, que consta do Apêndice A deste trabalho. Com a etiquetagem realizada, procedemos à seleção de todos os adjetivos que ocorreram no corpus por meio do *script* computacional *select.sh*, constante no Apêndice B, para, finalmente, selecionarmos os adjetivos mais frequentes em todos os textos por meio do *script* computacional *tootypes.sh*, conforme Apêndice C. Esse último passo revelou que os

adjetivos mais utilizados nos dez textos do corpus foram: *crazy, different, good, little, nice, other, real, right, white, whole*.

O corpus foi, então, submetido à ferramenta de análise lexical *AntConc 3.5.7* que, por meio da ferramenta *Word List*, trouxe uma listagem das palavras que o compõem, indicando um total de 87.893 palavras (*tokens*), e 6.154 palavras diferentes (*types*). Oportuno observar que esse baixo número de *types*, quando comparado ao de *tokens*, possivelmente se configura em uma vantagem do uso do registro humorístico comédia *stand-up* em aulas de L2, pois indica a repetição de muitas palavras, o que, conforme preconizado pela teoria de *priming* lexical, tende a facilitar a aquisição de seus usos por meio de seus colocados, pronúncia e prosódia²³. Esse primeiro processamento do corpus de estudo revelou, ainda, a frequência de utilização de cada palavra do corpus. De modo semelhante, foi feito uso da função *Word List* com cada um dos dez textos individualmente, procedimento que forneceu os números de *tokens* e *types* constantes do Quadro 1 supra.

Em seguida, recorrendo à funcionalidade *Concordance* do programa *AntConc 3.5.7*, obtivemos os seguintes números de ocorrência por comediante dos dez adjetivos mais utilizados no corpus:

	Alonzo	Iglesias	Kirkman	Koy	Mulaney	Rock	Seinfeld	Silverman	Sykes	Wong	TOTAL
crazy	2	5	3	3	4	8	3	5	6	3	42
different	5	8	7	3	5	2	5	6	1	6	48
good	14	38	18	12	11	21	21	7	13	4	159
little	2	19	10	12	26	12	41	9	10	9	150
nice	1	10	10	1	5	7	5	7	1	2	49
other	9	9	16	6	9	8	16	2	4	6	85
real	1	10	6	2	17	3	3	4	3	3	52
right	47	55	49	47	27	76	27	31	31	19	409
white	9	7	2	3	4	21	4	1	12	12	75
whole	6	5	4	6	3	6	11	10	1	6	58

Quadro 6: Frequência (em cada texto e total) dos adjetivos mais utilizados no corpus

Verificou-se, assim, que os cinco adjetivos mais frequentes, daqueles utilizados nos dez textos, foram *good, little, other, right* e *white* (que podem ser traduzidos como “bom, pequeno, outro, certo e branco”, respectivamente) com o total de 159, 150, 85, 409 e 75 ocorrências, respectivamente, conforme se lê na

²³ Entonação e ritmo da língua falada.

última coluna do quadro acima. Fizemos, em seguida, uma primeira leitura das linhas de concordância fornecidas pelo *AntConc* 3.5.7, a fim de identificar casos em que essas palavras não foram utilizadas como adjetivos, por entendermos que essa categoria tende a revelar algum nível de julgamento por parte do falante, possivelmente revelando seu posicionamento e representação de mundo. Enquanto todos os usos de *white* foram confirmados como adjetivos, aqueles de *good*, *other*, *little* e *right* revelaram-se mais variados no tocante à classe gramatical.

De modo característico de linguagem informal, *good* ocorreu 10 vezes no corpus ocupando a função do advérbio *well*, conforme se verifica no trecho “*Until you learn how to clean yourself good, we’re gonna check you.*” (SYKES, 2016). Outro uso desse adjetivo que não se presta ao propósito desta pesquisa se deu na palavra composta *good-looking*, no texto de Koy (2017): “*I don’t care how good-looking your man is.*”. Essas linhas foram desconsideradas, de modo que o novo número de ocorrências de *good* a serem analisadas é de 148.

No tocante à palavra *other*, observou-se que ela foi utilizada por 22 vezes na expressão “*each other*” (“um ao outro”), o que a colocaria na classe dos pronomes, que não são de interesse para o presente estudo. Destarte, todos esses usos foram subtraídos da contagem e, assim, obtivemos um novo número total para essa palavra: 63.

A palavra *little*, por sua vez, embora tenha ocorrido 150 vezes em todo o corpus, de acordo com Biber et al. (1999, p. 71), 59 delas podem ser categorizadas como advérbio, a exemplo de “*I feel a little alienated from my married friends.*” (KIRKMAN, 2015); como pronome, conforme se observa em “*Just a little.*” (ROCK, 2018); ou, ainda, como determinante, que pode ser exemplificado por “[...] *comedians sometimes have a little difficulty in normal social situations.*” (SEINFELD, 2017). À vista disso, essas 59 ocorrências foram desconsideradas, o que resultou em 91 empregos de *little* como adjetivo.

No caso de *right*, que, quando na função de adjetivo, pode ser traduzido como “correto, adequado, aceitável”, foram verificados alguns usos bastante frequentes que não se adequam ao propósito deste estudo. *Right* foi utilizado por 122 vezes, muitas delas seguido por ponto de interrogação, equivalendo ao uso que se faz em

português da expressão “certo?”, como um modo de retoricamente solicitar assentimento ou verificar o entendimento por parte do interlocutor, conforme se vê nos dois primeiros exemplos transcritos abaixo. Também escapando da função de adjetivo, *right* foi utilizado por outras 48 vezes precedido por *all*, funcionando como uma exclamação ou marcador de discurso equivalente à expressão “ok”, de acordo com as linhas 3 e 4 abaixo. Ainda fugindo do propósito deste estudo, contabilizamos 50 ocorrências da expressão *that’s right* no corpus, que equivaleria a uma confirmação do que acabou de ser dito, podendo ser traduzido como “isso mesmo” (exemplos 5 e 6 abaixo). Por fim, em outros 155 casos, *right* precedeu advérbios (*away, back, before, here, now, then, there, e when*) ou preposições (*across, after, around, at, behind, below, between, in, into, next to, on, out e over*), de modo a unicamente enfatizar tais palavras; ocorreu em nomes próprios (música e programa de TV); ou, ainda, apenas referiu-se ao lado oposto ao esquerdo.

1. ran off into the night. That sounded Dutch, *right*? You know what that... you know what that
2. choice of words. You know what I mean, *right*? You've probably seen and heard a few
3. hugged me, just-- “Are you okay?” “You sure?” “All *right*.” Couple of kids are looking at me, like—
4. some form or another. -It's insane. Yeah, well... All *right*, don't "whoo" if you're white. It'
5. one thought to call me. Except Martin. - -That's *right*. Martin was the only one that called me.
6. I fell in love with that motherfucker that's *right* my kids speak French yeah my kids speak

Esses usos de *right*, de maneira a fugir de nosso interesse, totalizaram 375 ocorrências, o que nos deixaria com apenas 34 linhas de concordância a serem analisadas. Dessarte, optamos por excluir essa palavra de nossas explorações e, consequentemente, incluir a palavra *whole* (“inteiro”), que teve um total de 57 ocorrências como adjetivo, no rol para estudo. Cumpre-nos consignar que um único uso de *whole* no corpus foi desconsiderado, por tratar-se de substantivo: “*The kids don’t love you as much. It’s a whole...*” (KIRKMAN, 2015).

Assim, reiterando que o foco deste trabalho não são adjetivos inerentes aos textos humorísticos – uma vez não se pretende que o texto fragmentado permaneça cômico, haja vista que tal fragmentação acontece exclusivamente como procedimento que possibilite o estudo proposto –, aliamos-nos à análise via significância estatística, conforme preconizado pela LC, e definimos as cinco palavras a serem investigadas com olhos postos em possíveis revelações culturais do corpus de estudo: *good, little, other, white, e whole*. Acrescenta-se que esse viés quantitativo é inerente à metodologia que guia a presente pesquisa, pois, uma vez

que a LC concebe a linguagem como um sistema probabilístico, imprescindível se faz a quantificação dos dados que serão analisados.

3.1.3 Obtenção do perfil lexical das palavras de estudo

Definidos os vocábulos centrais ao presente estudo, voltamo-nos ao quanto preconizado por Stubbs (2001) no âmbito do entendimento da atração existente entre palavras. Esse autor sustenta que “as palavras não são livremente escolhidas, mas, sim, coseleccionadas com outras palavras a pouca distância à esquerda e à direita”²⁴ (STUBBS, 2001, p. 84, tradução nossa). Ademais, Stubbs (2001) sugere que, para um estudo com resultados mais fidedignos, ao invés de se analisar individualmente as palavras que coocorrem com aquelas que são o foco das análises, se opte por encontrar um único descritor semântico-sintático para grupos lexicais de colocados relacionados entre si. Tal procedimento é exemplificado pelo mesmo autor por meio do nódulo “*doses*” com o descritor “ADJ que denota tamanho” para o grupo lexical de seus principais colocados, ocorrendo geralmente na posição N – 1, assim ilustrado: *small doses, large doses, high doses, low doses*, etc (STUBBS, 2001, p. 84).

Uma vez que adjetivos se referem a situações que se explicitam nos substantivos ou pronomes, optamos por focar as análises nessas duas categorias de colocados de *good, little, other, white* e *whole*. Essa opção resultou na exclusão de duas linhas de concordância das análises: “(...) *them could be anything they wanna be. But the other 2,000 better learn how to weld. Shit, I'm looking (...)*” (ROCK, 2018), por trazer um numeral como colocado de *other*; e “(...) *for showing up in tonight's fantasy. So far, so good. I like... I like what you got. Why aren't (...)*”, haja vista que se trata de uma ocorrência de *good* associado ao advérbio *far* em expressão idiomática.

Assim, nossas análises procuram alcançar descritores semântico-sintáticos para os substantivos e pronomes pessoais, demonstrativos (*this, that*) e indefinidos (*anything, nothing*) que ocorrem como colocados dos adjetivos analisados, com o intuito de identificarmos, primeiramente, posturas culturalmente definidas no corpus

²⁴ “Words are not chosen freely, but co-selected with other words in a span of few words to left and right.”

de estudo para, em seguida, viabilizar um melhor entendimento de como são estabelecidas as relações entre a cultura de origem dos comediantes, aquela na qual eles cresceram, e a brasileira.

Pautando-nos, pois, pelo entendimento de cultura como um conceito que inclui modos de vida, sistemas de valores sociais e instituições, dentre outros (Sernhede, 2013), partiremos dos adjetivos escolhidos para, em seguida, por meio da ferramenta “*Concordance*” do *AntConc* 3.5.7, tomarmos conhecimento de suas linhas de concordância e, assim, procedermos à identificação de seus descritores semântico-sintáticos, e iniciarmos os estudos de possíveis conexões culturais que possam revelar.

Após analisarmos as linhas que resultaram da busca feita por cada uma das cinco palavras propostas, baseados no conceito de descritor semântico-sintático conforme proposto por Stubbs (2001), voltaremos o olhar para os textos onde elas ocorreram, procurando, em conformidade com a LC, levar em conta o uso contextualizado da língua para entrever possíveis referências culturais no corpus de estudo.

3.1.4 Humor nos padrões linguísticos

Embora não acreditemos que, isoladamente, todas as associações entre os adjetivos estudados e seus colocados, conforme explicitados pelas linhas de concordância, carreguem em si potencial humorístico, é possível que os comediantes aqui abordados tenham recorrido a usos atípicos da língua de modo a, ao quebrarem as expectativas do ouvinte, supostamente causarem riso.

Portanto, com o intuito de verificarmos a tipicidade – ou ausência dela – dos padrões linguísticos levantados pelas análises, após serem feitas as leituras conforme descritas na subseção 3.1.3, checaremos com que frequência os referidos padrões ocorrem em um corpus de referência. Para tal levantamento, e considerando que o corpus de estudo contempla apenas textos de autores norte-americanos, lançaremos mão do *Corpus of Contemporary American English* (COCA), que

[...] é o único corpus de inglês americano de grande porte que abrange diferentes gêneros de modo equilibrado. O COCA é provavelmente o corpus de inglês mais largamente usado, e está relacionado a muitos outros corpora de inglês [...] que oferecem informações sem igual sobre variações do inglês. O corpus contém mais de 560 milhões de palavras (20 milhões de palavras por ano de 1990 a 2017) e está igualmente dividido entre textos falados, ficção, revistas populares, jornais e textos acadêmicos²⁵ (CORPUS..., tradução nossa).

Mais uma vez voltaremos-nos, pois, às linhas de concordância levantadas e, a partir das associações linguísticas ali presentes, faremos buscas por meio da funcionalidade "search" no COCA, que está disponível na rede mundial de computadores no endereço <https://www.english-corpora.org/coca/>. Esse tipo de consulta revela o número de vezes que o conjunto de palavras que ali se busca foi utilizado nos textos que compõem tal corpus de referência, ou seja, em textos dos mais variados gêneros, bem como de diversas autorias.

Consignamos que, com o propósito de obtermos números mais fidedignos, as buscas no COCA foram feitas com os substantivos ali pesquisados entre colchetes – recurso utilizado para a obtenção da inclusão, nos resultados, também das variações das palavras pesquisadas. Assim, ao investigarmos o número de ocorrências da associação entre o adjetivo "good" e o substantivo "guy", por exemplo, foi feita a busca por "good [guy]", a partir da qual o COCA apresenta as frequências tanto de "good guy" quanto de "good guys".

Haja vista que é possível que a falta de tipicidade das associações linguísticas às quais os comediantes recorreram se configure como um fator que tem potencial para causar o riso no interlocutor, serão apresentados dois exemplos de cada um dos 10 textos que compõem o corpus de estudo, para fins de ilustração dos padrões atípicos de associação levantados.

Assim, o próximo capítulo trará os resultados aos quais aqui nos referimos, precedidos, contudo, de subseções dedicadas a cada um dos textos do corpus, onde podem ser observadas as linhas de concordância com os adjetivos *good*, *little*,

²⁵ "[...] is the only large, genre-balanced corpus of American English. COCA is probably the most widely-used corpus of English, and it is related to many other corpora of English [...] which offer unparalleled insight into variation in English. The corpus contains more than 560 million words of text (20 million words each year 1990-2017) and it is equally divided among spoken, fiction, popular magazines, newspapers, and academic texts."

other, *white* e *whole*, as palavras às quais esses adjetivos se associam no corpus, bem como algumas possíveis indicações de comportamentos e percepções de mundo – que possam ser culturalmente influenciados – revelados pelas análises empreendidas a seguir.

4. RESULTADOS

As análises expostas neste capítulo estão organizadas em ordem alfabética por origem cultural, de modo que se obtenha uma visão geral dos usos de cada vocábulo estudado por comediante. No início de cada subseção dedicada a um dos comediantes, consta uma breve apresentação do artista em pauta, uma vez que partimos do princípio que seus históricos de vida sejam fatores de influência nas representações de mundo expressas em seus textos. Em seguida, há uma subseção destinada a cada um dos cinco adjetivos conforme utilizados por aquele autor, no início da qual se observa um quadro contendo todas as linhas de concordância obtidas por meio do programa *AntConc* 3.5.7, quando da busca do adjetivo ali em questão.

Na sequência, encontra-se um novo quadro, esse contendo os descritores semântico-sintáticos que organizam os colocados do adjetivo em estudo, explicitando seus perfis lexicais, de modo a responder a primeira pergunta de pesquisa. As análises que imediatamente sucedem o mencionado quadro são, na medida do possível, apresentadas respeitando-se os descritores semântico-sintáticos propostos. Contudo, a fluidez dos textos que compõem o corpus, que naturalmente implica sobreposições de assuntos neles tratados, resulta, por vezes, na apresentação das análises agregando-se colocados posicionados sob diferentes descritores; não obstante, esse passo traz respostas para a segunda pergunta de pesquisa, uma vez que explicita os tópicos comuns aos perfis lexicais de cada adjetivo aqui estudado.

O final de cada subseção destinada a um dos autores que compõem os corpus, por sua vez, traz um quadro resumindo as questões tratadas por tema, bem como o posicionamento do comediante perante os assuntos por ele abordados quando do emprego dos adjetivos *good*, *little*, *other*, *white* e *whole*. Ademais, são feitas possíveis relações entre os achados e a biografia de cada autor.

Fornecendo resposta para as duas últimas perguntas de pesquisa, são tecidas considerações que mostram como as diferentes origens culturais e os gêneros parecem influenciar as experiências de vida e visões de mundo dos

comediantes inferidas por meio das análises, de modo a melhor entendermos as posturas culturais explicitadas pelo corpus estudado.

Por fim, este capítulo é encerrado com exemplos, retirados de cada um dos 10 textos, de padrões de associação linguística que, por não serem de uso frequente, conforme se verifica por meio de consultas ao corpus de referência aqui utilizado – o COCA –, quebrariam as expectativas do ouvinte, possivelmente se configurando como um fator com potencial humorístico.

4.1 AFRODESCENDENTES

4.1.1 Chris Rock

Christopher Julius Rock, um dos oito filhos de uma professora e um caminhoneiro, e neto de um pregador religioso, nasceu em 1965 na cidade de Andrews, estado da Carolina do Sul, e cresceu no bairro do Brooklyn, em Nova Iorque (DICKER, [20--?]). Ali Rock frequentou escolas onde os alunos eram em sua maioria brancos, o que fez com que ele tivesse que enfrentar manifestações de racismo que culminaram em seu abandono dos estudos (CHRIS, 2019). Ainda no âmbito pessoal, parece-nos relevante mencionar que o autor foi casado de 1996 a 2014, e sua infidelidade no relacionamento e seu vício em pornografia teriam sido parte dos motivos para o fim do casamento (CHRIS, 2019). Rock iniciou sua carreira de comediante em 1984 e, além de ter escrito o livro intitulado “*Rock this*”, em 1997, também atua como ator, roteirista e cineasta (CHRIS, 2019).

4.1.1.1 *Good* em Chris Rock

Seguindo o quanto proposto por Biber et al. (1999), o adjetivo *good*, cuja tradução mais comum é “bom”, pode ser classificado como sendo um descritor avaliativo/emotivo, já que expressa avaliação de coisas, situações e pessoas, possivelmente envolvendo a emoção de quem o faz. Esse adjetivo teve 20 ocorrências no texto de Rock, conforme se verifica nas linhas de concordância transcritas a seguir:

1	Halle Berry, and... God shows up. "She strokes a	good	dick, don't she? I made her. I made your
2	and an eggplant." Dude, I was not, like, a	good	husband. I'll just... I was fucked up. You know?
3	I found." Motherfucker. Yo, ladies, if you got a	good	husband, got a good man, hold on tight. Another
4	, man. I'm just... I... I wasn't... I wasn't a	good	husband. I wasn't a good husband. I didn't listen
5	wasn't... I wasn't a good husband. I wasn't a	good	husband. I didn't listen. I wasn't kind. True. Tr
6	, ladies, if you got a good husband, got a	good	man, hold on tight. Another woman will take your
7	finds me. But, God never finds you at a	good	time. You're never sitting court side at a Knick
8	now. I mean, unless Rihanna, you know... It's all	good	, man. Now I'm dating. I'm actually dating. It's j
9	telling you right now, if you ever do anything	good	for your kids, take a picture of that shit.
10	. I'll be alright. I'm gonna work. It's gonna be	good.	" because here's the crazy thing. Some of these I
11	ave bad apples. Ok? Some jobs, everybody gotta be	good.	Like... pilots. -You know? American Airlines can
12	utes. You know your lines?" "I miss you, Daddy." "	Good.	Good. You say that soon as he walk in,
13	You know your lines?" "I miss you, Daddy." "Good.	Good.	You say that soon as he walk in, ok?
14	m walking down the street, always some kid, "Hey,	good	work, Chris. Really funny, Chris. Love your work.
15	ittle. Religion is kinda like salt. A sprinkle is	good,	but too much will fuck up the meal. I
16	shoot a white kid... just to make it look	good.	You would think that every couple of months they
17	why they call him Stabby." Yo, it is so	good	to be here right now. Glad to be back.
18	car." "What was I thinking? I thought it was	Good	Friday. They keep moving Easter." Trying to find
19	knew he didn't do dishes. But he gave you	good	dick. That was a swell trade. Dick for dishes.
20	out. Check this out. You can be anything you're	good	at. As long as they're hiring." And even then

Quadro 7: Linhas de concordância com o adjetivo *good* do texto *Chris Rock: Tamborine*

Em conformidade com a proposta de Stubbs (2001) de se fazer agrupamento lexical de colocados relacionados entre si, foi possível encontrar os seguintes descritores semântico-sintáticos para as palavras que coocorreram com *good* no texto de Rock:

número de ocorrências	descritor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
8	substantivo/pronome que denota situação/experiência	it	8, 10, 16, 17
		time	7
		work	14
		lines	12, 13
7	substantivo/pronome que denota pessoa	husband	2, 3, 4, 5
		man	6
		everybody	11
		you	20
2	substantivo que denota sexo	dick	1, 19
1	pronome de vagueza que se refere a ações	anything	9
1	substantivo que denota tempo	Friday	18
1	substantivo que denota quantidade	sprinkle	15

Quadro 8: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *good* do texto *Chris Rock: Tamborine*

As análises das linhas 7, 8, 10, 16 e 17, de onde os colocados *it* e *time* foram retirados e, então, agrupados sob o descritor semântico-sintático “substantivo/pronome que se refere a uma situação”, parecem revelar a postura de classificar como boas situações aquelas em que há religiosidade, em que há

fidelidade no relacionamento amoroso²⁶, em que se tem bens materiais, em que a igualdade racial seja uma realidade, e, por fim, em que se está ativo profissionalmente. Já a análise feita da linha 14 indicaria que a avaliação de desempenho profissional requer maturidade, ficando afastadas as opiniões oriundas de jovens inexperientes, que estariam sendo supervalorizados²⁷. Consignamos que as linhas 12 e 13 foram desconsideradas, uma vez que nelas a palavra de busca foi utilizada como exclamação de aprovação por outra pessoa que não o comediante, de modo que não refletiriam um julgamento do autor.

No tocante aos colocados *husband* e *man*, associados ao segundo descritor constante do quadro acima, as análises revelariam o entendimento do autor de que o bom marido não deve ser viciado em pornografia²⁸ (linha 2), ouve e é gentil (linhas 4 e 5), bem como que aquele que tem tais atributos deve ser valorizado e esforços devem ser feitos para evitar que outra mulher o conquiste (linhas 3 e 6). Quanto à associação do adjetivo *good* ao colocado *everybody*, a linha de concordância 11 parece revelar a convicção de que em algumas profissões, como a de policiais e de pilotos de avião, erros são inadmissíveis e, por vezes, além de inabilidade, revelam racismo²⁹. A linha 20, na qual ocorre o colocado *you*, indicaria o ponto de vista de que a liberdade de escolha de uma carreira profissional seria limitada tanto pela habilidade em exercê-la quanto pela demanda do mercado de trabalho.

As linhas de concordância 1 e 19, onde *good* foi utilizado em associação a substantivo que denota ato sexual, apontariam para uma concepção de que mulher

²⁶ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "That's right, I ain't cheating at all, you know. I mean, unless Rihanna, you know... It's all good, man. Now I'm dating. I'm actually dating..."

²⁷ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "These souped up kids walking the streets today thinking they're fucking special. I'm walking down the street, always some kid, "Hey, good work, Chris. Really funny, Chris. Love your work."

²⁸ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "Dude, I was not, like, a good husband. I'll just... I was fucked up. You know? I was addicted to porn."

²⁹ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "Whenever the cops gun down an innocent black man...they always say the same things, man. They always say the same thing. It's like, "Well, it's not most cops. It's just a few bad apples." It's just a few bad apples. Bad apple? That's a lovely name for murderer. It's like, how'd they get that one? "Bad apple?" That almost sounds nice. I mean, I've had a bad apple. It was tart. But it didn't choke me out. Here's the thing. Here's the thing. I know it's hard being a cop. I know it's hard. I know that shit's dangerous. I know it is, ok? But some jobs can't have bad apples. Ok? Some jobs, everybody gotta be good. Like... pilots. -You know? American Airlines can't be like, "Most of our pilots like to land. We just got a few bad apples... that like to crash into mountains. Please bear with us."

bonita, bem sucedida e que satisfaz sexualmente seria apenas um sonho, assim como a sexualidade do homem seria participação suficiente na vida em casal.

O pronome de vagueza *anything*, conforme utilizado na linha 9, indicaria que todas as boas ações feitas para os filhos devem ser registradas, de modo a não passarem despercebidas e servirem como provas de boa parentalidade em caso de litígio.

Na linha 15, por sua vez, a utilização de *good* juntamente com o substantivo *sprinkle*, que denota quantidade, parece indicar uma postura de moderação quanto à religiosidade, possivelmente criticando extremismos ao afirmar que, assim como o excesso de sal estraga uma refeição, a devoção exagerada seria maléfica.

Finalmente, cumpre-nos mencionar que a linha 18, onde houve o uso de *good* com o dia da semana *Friday*, não foi submetida a análise por não ensejar avaliação por parte do autor, uma vez que se refere à data religiosa cristã traduzida como “Sexta-Feira Santa” ou “Sexta-Feira da Paixão”.

4.1.1.2 *Little* em Chris Rock

É possível classificar a próxima palavra de busca aqui abordada como um descritor de tamanho (BIBER et al., 1999), visto que *little* pode ser traduzida como “pequeno”. Importante mencionar que, embora o adjetivo *small* tenha a mesma tradução, a descrição que se utiliza de *little* sugere tratar-se de algo ou alguém agradavelmente pequeno, enquanto *small* se restringe a um detalhamento meramente sobre tamanho, sem implicar simpatia por parte do falante (LITTLE, 1992). Conforme as linhas de concordância transcritas no quadro abaixo, esse adjetivo foi utilizado cinco vezes por Rock:

1	uswife get the kids together and they rehearse a <i>little</i> play... that they do when Daddy get home. It's
2	y dime you spent tonight is going towards putting <i>little</i> black girls through private school. Anybody ask y
3	is that shit? Oh, my God! Whoa!" You see <i>little</i> kids eating dreadlocks. You see Shabba Ranks stab
4	fucking ass. Pay attention." Shit, when they was <i>little</i> girls, their white onesie weighed 150 pounds. "D
5	vice principal when you was a kid? Put your <i>little</i> vice principal hat on? Tell the kids the truth.

Quadro 9: Linhas de concordância com o adjetivo *little* do texto *Chris Rock: Tamborine*

Os descritores semântico-sintáticos a que chegamos quando do agrupamento dos colocados de *little* no texto em questão foram:

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
3	substantivo que denota pessoas	girls	2, 4
		kids	3
2	substantivo que denota situação/experiência	play	1
		hat	5

Quadro 10: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *little* do texto *Chris Rock: Tamborine*

As análises feitas do uso de *little* com os colocados agrupados sob o primeiro descriptor semântico-sintático constante do quadro acima parecem sugerir simpatia, ou mesmo carinho ou compaixão, em relação a crianças negras, ressaltando a perversidade e desdobramentos do racismo que alcançam pessoas de qualquer idade³⁰ (linhas 2, 3 e 4). No tocante às duas outras ocorrências de *little* como adjetivo, as análises parecem indicar ironia por parte do autor, revelando, por um lado, rancor para com donas de casa³¹ (linha 1) e, por outro, indignação com a falta de sinceridade com que se tratam crianças, possivelmente apontando para uma postura pessimista quanto ao futuro profissional delas³² (linha 5).

4.1.1.3 *Other* em Chris Rock

Tomando-se por base a categorização proposta por Biber et al. (1999), entendemos que *other* é um adjetivo classificador relacional, uma vez que atua de modo a delimitar o referente de um substantivo. Possíveis traduções de *other* incluem “outro”, “diferente” e “adicional”. As cinco ocorrências de *other* como adjetivo no texto de Rock encontram-se no quadro abaixo.

³⁰ Parte dessa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “[...] fucking ass. Pay attention.’ Shit, when they was little girls, their white onesie weighed 150 pounds. ‘Daddy! Dad, it’s so heavy. It’s so heavy. This hurts. I can’t even stand. I can’t even stand.’ ‘It’s white, motherfucker. It’s white. That’s what whitey do. He break your back.”

³¹ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “The housewife’s a bad motherfucker. Because the housewife got a little time. That’s right. So, before Daddy come home, the housewife get the kids together and they rehearse a little play... that they do when Daddy get home.”

³² Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “Really? They could be anything they wanna be? Then how come you’re a vice principal? Was that the dream? Did you dress up like a vice principal when you was a kid? Put your little vice principal hat on? Tell the kids the truth.”

1	No. Suckers work. That's right. Smart people find <i>other</i> people to work for them. That's right. That's rig
2	so I'm like, "Fuck the police." And on the <i>other</i> hand, I own property. You know, if somebody comes
3	money has to pay the legal fees for the <i>other</i> person. So, I had to pay for a lawyer
4	right. Teachers do one half. Bullies do the whole <i>other</i> half. And that's the half you're gonna use as
5	.. You know, you're getting ready to face a whole <i>other</i> world. I got black kids. I gotta get them

Quadro 11: Linhas de concordância com o adjetivo *other* do texto *Chris Rock: Tamborine*

Observando-se essas linhas, propõem-se quatro diferentes descritores semântico-sintáticos para os colocados de *other*:

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
2	substantivo que denota pessoa(s)	people	1
		person	3
1	substantivo/numeral que denota quantidade	half	4
1	substantivo que compõe expressão idiomática que denota oposição	hand	2
1	substantivo que denota lugar	world	5

Quadro 12: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *other* do texto *Chris Rock: Tamborine*

As análises das linhas de concordância 1 e 3, onde ocorreram os colocados *people* e *person*, parecem indicar rancor para com donas de casa³³ que, além de não trabalharem, seriam responsáveis pela incumbência do divorciando – que trabalha e, portanto, possui rendimentos – de arcar com os custos pelos trâmites legais do divórcio.

Levando-se em conta o segundo descritor semântico-sintático constante do quadro acima, a análise feita parece indicar maior valorização de experiências reais de vida do que do ensino formal, que seria de menos utilidade para o dia a dia (linha 4).

Finalmente, os usos de *other* relacionados aos dois últimos descritores semântico-sintáticos propostos estariam em contexto relacionado ao racismo, que faria com que negros desdenhassem a polícia, paradoxalmente à necessidade de dependerem de proteção policial para seus bens (linha 2), bem como demandaria preparo diferenciado de crianças negras para enfrentarem o mundo (linha 5).

³³ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "Housewives are the smartest motherfuckers on Earth. People think it's the working woman. No. Suckers work. That's right. Smart people find other people to work for them. That's right. That's right."

4.1.1.4 *White* em Chris Rock

Em concordância com Biber et al. (1999), *white* é um adjetivo descritor de cor e, conforme transcrição em quadro que segue, ocorreu 21 vezes no texto de Rock.

1	u would think the cops would occasionally shoot a	<i>white</i> kid... just to make it look good. You would
2	, my God, we're up to 16. We gotta shoot a	<i>white</i> kid quick." "Uh, which one?" "The first one you
3	house, hot, heavy, or sharp. They sit on a	<i>white</i> toilet seat. Burn their ass. "Daddy, my ass is
4	. So, my kids know when they deal with anything	<i>white</i> , they gotta think about that shit. They gotta con
5	n. So, everything in my house... that's the color	<i>white</i> ... is either hot, heavy, or sharp. So, my kids
6	justice system for rich, for poor, for black, for	<i>white</i> . We live in a country where two people can
7	. My house, we don't have fire drills. We have	<i>white</i> -r drills. So, ever since my kids were born,
8	Burn their ass. "Daddy, my ass is burning." "It's	<i>white</i> motherfucker. It's white. That's what whitey do.
9	. I can't even stand. I can't even stand." "It's	<i>white</i> , motherfucker. It's white. That's what whitey do.
10	y ass is burning." "It's white motherfucker. It's	<i>white</i> . That's what whitey do. He burn your fucking ass.
11	an't even stand." "It's white, motherfucker. It's	<i>white</i> . That's what whitey do. He break your back." At
12	live in a world... where an equal amount of	<i>white</i> kids are shot every month. An equal world. I
13	entations. I think they need a black orientation,	<i>white</i> , gay, straight, Mexican, whatever. Because the bl
14	shot every month. An equal world. I wanna see	<i>white</i> mothers on TV crying. Standing next to Al Sharpto
15	black kids. I gotta get them ready for the	<i>white</i> man. I gotta get them ready for America, man.
16	know? It's like, you know. I mean, not the	<i>white</i> man that's here tonight. You guys are alright. Ya
17	. "because you gotta get your kids ready for the	<i>white</i> man. If you're not, then you're fucking up as
18	, ok? I've been getting my kids ready for the	<i>white</i> man since they was born. Ok? Even before they
19	they was born, I've been preparing them for the	<i>white</i> man. Yeah. That's right. My house, we don't have
20	were born, I've been getting them ready for the	<i>white</i> man. So, everything in my house... that's the col
21	tention." Shit, when they was little girls, their	<i>white</i> onesie weighed 150 pounds. "Daddy! Dad, it's so

Quadro 13: Linhas de concordância com o adjetivo *white* do texto *Chris Rock: Tamborine*

Para os colocados de *white*, foi possível alcançarmos agrupamentos nos seguintes descritores semântico-sintáticos:

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
11	substantivo que denota pessoa(s)	kid(s)	1, 2, 12
		(people) ³⁴	6
		mothers	14
		man	15, 16, 17, 18, 19, 20
6	substantivo/pronome que denota objeto	toilet seat	3
		it	8, 9, 10, 11
		onesie	21
2	substantivo que denota situação/experiência	drills	7
		orientation	13
1	pronome de vagueza que se refere a coisas	anything	4
1	substantivo que denota cor	color	5

Quadro 14: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *white* do texto *Chris Rock: Tamborine*

³⁴ Substantivo entre parênteses por encontrar-se apenas de modo implícito no texto.

As análises de todas as linhas de concordância com a palavra de busca *white* parecem demonstrar a percepção da existência de forte racismo, que seria responsável por mais negros do que brancos sendo mortos pela polícia (linhas 1, 2, 12 e 14), por injustiça em julgamentos legais (linha 6), bem como por necessidade de preparo diferenciado das crianças negras para enfrentarem o mundo (linhas 3 – 5, 7 – 11, 13, e 15 – 21).

4.1.1.5 *Whole* em Chris Rock

Finalmente, ainda de acordo com Biber et al. (1999), caracterizamos *whole* como um adjetivo classificador relacional, já que determina o referente de um substantivo, conforme se verifica nas seis ocorrências abaixo transcritas.

1	ou're... You know, you're getting ready to face a <i>whole</i> other world. I got black kids. I gotta get
2	gives a fuck about your opinion. Nobody on the <i>whole</i> earth outside of this door gives a fuck about
3	hat's right. Teachers do one half. Bullies do the <i>whole</i> other half. And that's the half you're gonna use
4	, nobody gives a fuck about you. Nobody in the <i>whole</i> world gives a fuck about you. Nobody thinks you'r
5	man." It's weird, man. It's weird. You know, this <i>whole</i> thing with the cops, man, because... You know, as
6	otherfuckers, man. I was like, "Wow, look at this <i>whole</i> town." Just here. And I'm looking at all these

Quadro 15: Linhas de concordância com o adjetivo *whole* do texto *Chris Rock: Tamborine*

Como descritores semântico-sintáticos para os colocados de *whole* no texto de Rock, sugerimos o quanto consta no quadro que segue.

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
4	substantivo que denota lugar	world	1, 4
		earth	2
		town	6
1	substantivo que denota quantidade	half	3
1	substantivo de vagueza que se refere a situação	thing	5

Quadro 16: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *whole* do texto *Chris Rock: Tamborine*

As análises das linhas de concordância de *whole* parecem revelar o entendimento de que as crianças precisam ser mais bem preparadas para enfrentarem o mundo fora do convívio familiar, especialmente se forem negras (linhas 1, 2 e 4); de que aquilo o que a vida ensina é mais útil do que o ensino formal das escolas (linha 3); de que há controvérsia no fato de um negro, devido a seus

bens, depender de proteção policial (linha 5); e, finalmente, de que todo o aparato legal necessário para um divórcio causaria espanto³⁵ (linha 6).

4.1.1.6 Posturas inferidas de Chris Rock

Tomando-se por base as análises feitas das linhas de concordância do texto de Rock onde foram empregados os adjetivos *good*, *little*, *other*, *white* e *whole* – análises que se encontram detalhadas nas subseções 4.1.1.1 a 4.1.1.5 –, apresentamos a seguir um quadro que traz em ordem alfabética, na primeira coluna, os temas abordados por esse comediante e, na segunda, os posicionamentos do autor que os resultados parecem revelar.

Temas abordados	Posturas inferidas
atividade profissional	exige habilidade
	depende da demanda do mercado
	pessimismo quanto ao futuro das crianças
boa vida / situação	inclui posse de bens materiais
	inclui fidelidade no relacionamento
	inclui religiosidade
	inclui atividade profissional
	inclui igualdade racial
crianças / jovens	devem ser mais bem preparadas para a vida fora do âmbito familiar, especialmente as negras
divórcio	mulher tem preferência na guarda dos filhos
	causa rancor para com ex-mulher
	demanda implausível aparato judicial
ensino formal	não ensina tantas coisas úteis quanto a vida real o faz
polícia	mata mais negros do que brancos
	é desdenhada pelos negros
	é necessária para proteção de bens materiais, inclusive de negros
racismo	leva a polícia a matar mais negros do que brancos
	atinge inclusive crianças, que devem ser especialmente preparadas para a vida fora do âmbito familiar
	leva negros a desdenharem a polícia
	resulta em injustiças em julgamentos legais
relacionamento	o bom marido ouve, é gentil, não é viciado em pornografia, e deve ser valorizado
	mulher bonita, bem sucedida e que satisfaz sexualmente seria apenas um sonho
	homem participa com o sexo; mulher com os trabalhos de casa
	donas de casa têm vida fácil e delegam ao marido as obrigações financeiras
religião	crítica ao extremismo

Quadro 17: Temas e posicionamentos do texto *Chris Rock: Tamborine*

³⁵ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “She got three lawyers. I got three lawyers. The judge. The bailiff. The stenographer. And I'm looking at all these motherfuckers, man. I was like, “Wow, look at this whole town.” Just here. And I'm looking at all these people [...]”

Ao se avaliar a visão de mundo descrita no quadro acima, seria possível entender que as experiências de vida do autor parecem ter influenciado suas reações às situações cotidianas que compuseram os temas de sua apresentação de comédia *stand-up* aqui estudada. Parece-nos admissível conceber que as dificuldades enfrentadas por Rock em sua infância – quando os desafios de um ambiente racista culminaram em seu abandono dos estudos – seriam a origem de sua postura pessimista quanto ao futuro das crianças, bem como de seu entendimento de que, especialmente os jovens negros, devem ser mais bem preparados para a vida fora do âmbito familiar, e de que a vida real traz ensinamentos mais úteis do que o ensino formal.

Ainda como reflexo do fato de Rock ser afrodescendente e, portanto, estar sujeito a enfrentar situações de racismo, teríamos sua abordagem sobre as injustiças exercidas pela polícia e pelos juízes que, respectivamente, matariam e condenariam mais negros do que brancos. Ademais, essa percepção de desigualdade racial, aliada ao fato de o autor ter boa situação financeira, resultaria na contradição de Rock desdenhar a polícia ao mesmo tempo em que reconhece que dela depende para a proteção de seu patrimônio.

Os aborrecimentos advindos dos problemas no casamento e do divórcio parecem também ecoar tanto no posicionamento aparentemente rancoroso do autor para com a ex-mulher – que teria preferência na obtenção da guarda dos filhos e, possivelmente, não teria obrigações financeiras no casamento –, como em sua concepção de necessidade de fidelidade no casamento; de que mulher bonita, bem sucedida e que satisfaz sexualmente não existe; e de que o bom marido ouve sua esposa, é gentil, não é viciado em pornografia, e deve ser valorizado.

Essas inferências feitas a partir das análises desenvolvidas nesta subseção de número 4.1.1 nos permitem entrever sobretudo que, ainda no século XXI, há traços pronunciados de desigualdade racial e de sexismo nos Estados Unidos.

4.1.2 Wanda Sykes

Nascida em 1964, Wanda Sykes, filha de bancária e de coronel do exército norte-americano, mudou-se ainda menina para Maryland, onde estudou até o ensino

médio para, então, retornar ao estado da Virgínia, onde nasceu, a fim de frequentar a universidade onde cursou *marketing* (WANDA, 2019). Sua primeira aparição em público como comediante *stand-up* ocorreu em 1987 e, além de ter dado seguimento a essa carreira, desde então tem atuado em filmes e programas de TV, e escreveu o livro intitulado “*Yeah, I said it*” (2004), bem como inúmeros roteiros de comédia (WANDA, 2019). Em 2008, Sykes assumiu-se lésbica, casou-se com uma francesa – com que teve um casal de gêmeos no ano seguinte –, e iniciou atividades como militante da causa LGBT (WANDA, 2019). Ademais, a autora é envolvida em ações da organização PETA (*People for the Ethical Treatment of Animals*), que defende os direitos dos animais (WANDA, 2019).

4.1.2.1 Good em Wanda Sykes

O adjetivo *good* foi utilizado por 11 vezes no texto de Sykes, conforme as linhas de concordância transcritas no quadro que segue.

1	she's wearing yeah I see man that was a	good point Hillary just made ah I don't know I
2	connected as a couple you do my wife is	good about that she keeps us connected man but only
3	compliments they say stuff like oh girl this is	good whoa you put your foot in this that's good
4	room I'm like give her a kiss was like	good night princess you're still pretty and I go over
5	and I go over to Lucas's room I'm like	good night Lucas good night give him a kiss and
6	the paper and I'm like I all right Lucas	good job man you don't you doing that and I
7	over to Lucas's room I'm like good night Lucas	good night give him a kiss and he goes mommy
8	I never work it doesn't work why because nothing	good trickles nothing good trickles if you go to the
9	work why because nothing good trickles nothing	good trickles if you go to the doctor he tells
10	sigh oh shoot let me run upstairs and say	good night before they fall asleep you know so I
11	good whoa you put your foot in this that's	good you put your foot in this so my wife

Quadro 18: Linhas de concordância com o adjetivo *good* do texto *What happened... Ms. Sykes?*

Os descritores semântico-sintáticos que propomos para os colocados de *good* no texto de Sykes somam cinco, e podem ser observados abaixo.

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
4	substantivo que denota tempo	night	4, 5, 7, 10
2	substantivo que se refere a situação/experiência	point	1
		job	6
2	pronome que se refere a comida	this	3
		that	11
2	pronome que denota ausência	nothing	8, 9
1	substantivo que denota pessoa	wife	2

Quadro 19: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *good* do texto *What happened... Ms. Sykes?*

Embora *night* tenha sido o colocado mais frequente de *good* no texto aqui em questão, excluímos das análises as respectivas linhas de concordância (4, 5, 7 e 10) tendo em vista tratar-se de expressão de cumprimento (“boa noite”) que não implica juízo de valor por parte da autora.

Os outros empregos do adjetivo *good* feito por Sykes parecem indicar que boas situações ou experiências incluem mulheres na política (linha 1) e a independência infantil (linha 6)³⁶, bem como apontar boas habilidades culinárias como sendo algo apreciado³⁷ (linhas 3 e 11). As linhas 8 e 9, por sua vez, parecem revelar crítica ao Partido Republicano³⁸, enquanto a linha 2 evidenciaria que a manutenção da conexão de um casal requer que medidas específicas sejam tomadas.

4.1.2.2 *Little* em Wanda Sykes

De acordo com as linhas de concordância constantes do quadro que segue, vê-se que *little* teve dez ocorrências no texto de Sykes:

³⁶ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “I go in the bathroom I'm like okay son go ahead bend down let me check you should be checking so he bends down you know he's been down so I go get the paper and I'm like I all right Lucas good job man you don't you doing that and I [...]”

³⁷ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “When I cook they enjoy themselves you know I get compliments they say stuff like oh girl this is good whoa you put your foot in this that's good.”

³⁸ Essa análise foi feita por meio da expansão das linhas de concordância aqui transcritas: “Republicans always say the shit you're gonna let the rich keep the money and then it'll trickle down to everybody else which will never work it doesn't work why because nothing good trickles nothing good trickles if you go to the doctor he tells you that you have a trickle whew you're in trouble.”

1	learn a life lesson because I because she has	little fat kids in her school yeah cuz I know
2	like her and her husband they always get into	little spats right so one morning I was looking out
3	hey're just all walking around like confused like	little crackhead bees you know like shit what the fuck
4	just the two of us no kids you little	little getaway for us okay now here's the thing when
5	baby stroller cuz it chopped off your tip of	little Billy's index finger are you fucking kidding me
6	big big big stomach and Esther goes break that	little wrist and take your hand I was like wow
7	oh my gosh she's gonna be one of those	little mean girls and I thought I was like no
8	up in the middle of night and see two	little white kids staring at the foot of your bed
9	resort just the two of us no kids you	little little getaway for us okay now here's the thing
10	walking through the grocery store and then your	little girl runs up to you with a bunch of

Quadro 20: Linhas de concordância com o adjetivo *little* do texto *What happened... Ms. Sykes?*

Analisando tais usos de *little*, alcançamos os descritores semântico-sintáticos para os colocados desse adjetivo conforme quadro abaixo.

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
5	substantivo que denota/nomeia pessoa(s)	kids	1, 8
		Billy	5
		girl(s)	7, 10
3	substantivo que denota situação/experiência	spats	2
		getaway	4, 9
1	substantivo que denota animal	bees	3
1	substantivo que denota parte do corpo	wrist	6

Quadro 21: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *little* do texto *What happened... Ms. Sykes?*

Quando observamos as ocorrências do adjetivo *little* associado a colocados que se referem a pessoas, as análises das linhas 1 e 7 – que são sequenciais no texto de Sykes – parecem apontar para a obesidade infantil como um fato capaz de trazer ensinamento (linha 1) a crianças com alguma tendência a maldades (linha 7), bem como para a existência de desafios no convívio familiar onde estão presentes diferentes nacionalidades e etnias (linhas 8 e 10)³⁹. A linha 5, por sua vez, parece indicar indignação devido ao livre uso de armas em um mesmo contexto onde produtos que causam danos menores são banidos⁴⁰.

³⁹ Parte dessa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “[...] walking through the grocery store and then your little girl runs up to you with a bunch of bananas like here my boo and I see how other black people look at me when they hear that I said it look like mom boo bye Felicia and I can't explain this stuff to my wife I can't explain racial shit to her I can't have this conversation with her she's French.”

⁴⁰ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “you can't ban assault weapon but you can ban a baby stroller cuz it chopped off your tip of little Billy's index finger are you fucking kidding me”

As experiências e situações a que se referem os colocados de *little* no texto de Sykes dizem respeito ao relacionamento conjugal, e demonstrariam que são desejáveis férias em casal sem os filhos (linhas 4 e 9), bem como que discussões nesse tipo de relação seriam normais (linha 2).

Por fim, enquanto a análise da linha 3 parece criticar o excesso de produtos químicos utilizados nas plantações⁴¹, a linha 6 indicaria que comentário sobre aspectos físicos que não se encaixam nos padrões de beleza pode ofender.

4.1.2.3 *Other* em Wanda Sykes

O adjetivo *other*, por sua vez, foi utilizado por três vezes ao longo do texto aqui em questão, conforme linhas de concordância a seguir transcritas.

1	bananas like here my boo and I see how <i>other</i> black people look at me when they hear that
2	shit fuck that wall I was at Cosco the <i>other</i> day and a Mexican popped up hola motherfucker ho
3	well I just wanted you to look at this <i>other</i> why I didn't go ass school you went to

Quadro 22: Linhas de concordância com o adjetivo *other* do texto *What happened... Ms. Sykes?*

Os colocados de *other* observados no quadro acima parecem adequadamente se encaixar sob os descritores semântico-sintáticos que seguem.

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
1	substantivo que denota pessoas	people	1
1	substantivo que denota tempo	day	2
1	substantivo que denota lugar	(area) ⁴²	3

Quadro 23: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *other* do texto *What happened... Ms. Sykes?*

Sykes empregou o adjetivo *other* de modo que parece indicar que grupos étnicos têm expectativas de condutas específicas de seus pares (linha 1), e que a imigração mexicana não é bem vinda e tampouco fácil de ser controlada (linha 2). A

⁴¹ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “they’re just all walking around like confused like little crackhead bees you know like shit what the fuck are you all putting on your plants?”

⁴² Substantivo entre parênteses por encontrar-se apenas de modo implícito no texto.

linha 3, não obstante o fato de seu colocado estar ali apenas subentendido, parece apontar para o constrangimento que um exame médico pode causar (linha 3)⁴³.

4.1.2.4 *White* em Wanda Sykes

As ocorrências do adjetivo *white* somaram-se 12 no texto de Sykes, como se observa abaixo:

1	one-year slave and now I'm married to a	white	French woman and I have two white kids fucked
2	look at the pictures on the wall they're all	white	people this must be how the Obamas feel I
3	of white people and my kids my kids are	white	white you know I mean blond hair blue eyes
4	an't they're white are you kidding me can't beat	white	kids know how much time I did I gotta
5	please help I'm on the 101 knowing what a crazy	white	French lady she is please you gotta get away
6	in the middle of night and see two little	white	kids staring at the foot of your bed that's
7	the end of the day I take care of	white	people and my kids my kids are white white
8	lost her shit cuz you know it's so Snow	White	Cinderella Sleeping Beauty they're all there and
9	look over at my family how did all these	white	people get in my house I walk around my
10	beat your kids you can't well I can't they're	white	are you kidding me can't beat white kids know
11	to a white French woman and I have two	white	kids fucked up my legacy like now I'm a
12	white people and my kids my kids are white	white	you know I mean blond hair blue eyes I'm

Quadro 24: Linhas de concordância com o adjetivo *white* do texto *What happened... Ms. Sykes?*

Conforme se verificará a seguir, todos os colocados de *white* do texto de Sykes podem se encaixar sob um único descritor semântico-sintático.

número de ocorrências	descritor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
12	substantivo que denota pessoa(s) ou personagem	kids	3, 4, 6, 11, 12
		Snow	8
		lady	5
		woman	1
		people	2, 7, 9
		they	10

Quadro 25: Descritor semântico-sintático dos colocados de *white* do texto *What happened... Ms. Sykes?*

À exceção da linha 8, que traz *white* em menção a nome de personagem (Branca de Neve) e, portanto, não enseja análise por não refletir julgamento da comediante, as análises feitas das outras 11 ocorrências desse adjetivo apontariam

⁴³ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "I'm never coming back never coming back he's like but why I don't understand what's the problems like you woke me up in the middle of the procedure what the fuck was that he's like well I just wanted you to look at this other [area] why I didn't go ass school you went to [...]"

para a existência de desafios no convívio familiar onde diferentes etnias estão envolvidas: além de ressaltar o quão brancos são seus filhos (linhas 3 e 12), a autora parece indicar que essa diferença étnica influenciaria seu modo de educá-los (linha 7), já que uma mãe negra não pode bater em seus filhos brancos (linhas 4 e 10), afetando, ainda, seu legado negro (linha 11) e podendo causar algum sobressalto (linhas 2, 6 e 9). Os obstáculos do convívio familiar parecem extrapolar a questão da cor quando Sykes ressaltava o fato de sua esposa, além de branca, ser francesa (linhas 1 e 5).

4.1.2.5 *Whole* em Wanda Sykes

Finalmente, o adjetivo *whole* foi utilizado apenas uma vez por Sykes, conforme transcrição da linha de concordância abaixo.

1	to have to leave this woman like when the <i>whole</i> Ferguson thing was going on you know I was
---	---

Quadro 26: Linha de concordância com o adjetivo *whole* do texto *What happened... Ms. Sykes?*

Tal emprego de *whole* ensejou o seguinte descritor semântico-sintático:

número de ocorrências	descritor semântico-sintático	colocado	linha de ocorrência
1	substantivo de vagueza que se refere a programa de TV	thing	1

Quadro 27: Descritor semântico-sintático do colocado de *whole* do texto *What happened... Ms. Sykes?*

O único emprego do adjetivo *whole* por Sykes parece reafirmar que o convívio com pessoas de outras nacionalidades traz desafios, uma vez que a experiência de vida estaria ligada às origens de cada um⁴⁴.

4.1.2.6 Posturas inferidas de Wanda Sykes

As análises feitas das linhas de concordância do texto de Sykes onde os adjetivos *good*, *little*, *other*, *white* e *whole* foram empregados, conforme expostas

⁴⁴ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “she’s French she doesn’t know American history I mean okay is she’s American citizen now but she just learned enough to pass the test so I can’t have these conversations with her cuz one she might say something stupid and I love her I don’t want to have to leave this woman like when the whole Ferguson thing was going on you know I was watching it and everything but what I do is I can’t watch it like that with her”

nas subseções 4.1.2.1 a 4.1.2.5, nos permitiram organizar os temas abordados e a postura da comediante frente a eles como se verifica no quadro que segue.

Temas abordados	Posturas inferidas
armas	contrária ao armamento da população
convívio entre diferentes etnias e nacionalidades	pode causar sobressaltos e estranheza
	evidencia dificuldade de compreensão do racismo
	implica mudança de comportamento
	implica aprendizado cultural
crianças	independência das crianças é desejável
	obesidade infantil é um fato
	maldade infantil é um fato
cuidado médico	colonoscopia envergonha
diferenças entre sexos	mulher na política não é ouvida
	homem não tem bons hábitos de higiene
habilidades	saber cozinhar é apreciável
imigração	é indesejável e de difícil controle
meio ambiente	crítica ao excesso de produtos químicos em plantações
padrão de beleza	é desejável se enquadrar no padrão vigente
política	crítica ao Partido Republicano
relacionamento	a manutenção da conexão do casal é importante
	são desejáveis férias em casal sem os filhos
	pequenas discussões em casal são normais

Quadro 28: Temas e posicionamentos do texto *What happened... Ms. Sykes?*

Mesmo a rápida biografia de Sykes anteriormente relatada parece deixar-se entrever nos posicionamentos da autora inferidos por meio das análises expostas. É provável que o fato de ser afrodescendente casada com uma francesa branca seja elemento de influência sobre a visão de Sykes de que o convívio entre diferentes etnias e nacionalidades causa estranhamentos, evidencia a dificuldade que aqueles que não são afrodescendentes têm de compreender o racismo, e implica aprendizado cultural e mudança de comportamento. Ainda no que se refere a relacionamentos, mesmo que de modo alheio às origens culturais, as vivências da autora possivelmente subsidiaram seu entendimento de que discussões nesse âmbito são normais, assim como que a manutenção da conexão do casal – o que incluiria períodos longe dos filhos – é necessária.

Ao considerarmos sua condição de mãe, seria possível conceber que Sykes se posiciona de modo favorável à independência infantil, e que reconhece que há maldade dentre as crianças, levada pelas experiências advindas da maternidade.

Outras conexões cabíveis entre a biografia da autora e suas abordagens no texto incluiriam seu status de militante tanto em causas LGBT quanto naquelas relacionadas à defesa dos animais, que poderiam influenciar seu entendimento de que a mulher não é ouvida na política, bem como de que o excesso de produtos químicos usados nas plantações seria maléfico para as abelhas. Além disso, o fato de não ter ancestrais oriundos de outros países em geração próxima possivelmente esteja refletido na rejeição aos imigrantes.

As deduções advindas das análises expostas nesta subseção 4.1.2 amparam a percepção de uma sociedade que, se por um lado é culturalmente plural e considerada avançada em vários aspectos, por outro ainda demonstra sexismo e dificuldades de convívio – ou mesmo aceitação – entre diferentes nacionalidades e etnias, além de parecer comportar melhorias no tratamento que dispensa aos animais.

4.2 BRANCOS

4.2.1 Jen Kirkman

Kirkman nasceu em 1974 em Massachusetts, onde foi criada e frequentou faculdade de teatro (KIRKMAN, 2019). Além de atuar como comediante desde 1997, é roteirista de programas de TV e autora dos livros *“I Can Barely Take Care of Myself: Tales From a Happy Life Without Kids”* (2013) e *“I Know What I'm Doing and Other Lies I Tell Myself: Dispatches from a Life Under Construction”* (2016), ambos memórias cômicas que figuraram entre os mais vendidos em listas publicadas pelo *The New York Times* (KIRKMAN, 2019). Kirkman, que optou por não ter filhos, casou-se em 2009 e, dois anos depois, anunciou que havia se divorciado (KIRKMAN, 2019).

4.2.1.1 Good em Jen Kirkman

O adjetivo *good* teve 17 ocorrências no texto de Kirkman, que podem ser observadas em suas linhas de concordância transcritas abaixo.

1	, I pray the Lord my soul to take.'	Good night, Jen." She shuts the lights off. Shuts the
2	of self-help books about how to raise a	good kid. And how to never have them have trauma
3	night. - Don't "whoo." It's not good. It's not a	good thing. I was a cougar back when Demi Moore
4	e. Everyone's fucking each other out here. It's a	good time. You can get right back into it. I
5	. I don't know with what. I never saw anything	good down there." "Merry Christmas, Nana. Grandpa had
6	a human, you've gotta have an urge to be	good at it and an urge to do it. And
7	ing. - -Thank you, North Door. This was a blast.	Good night. Thank you again.
8	kind of Angelina Jolie Tomb Raider outfit. I look	good. And an ex-boyfriend comes towards me, one I
9	a cougar for one night. - Don't "whoo." It's not	good. It's not a good thing. I was a cougar
10	did. The way you treat single people is not	good. We have single people here, right? Do you agree
11	a stage. It's the weirdest thing. And I'm not	good with family. Like, I had a mother-in-law.
12	had some drinking, you had some driving. Nothing	good happens between 40 and 80. I understand what's go
13	. But... But I'm hoping, maybe we all do one	good thing a day. Or at least we know what
14	it isn't based in reality. I think it's pretty	good. It works... every time. I'm in an alley, in
15	myself. I belonged to a gym, but that wasn't	good enough. The reason it wasn't working is because I
16	God puts you if he can't decide if you're	good or bad. And after that, it's like <i>American
17	do. I know. Don't be offended. I know you're	good people, like, individually. You're like, "I give

Quadro 29: Linhas de concordância com o adjetivo *good* do texto *Jen Kirkman: I'm gonna die alone*

A leitura das linhas acima resultou na proposta de organização dos colocados de *good* sob os descritores semântico-sintáticos conforme quadro que segue.

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
6	substantivo/pronome que denota pessoa(s)	kid	2
		you	6, 16
		I	8, 11
		people	17
6	pronome/substantivo que se refere a situação/experiência	it	9, 14
		way	10
		thing	13
		that	15
3	substantivo/expressão que denota tempo	night	1, 7
		time	4
1	substantivo de vagueza que se refere a ação ou coisa	thing	3
1	pronome de vagueza que se refere a parte do corpo	anything	5
1	pronome que denota ausência	nothing	12

Quadro 30: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *good* do texto *Jen Kirkman: I'm gonna die alone*

Os usos de *good* com colocados relacionados a pessoas parecem revelar o entendimento da autora de que a boa criação de um filho pode contar com suporte de livros específicos (linha 2), além de demandar vontade de ser bom em tal empreitada (linha 6)⁴⁵. Essas análises indicariam, ainda, a concepção de que é possível alcançar boa aparência ao vestir-se como personagem de filme (linha 8); para se conviver bem com a família são necessárias habilidades específicas (linha 11); existe um Deus que julga os bons e os maus (linha 17); e que vários bons indivíduos não necessariamente resultam em um bom grupo (linha 18).

As análises das linhas de concordância que trouxeram *good* quando se tratou de situação ou experiência parecem revelar que a autora entende de modo negativo relacionamentos entre mulheres mais velhas e rapazes jovens (linhas 3 e 9), bem como o modo como as pessoas solteiras são tratadas (linha 10). A linha 14, por sua vez, indicaria que é bom ter fantasias, enquanto a linha 16 apontaria para a necessidade de outras medidas além de mera matrícula em academia para se alcançar boa forma.

Quando se observam as linhas de concordância onde ocorreram os colocados relacionados a “tempo”, seria possível entender que bons tempos, para Kirkman, são aqueles em que se têm relações sexuais com várias pessoas (linha 4), e aqueles em que se têm fantasias (linha 15). Mais uma vez, foram excluídas das análises as linhas 1 e 7, por se referirem ao cumprimento “boa noite”, que não reflete posicionamento por parte da autora.

As últimas linhas mencionadas no quadro acima parecem apontar para expectativa de fidelidade no relacionamento (linha 5)⁴⁶, para pessimismo quanto ao envelhecimento (linha 12), bem como para a necessidade social de se fazer ao menos uma boa ação ao dia (linha 13).

⁴⁵ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “[...] it's a big deal to raise a human, you've gotta have an urge to be good at it and an urge to do it.”

⁴⁶ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “I don't think he was such a great man all the time. I think he was cheating on me. I don't know with what. I never saw anything good down there.” ‘Merry Christmas, Nana. Grandpa had an unsatisfying penis.’”

4.2.1.2 *Little* em Jen Kirkman

A palavra *little*, na função de adjetivo, foi utilizada por quatro vezes por Kirkman:

1	meone from the government comes, and they stick a <i>little</i> pin dart in his butt. Not painful at all.
2	goes, "I think about Megan Fox. I've got a <i>little</i> scenario." I go, "What is it?" He goes, "That
3	not. I like my friends' kids because they are <i>little</i> mini versions of my friends and I think it's
4	laying off all non-essential employees. So... The <i>little</i> elves that paint the hairs black, they have been

Quadro 31: Linhas de concordância com o adjetivo *little* do texto *Jen Kirkman: I'm gonna die alone*

Para os colocados do adjetivo *little* que ocorreram no texto de Kirkman, sugerimos os seguintes descritores semântico-sintáticos:

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
1	substantivo que denota objeto	dart	1
1	substantivo que denota situação	scenario	2
1	substantivo que denota pessoas	versions	3
1	substantivo que se refere a seres míticos	elves	4

Quadro 32: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *little* do texto *Jen Kirkman: I'm gonna die alone*

Os empregos do adjetivo *little* feitos por Kirkman parecem indicar intolerância quanto a ignorância (linha 1)⁴⁷; entendimento de que algum enredo ajuda em fantasias sexuais (linha 2)⁴⁸; alguma restrição quanto a crianças, uma vez que se gosta apenas de algumas (linha 3); bem como a constatação de que, com o avançar da idade, apenas o essencial do corpo humano permanece em funcionamento (linha 4).

4.2.1.3 *Other* em Jen Kirkman

O adjetivo *other*, por seu turno, teve 12 ocorrências no texto de Kirkman, conforme linhas de concordância a seguir transcritas.

⁴⁷ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "Then someone from the government comes, and they stick a little pin dart in his butt. Not painful at all. He just slumps over. He falls asleep into his eternal death, and they throw him in the ocean, we have one less fucking dumbass on the planet."

⁴⁸ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "He likes stories. He goes, 'I think about Megan Fox. I've got a little scenario.' I go, 'What is it?' He goes, 'That she's fucking me.' I go, 'That's not a story.'"

1	him. And unlike people, who are dumb and marry	other people, and you have to wipe each other's ass
2	If you've been one of these people that pressures	other people into having kids just because you love it
3	making yourself live with a person for no reason	other than you want someone to find your corpse someday
4	. My DNA is on it, but I think some	other lady's is, too. I was just trying to get
5	y friends here tonight? - Oh, a smattering. Tell	other gay people that I'm funny. No, but I do.
6	one of you is in the apartment and the	other is on the other side, looking for somewhere to
7	just lets her kid hang out... I saw the	other mothers looking at me. "You let your son hang
8	in the apartment and the other is on the	other side, looking for somewhere to live. That day tha
9	. But you bill it as intimacy and all the	other things married people say about the awful things
10	wouldn't they be for me if I love them?	Other things I love I make part of my life.
11	cute boyfriend in a band was having sex with	other people by just going online. I had to do
12	Saturday and just really grow up." Sometimes your	other married friends don't want to hang out with you

Quadro 33: Linhas de concordância com o adjetivo *other* do texto *Jen Kirkman: I'm gonna die alone*

A leitura das linhas de concordância acima ensinou a organização dos colocados de *other* conforme constante no quadro que segue.

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
7	substantivo/pronome que denota pessoa(s)	people	1, 2, 5, 11
		one	6
		friends	12
		mothers	7
2	substantivo de vagueza que denota coisas	things	9, 10
1	substantivo que denota situação	reason	3
1	substantivo que se refere a células	DNA	4
1	substantivo que denota lugar	side	8

Quadro 34: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *other* do texto *Jen Kirkman: I'm gonna die alone*

As análises das linhas de concordância onde o adjetivo *other* foi utilizado com os colocados agrupados sob o primeiro descriptor semântico-sintático do quadro acima parecem indicar a concepção de que casamento é burrice (linha 1) e divórcio é o momento em que um dos dois efetivamente sai de casa (linhas 6 e 8)⁴⁹, bem como desaprovação da cobrança para se ter filhos (linha 2) e simpatia para com homossexuais (linha 5). Ademais, seria possível inferir que existe expectativa de que um casal seja composto por pessoas de idade semelhante (linha 7)⁵⁰; que o desenvolvimento tecnológico permite traição virtual (linha 11); bem como que o casamento altera o círculo de amizades (linha 12).

⁴⁹ Essa análise foi feita por meio da expansão das linhas de concordância aqui transcritas: "When I say divorce, I mean separation. I mean the day that you and your partner shut the door and one of you is in the apartment and the other is on the other side, looking for somewhere to live."

⁵⁰ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "I saw the other mothers looking at me. 'You let your son hang out at a gas station?' I'm like, 'He's not my son. I'm gonna fuck him.'"

Os empregos de *other* com o colocado *things* parecem revelar que a autora entende que intimidade é sinônimo de inconvenientes da vida a dois (linha 9), e que há dificuldade, por parte da sociedade, em aceitar as mulheres que não querem ter filhos (linha 10)⁵¹.

As outras duas ocorrências no texto de Kirkman de *other* como adjetivo indicariam que o casamento é motivado por egoísmo (linha 3) e que nem todos têm habilidade para com fantasias sexuais (linha 4)⁵².

4.2.1.4 *White* em Jen Kirkman

Conforme se observa nas transcrições que seguem, Kirkman recorreu ao adjetivo *white* por duas vezes em seu texto:

1	I worry. Now, here's the thing. If it was <i>white</i> hair, no problem. I'd grow that out silky like
2	and I like old people. Keep them. It's us, <i>white</i> people, 20 to 60, doing nothing. I'm yelling, you

Quadro 35: Linhas de concordância com o adjetivo *white* do texto *Jen Kirkman: I'm gonna die alone*

Os colocados de *white* no texto de Kirkman podem ser relacionados a descritores semântico-sintáticos conforme quadro abaixo.

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	Colocados	linhas de ocorrência
1	substantivo que denota cabelo	hair	1
1	substantivo que denota pessoas	people	2

Quadro 36: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *white* do texto *Jen Kirkman: I'm gonna die alone*

As análises das linhas de concordância em que *white* ocorreu parecem revelar aceitação da aparência ligada ao envelhecimento (linha 1), bem como defesa de jovens, idosos e minorias étnicas (linha 2), na medida em que a autora afirma que o problema da sociedade são os brancos de 20 a 60 anos de idade⁵³.

⁵¹ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "Child-free people have to walk around not looking like monsters, so we have to say lies like, 'I love kids, they're just not for me.' That doesn't make sense. Why wouldn't they be for me if I love them? Other things I love I make part of my life."

⁵² Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "My DNA is on it, but I think some other lady's is, too. I was just trying to get up early and lose some weight. I cannot masturbate to a penis in the woods!"

⁵³ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "They blame babies, too many people having babies, and they blame old people, old people living too long. I don't

4.2.1.5 *Whole* em Jen Kirkman

Por fim, *whole* foi empregado como adjetivo em três momentos no texto de Kirkman:

1	six every morning. Be done by seven, have the <i>whole</i> day ahead of me. Why didn't I think of
2	K. Oh, my God, everyone's married!" You think the <i>whole</i> world is married. Which is fine. But do you
3	e, this thing that you're doing." She writes this <i>whole</i> post. "Well, I put Andy down last night." I

Quadro 37: Linhas de concordância com o adjetivo *whole* do texto *Jen Kirkman: I'm gonna die alone*

Os descritores semântico-sintáticos sugeridos para os colocados de *whole* no texto em questão podem ser observados a seguir.

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
1	substantivo que denota tempo	day	1
1	substantivo que denota lugar	world	2
1	substantivo que denota comunicação	post	3

Quadro 38: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *whole* do texto *Jen Kirkman: I'm gonna die alone*

As análises das linhas de concordância onde Kirkman recorreu ao adjetivo *whole* parecem indicar necessidade de estratégias para boa administração do tempo (linha 1); percepção de que a maioria das pessoas é casada (linha 2); assim como constatação de que ocorrem mudanças na linguagem daqueles que se tornam pais (linha 3)⁵⁴.

4.2.1.6 Posturas inferidas de Jen Kirkman

A seguir encontram-se relacionados os posicionamentos de Kirkman, perante os tópicos por ela abordados, que as leituras feitas das linhas de concordância

care. I like babies and I like old people. Keep them. It's us, white people, 20 to 60, doing nothing. I'm yelling, you paid to watch it. This is stupid. I have a dumb job, I have a dumb life, so do you. Taking up space."

⁵⁴ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "this thing that you're doing." She writes this *whole* post. "Well, I put Andy down last night." I called her. "Whoa, dude, what? Oh, my God, I can't even believe you didn't say anything sooner. I'm not judging, though. I'm serious. It's quality of life, not quantity. If you were going to have to keep giving him operations just to keep him around, I get it." She said, "Jen, I put him to bed." I said, "You said put him down. That's what you do to a dog when he dies." She goes, "Well, that's what parents say."

contendo os adjetivos *good*, *little*, *other*, *white* e *whole* – conforme expostas nas subseções 4.2.1.1 a 4.2.1.5 – parecem indicar.

Temas abordados	Posturas inferidas
aparência	de personagem de filme é boa
	entrar em forma requer esforços
casamento/relacionamento	casamento é burrice
	casados restringem suas amizades
	divórcio é a separação de fato
	os inconvenientes do casamento são chamados de intimidade
	casa-se apenas por egoísmo
	casados parecem ser maioria
	há expectativa de fidelidade
	está sujeito a traição virtual
etnia	brancos ociosos de 20 a 60 anos são o problema da sociedade
família	conviver bem com a família requer habilidades
filhos/crianças	ter filhos requer desejo de ser bom em criá-los
	sua criação pode ter apoio de livros de autoajuda
	não se gosta de crianças indistintamente
	desaprova cobrança para tê-los
	causam alteração na linguagem dos pais
gays	é simpática a eles
idade	mulher mais velha não deve ter relações sexuais com homens jovens
	a vida acaba aos 40
	apenas o essencial do corpo permanece funcionando
	aceita a aparência ligada ao envelhecimento
religião	há um Deus que julga bons e maus
	há purgatório
sexo	fantasiar é bom, algum enredo ajuda, e são necessárias habilidades
	muito sexo é bom
sociedade	grupo de bons indivíduos não é necessariamente um bom grupo
	deve-se fazer ao menos uma boa ação ao dia
	ignorância deveria ser punida
	não aceita mulheres que não querem ter filhos
	brancos ociosos de 20 a 60 anos são o problema
	trata mal os solteiros
	não concebe relacionamento entre mulher mais velha e homem jovem
tempo	requer administração

Quadro 39: Temas e posicionamentos do texto *Jen Kirkman: I'm gonna die alone*

O quadro acima parece trazer correlações com experiências de vida da autora mencionadas na biografia que abriu esta subseção, especialmente seu casamento,

divórcio, e opção por não ter filhos. Seria plausível acreditar que os problemas que Kirkman enfrentou no casamento, ao menos em parte, moldaram sua visão de que essa é uma instituição a que se recorre por egoísmo e falta de inteligência, bem como sua concepção negativa da intimidade em um relacionamento. É provável, ainda, que o divórcio tenha trazido consequências de onde originaram a percepção de Kirkman de que os solteiros são minoria em uma sociedade que os maltrata. Ademais, o fato de escolher não se tornar mãe refletiria-se na alusão que a autora faz às cobranças que a mulher sofre para ter filhos.

A própria idade de Kirkman, que na ocasião da apresentação do texto aqui abordado tinha há pouco passado dos quarenta, embasariam suas abordagens sobre envelhecimento: embora a autora pareça indicar resignação quanto às alterações físicas que ocorrem com o passar do tempo, as perdas de funções do corpo são vistas como o fim da vida. As experiências advindas da idade poderiam, ainda, fundamentar o entendimento de Kirkman de que relações sexuais entre mulheres que passam dos 40 e homens jovens são inaceitáveis.

O que se extrai das análises aqui empreendidas, conforme expostas nesta seção 4.2.1, endossa uma cultura que valoriza a moral e os bons costumes, representados pela família tradicional – composta por homem mais velho que a mulher e filhos –, bem como ressalta a juventude, e enfrenta dificuldades de aceitação das limitações impostas pelo envelhecimento.

4.2.2 John Mulaney

Nascido em 1982 na cidade de Chicago, Illinois, Mulaney, filho de professora de direito e advogado, foi criado de modo rígido com seus três irmãos dentro da religião católica, o que o levou a atuar como coroinha em missas durante a infância (JOHN, 2019). Mulaney se formou em Literatura Inglesa e Religião em 2004, e pouco tempo depois iniciou sua carreira como roteirista de programas de comédia, produtor, ator e comediante (JOHN, 2019). Em 2014, Mulaney casou-se com uma judia, com quem vive juntamente com a cachorra Petunia, considerada a filha do casal (JOHN, 2019).

4.2.2.1 *Good* em John Mulaney

Mulaney empregou 11 vezes o adjetivo *good* em seu texto aqui estudado, conforme se verifica nas linhas de concordância abaixo transcritas.

1	, come on!" I don't know. I thought that'd be	good.	But then it just made it worse, because it
2	law firm had been hired to defend Bill Clinton.	Good	night, Chicago.
3	led-up noodle 'Y'. Block letters and cursive look	good	together." And then you go to write "Birthday" an
4	in front of her, we go, "Mmm, dinner. Mmm,	good	dinner." Like we're space aliens in a play about
5	. We thought that'd be fun for people. But, no,	good	point. No, he doesn't get to, he doesn't get
6	edy assassination." "Ah! Oh, wow, that's a really	good	idea, I mean, we didn't even think of that." "
7	front and offer to walk them home. That sounds	good,	right? So, my mom tells me that Bill Clinton
8	h. And also you should have some." "Hey, that's	good.	Let's keep that for 2,000 years. And then change
9	years, we all said... "And also with you." -Very	good.	But they changed it to "And with your spirit."
10	go to the past." "Yeah." Kids have it very	good	now. My friend's a teacher. She told me that,
11	. And, by the way, I agree, it's a very	good	thing. But it's also a really weird thing, becaus

Quadro 40: Linhas de concordância com o adjetivo *good* do texto *John Mulaney: the comeback kid*

Os colocados de *good* nessas linhas podem ser organizados sob os seguintes descritores semântico-sintáticos:

número de ocorrências	descritor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
9	pronome/substantivo que denota situação	that	1, 7, 8
		letters	3
		point	5
		idea	6
		it	9, 10
		thing	11
1	substantivo que denota tempo	night	2
1	substantivo que denota comida	dinner	4

Quadro 41: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *good* do texto *John Mulaney: the comeback kid*

As análises das linhas de concordância onde *good* foi usado com colocados que se referem a situações e experiências parecem revelar o entendimento do autor de que respostas evasivas a crianças não são um bom recurso (linha 1)⁵⁵; o filme “De volta para o futuro” tem enredo inadequado (linhas 6 e 5); cavalheirismo é bom (linha 7)⁵⁶; resposta usada em ritual religioso é adequada (linhas 9 e 8); atualmente

⁵⁵ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “[...] do you know what you're supposed to say when a baby points at you and knowingly says, "He has a penis"? No, I'm asking, because I don't know what to say in that situation. Here's what I went with that day. I said, "Oh, come on!" I don't know. I thought that'd be good. But then it just made it worse, [...]”

⁵⁶ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “[...] there was this sort of chivalrous policy on campus back then, where, late at night, if female students were leaving

a situação das crianças é muito boa (linha 10)⁵⁷; e o uso de maconha não deve ensejar prisão (linha 11)⁵⁸.

O emprego de *good* na linha 4 parece, ainda, indicar que Mulaney se surpreende com o que é capaz de fazer pela cachorra de estimação (linha 4)⁵⁹. Por fim, consignamos que foram desconsideradas das análises a linha 2, por tratar-se de expressão de cumprimento que não reflete posicionamento do autor, e a linha 3, que apenas descreve dizeres em letras de forma e cursiva de modo que nos parece alheio a postura culturalmente definida, o que não contribuiria para o objetivo deste trabalho.

4.2.2.2 *Little* em John Mulaney

O adjetivo *little*, por sua vez, foi utilizado 20 vezes por Mulaney:

the library unaccompanied, male students were encouraged to wait out in front and offer to walk them home. That sounds good, right? So, my mom tells me that Bill Clinton [...]"

⁵⁷ Essa análise foi feita por meio da expansão das linhas de concordância aqui transcritas: "They build a time machine, and they go back in time, and they stop the Kennedy assassination." "Ah! Oh, wow, that's a really good idea, I mean, we didn't even think of that." "All right, well, what do they do with the time machine?" "Well, now I'm embarrassed to say. Ah, well, all right, all right, all right. We thought... We thought it would be funny, you know, if the boy, if he went back in time and, you know, he tried to fuck his mom." "I don't know. We thought that'd be fun for people. But, no, good point. No, he doesn't get to, [...]"

⁵⁸ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "We don't go to jail for marijuana, you silly billy. When I was arrested with a one-hitter at a Rusted Root concert, I did not serve hard time. I think I got an award. Eighteen or 19 states. And, by the way, I agree, it's a very good thing. But it's also a really weird thing, [...]"

⁵⁹ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "Before my wife and I give Petunia her dish, we take down empty bowls and spoons, and in front of her, we go, "Mmm, dinner. Mmm, good dinner." Like we're space aliens in a play [...]"

1	one cared about my opinion when I was a <i>little</i> kid. No one cared what I thought. Sometimes, peop
2	of my apartment," you know? But when you're a <i>little</i> kid, you can't say, "I don't know." You should
3	roof. I had no rights when I was a <i>little</i> kid. I remember, one time, I walked into a
4	know, as mad as that made me as a <i>little</i> kid, in retrospect, that is the funniest thing I
5	any children, we have a dog. We have a <i>little</i> puppy named Petunia. She's a tiny little French
6	yourself. That's not really a joke, that's just a <i>little</i> sweet thing I like to say. because I'd been
7	now." -"Hush!" -"You're promoted." I temped at a <i>little</i> web company on 25th Street in New York City.
8	eally do. -And, yeah, yeah... Sure, she's a bossy <i>little</i> Jew, but... ...she takes care of you. And you
9	there. You know, in case you have a couple... <i>little</i> guys... running around in the grass." And I got
10	, "So excited to see you two." We would have <i>little</i> conferences before we walked into a house. She'd
11	where she could see little bits of data, like, " <i>Little</i> honky ass," and could read information. As I walk
12	Hell, yes." So-- This is absolutely true. My mom, <i>little</i> Ellen Stanton, walked arm-in-arm with Bill Clinto
13	woman standing at Eighth and 31st. I have my <i>little</i> roller suitcase. You can all imagine. I'm walking
14	. How perfect is that? He had a vanload of <i>little</i> kids, and he got black coffee. The one thing
15	self-esteem. I remember, one time, we were really <i>little</i> kids. I have two sisters and a brother, and
16	she had Terminator vision... where she could see <i>little</i> bits of data, like, "Little honky ass," and cou
17	pull? He's all thin now, and he wears these <i>little</i> tight suits, and he's got these grandpa reading g
18	have a little puppy named Petunia. She's a tiny <i>little</i> French bulldog puppy. I like having a puppy that'
19	us, and they shouldn't have trusted us. We were <i>little</i> goblins. We were terrible. I remember, one time,
20	to this resort for a vacation when we were <i>little</i> kids. Three weeks before we went to the resort,

Quadro 42: Linhas de concordância com o adjetivo *little* do texto *John Mulaney: the comeback kid*

Entendemos que os colocados de *little* no texto em questão se encaixam sob os descritores semântico-sintáticos abaixo elencados.

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
11	substantivo que nomeia/denota pessoa(s)	kid(s)	1, 2, 3, 4, 14, 15, 20
		Jew	8
		guys	9
		Ellen Stanton	12
		goblins	19
2	substantivo que denota animal	puppy	5, 18
2	substantivo que denota comunicação	thing	6
		conferences	10
2	substantivo que denota objeto(s)	suitcase	13
		suits	17
1	substantivo que denota lugar	company	7
1	substantivo que denota parte do corpo	ass	11
1	substantivo que denota quantidade	bits	16

Quadro 43: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *little* do texto *John Mulaney: the comeback kid*

Os usos que Mulaney fez do adjetivo *little* com colocados que dizem respeito a pessoas parecem indicar que, quando criança, ele não tinha direitos (linha 3); suas vontades e opiniões não eram então respeitadas (linhas 4, 1, 2 e 14); ele e seus

irmãos eram terríveis na infância (linhas 19 e 20)⁶⁰ e não tinham a felicidade e auto-estima levadas em conta por seu pai (linha 15)⁶¹; e que jardim seria local adequado para crianças brincarem (linha 9). Esses empregos de *little* revelariam, ainda, que mulher judia pode ser autoritária e zelosa (linha 8), e que o autor demonstra postura carinhosa para com sua mãe (linha 12).

As linhas mencionadas sob o descritor “animal”, por seu turno, indicariam que cachorro de estimação pode ser alternativa a filhos (linhas 18 e 5), enquanto aquelas onde os colocados de *little* referem-se a comunicação parecem apontar para a concepção do autor de que corretoras de imóveis sempre guardam semelhança com as mães dos clientes (linha 10)⁶², e que o casamento faz a pessoa sentir-se melhor consigo mesma (linha 6)⁶³.

A análise da linha 17 parece apontar para a concepção de que a aparência de um homem envelhecido seria de maior fragilidade⁶⁴, ao passo que a linha 7 revelaria que empresas pequenas estão relacionadas a empregos temporários. Finalmente, as linhas de concordância 11 e 16 indicariam que prostitutas e traficantes abordam possíveis clientes de modo desconcertante⁶⁵.

Cumpre-nos mencionar que a linha 13 não foi considerada nas análises tendo em vista tratar-se de mera descrição de objeto sem indicação de postura cultural,

⁶⁰ Parte dessa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “I remember, one time, we were going to this resort for a vacation when we were little kids. Three weeks before we went to the resort, my dad sat us down and he said, “All right, we’re going to a resort, and I’ve just been informed that the man who owns the resort only has one arm.” And we were like, “Oh, yes!”

⁶¹ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “My dad loved us. He just didn’t care about our general happiness or self-esteem. I remember, one time, we were really little kids. I have two sisters and a brother, [...]”

⁶² Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “[...] real estate agents always look like your mom. And they have various Chico’s accoutrements. They always have kind of fun mom energy. And they’re always, “So excited to see you two.” We would have little conferences before we walked into a house.”

⁶³ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “Being married is so nice. I never knew relationships were supposed to make you feel better about yourself. That’s not really a joke, that’s just a little sweet thing I like to say.”

⁶⁴ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “[...] pull? He’s all thin now, and he wears these little tight suits, and he’s got these grandpa reading glasses, like, “Hey, I can’t do nothing to nobody no more.” “Oh, me? I’m just an old, old man.”

⁶⁵ Essa análise foi feita por meio da expansão das linhas de concordância aqui transcritas: “[...] she had Terminator vision... where she could see little bits of data, like, “Little honky ass,” and could read information. As I walked past her, she said this to me. I walked past her and she said, and I’m quoting, “Eat ass, suck a dick and sell drugs.” Very dirty, yes? A very upsetting thing to hear, yes?”

não servindo, assim, de subsídio para melhor entendermos como o autor parece reagir em situações do dia a dia.

4.2.2.3 *Other* em John Mulaney

Os empregos de *other* como adjetivo somaram-se sete no texto de Mulaney, conforme linhas de concordância transcritas no quadro abaixo.

1	my brother was like, "That's great!" I have had	<i>other</i> jobs besides comedy. I was an office temp for
2	of the bride, and right at that moment the	<i>other</i> altar boy said, "Aw, she's ugly." And then they
3	<i>other</i> cubicle. This woman named Mischa sat in the	<i>other</i> cubicle. I want to get the number right. I
4	chance with Bill Clinton. Now, my dad, on the	<i>other</i> hand, hated Bill Clinton, because my parents were
5	tanding there dressed for work, and he says, "The	<i>other</i> shoe just dropped." And then my dad went in
6	delivered the Chinese food. And we don't look the	<i>other</i> way when he says weird shit to the girls
7	weeks. I was in a cubicle next to this	<i>other</i> cubicle. This woman named Mischa sat in the <i>other</i>

Quadro 44: Linhas de concordância com o adjetivo *other* do texto *John Mulaney: the comeback kid*

Os colocados do adjetivo *other* foram distribuídos sob os seguintes descritores semântico-sintáticos:

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
3	substantivo que denota lugar	cubicle	3, 7
		way	6
1	substantivo que denota situação	jobs	1
1	substantivo que denota pessoa	altar boy	2
1	substantivo que compõe expressão idiomática que denota oposição	hand	4
1	substantivo que denota objeto	shoe	5

Quadro 45: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *other* do texto *John Mulaney: the comeback kid*

As ocorrências do adjetivo *other* com colocados relacionados a lugar parecem apontar para configuração de local de trabalho dividido em estações individuais (linhas 3 e 7), bem como para o entendimento do autor de que os traficantes de drogas são tratados pelos usuários com educação apenas por comercializarem produtos ilegais (linha 6)⁶⁶.

⁶⁶ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "And we don't show that same politeness to people who deliver legal products. Like, when the Chinese food delivery guy comes, we don't let him hang out after he's delivered the Chinese food. And we don't look the other way when he says weird shit to the girls [...]"

Os outros usos de *other* no texto em questão indicariam que comediantes não necessariamente seguem essa carreira desde o início de suas atividades profissionais (linha 1), que crianças não têm meias-palavras (linha 2), que a aprovação ao Bill Clinton não é unânime (linha 4), e que o escândalo envolvendo o mencionado político e sua estagiária Monica Lewinsky não surpreendeu a todos (linha 5)⁶⁷.

4.2.2.4 *White* em John Mulaney

Conforme é possível observar no quadro abaixo, o adjetivo *white* foi empregado por quatro vezes por Mulaney em seu texto aqui estudado.

1	of her. And also, we're gonna imply that a <i>white</i> man wrote 'Johnny B. Goode.' So, we're gonna
2	dad was driving, going down the highway in our <i>white</i> van with wood around the side. because you rememb
3	you point out molestation on. "Show us on this <i>white</i> comedian where the man touched you." It's been a
4	. Yeah, well... All right, don't "whoo" if you're <i>white</i> . It's always been legal for us. Come on, sir.

Quadro 46: Linhas de concordância com o adjetivo *white* do texto *John Mulaney: the comeback kid*

Os descritores semântico-sintáticos que sugerimos para os colocados de *white* do texto de Mulaney são dois:

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
3	substantivo/pronome que denota pessoa	man	1
		comedian	3
		you	4
1	substantivo que denota objeto	van	2

Quadro 47: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *white* do texto *John Mulaney: the comeback kid*

As três linhas de concordância onde *white* ocorreu com colocado que denota pessoa indicariam que um ato possivelmente racista colocaria em dúvida a autoria de uma música (linha 1), que comediante branco tem aparência dócil (linha 3), e

⁶⁷ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "And on the morning that the Monica Lewinsky scandal breaks on the cover of The New York Times. It had been on the Drudge Report, and then it was on the cover of The New York Times. That morning, I wake up to the newspaper hitting me in the face. I am a teenager asleep in bed, and the newspaper hits me in the face and falls open on my stomach. And I open my eyes to see my dad standing there dressed for work, and he says, "The other shoe just dropped."

que apenas negros são punidos pelo uso de maconha (linha 4)⁶⁸. Ademais, a análise da linha 2 parece revelar que o autor entende ser curioso um tipo de automóvel que um dia foi popular nos EUA.

4.2.2.5 *Whole* em John Mulaney

Finalmente, conforme se observa no quadro abaixo, o adjetivo *whole* foi utilizado três vezes por Mulaney.

1	And they're like, "Partial credit." And that's a <i>whole</i> thing. But in elementary school, it doesn't mat
2	knee. And it was a very lovely day. His <i>whole</i> extended family was there. And he was bouncing hi
3	where you got cheated on, but it changes your <i>whole</i> worldview. because when I was a kid, I used

Quadro 48: Linhas de concordância com o adjetivo *whole* do texto *John Mulaney: the comeback kid*

Igualmente ao ocorrido com o adjetivo *white*, nossa proposta inclui dois descritores semântico-sintáticos para os colocados de *whole*.

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
2	substantivo que denota situação/experiência	Thing	1
		worldview	3
1	substantivo que denota pessoas	Family	2

Quadro 49: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *whole* do texto *John Mulaney: the comeback kid*

As análises das linhas de concordância que trouxeram o adjetivo *whole* associado a colocados que denotam situação ou experiência parecem indicar que a opinião do aluno começa a ser valorizada na faculdade (linha 1)⁶⁹, bem como que uma traição muda a visão de mundo de quem é traído (linha 3). Por fim, o uso de *whole* na linha de concordância 2 apontaria para a apreciação de eventos que reúnem toda a família.

⁶⁸ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "Marijuana is legal in 18 or 19 states in some form or another. -It's insane. Yeah, well... All right, don't "whoo" if you're white. It's always been legal for us."

⁶⁹ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "Your opinion doesn't matter in elementary school either. It matters in college. College is just your opinion. Just you raising your hand and being like, "I think Emily Dickinson's a lesbian." And they're like, "Partial credit." And that's a whole thing."

4.2.2.6 Posturas inferidas de John Mulaney

As análises dos usos dos adjetivos *good*, *little*, *other*, *white* e *whole*, feitas no texto aqui estudado e expostas nas subseções 4.2.2.1 a 4.2.2.5, parecem revelar os temas e as posturas assumidas pelo comediante conforme constantes no quadro abaixo.

Temas abordados	Posturas inferidas
animal de estimação	pode ser alternativa a filhos
	altera rotina de seus donos
casamento	faz a pessoa sentir-se melhor consigo mesma
	esposa judia é autoritária porém zelosa
crianças/filhos	respostas evasivas a crianças não são um bom recurso
	atualmente têm situação muito boa
	brincar ao ar livre pode ser bom
	sempre têm que ter respostas
	não têm meias-palavras
	suas opiniões na escola não têm valor
	no passado, eram peraltas e não tinham atenção ou direitos, e seus desejos não eram atendidos
drogas	maconha não deve ensejar prisão
	traficante/prostituta aborda de forma desconcertante
	usuários tratam bem traficantes apenas porque vendem produtos ilegais
	apenas negros são punidos por uso de maconha
envelhecimento	causa aparência de fragilidade
etnia	apenas negros são punidos por uso de maconha
	comediantes brancos têm aparência vulnerável e dócil
	esposa judia é autoritária porém zelosa
	brancos desrespeitariam autoria de música composta por afrodescendente
família	mãe é merecedora de carinho
	sua reunião é apreciada
	no passado tinham grandes carros com acabamento lateral em madeira
política	é controversa
	é previsível
relacionamento	homem oferece segurança à mulher
	traição muda visão de mundo de quem é traído
religião	deve manter tradições
sexo	profissional do sexo/traficante aborda de forma desconcertante
trabalho	vendedoras podem agir como mães como técnica de vendas
	ao longo da vida tem-se diferentes ocupações
	pode prescindir de atuação em equipe
	profissional do sexo/traficante aborda de forma desconcertante

Quadro 50: Temas e posicionamentos do texto *John Mulaney: the comeback kid*

As posturas de Mulaney acima expostas parecem trazer algumas claras conexões com sua biografia. Parece-nos provável que sua visão de que um animal de estimação pode ser uma alternativa a filhos, e que sua presença altera a rotina de uma casa, seja proveniente do fato de Mulaney não ter filhos e ter em casa a cachorrinha Petunia que, além de ser nominalmente mencionada durante a apresentação de comédia *stand-up* aqui estudada, tem aparições na abertura e no fechamento do respectivo vídeo.

Outras experiências de sua vida parecem ter igualmente pautado alguns posicionamentos de Mulaney que inferimos a partir das análises já expostas: o fato de ser casado com uma judia possivelmente motivou sua percepção de que uma esposa com tal origem cultural é, a um só tempo, autoritária e zelosa; sua educação rígida poderia ser concebida como a base da visão do autor de que as crianças, nos dias de hoje, encontram-se em muito melhor situação, pois têm direitos, atenção e suas vontades atendidas; e o catolicismo presente em seu histórico seria a origem de sua visão tradicional que refuta inovações nos rituais religiosos.

As análises empreendidas do texto de John Mulaney e apresentadas nesta seção de número 4.2.2 permitiriam entrever reflexos de uma sociedade que confere papel de destaque ao animal de estimação dentro da família, que educa seus filhos com menos rigidez do que fazia no passado, que é racista e tradicional, mas leniente com o comércio de drogas.

4.3 ASIÁTICOS

4.3.1 Jo Koy

Filho de pai norte-americano e mãe filipina, Jo Koy nasceu no estado de Washington em 1971, e cresceu com duas irmãs, que saíram de casa bem mais cedo do que ele (JO, 2019). Embora tenha iniciado seus estudos em nível superior em Las Vegas, Koy desistiu da formação acadêmica para seguir a carreira de comediante (JO, 2019). Sua primeira aparição como comediante *stand-up* foi em 1994, e desde então tem se apresentado tanto em teatros como em programas de TV, além de ter iniciado, em 2012, gravações para *podcasts* (JO, 2019). Divorciado, Koy tem um filho adolescente com quem vive até hoje (JO, 2019).

4.3.1.1 *Good* em Jo Koy

O texto de autoria de Koy aqui estudado trouxe 11 ocorrências do adjetivo *good*, conforme se verifica nas linhas de concordância transcritas no quadro que segue.

1	apkin. "Here, wipe your face, Joe." Because I'm a	<i>good</i>	dad. Let me do that with my mom when
2	go, "Yes, we do." But I was being a	<i>good</i>	dad. I was, like, "No. I can't buy that
3	here, right now, that are nurses. Today is a	<i>good</i>	day to get injured at a show... because there
4	makes me so sad. I hate it. "Have a	<i>good</i>	day at school." He's like this: "All right." And
5	eing a nurse. That's a great job, great benefits,	<i>good</i>	money. I'm just saying, it wasn't your dream. Tha
6	ke, every color just mixed with everybody else.	<i>Good</i>	shit. We've got Latinos out here. Somehow you g
7	. C-minus in Math. In private school, that's not	<i>good</i>	. That's failing Math. So, of course, she brings m
8	-minus in Math. Uh-oh. Uh-oh. That's not	<i>good</i>	. What are we gonna do to solve that, Mr.
9	eyes!" My mom goes, "Well, then you can sleep.	<i>Good</i>	night, Joseph." She didn't give a shit. Mean. She
10	icks?" "Because I have pneumonia." He's got it so	<i>good</i>	. I've got to stop spoiling him. I spoil him
11	arried. My sister's getting married. Shit. That's	<i>good</i>	, right? How long have you guys been together? Ei

Quadro 51: Linhas de concordância com o adjetivo *good* do texto *Jo Koy: live from Seattle*

Os colocados do adjetivo *good*, conforme utilizado por Koy, ensejaram a organização dos seguintes descritores semântico-sintáticos:

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
3	pronome/substantivo que se refere a situação/experiência	shit	6
		that	7, 8, 11
		it	10
3	substantivo que denota tempo	day	3, 4
		night	9
2	substantivo que denota pessoa	dad	1, 2
1	substantivo que denota vencimentos	money	5

Quadro 52: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *good* do texto *Jo Koy: live from Seattle*

As análises das linhas de concordância onde *good* foi utilizado com colocados associados a situação ou experiência parecem indicar que o autor considera que conviver em ambiente multirracial (linha 6) e casar (linha 11) são coisas boas; ser reprovado em escola particular não é bom (linhas 7 e 8); e que o filho tem vida fácil e com excesso de mimos (linha 10).

Das ocorrências de *good* associado a colocados relacionados a tempo, desconsideramos as linhas 4 e 9 de nossas análise, já que são as expressões fixas de cumprimento “tenha um bom dia” e “boa noite”, respectivamente, e, portanto, não

refletiriam julgamento por parte do autor. A linha 3, por outro lado, indicaria que ter enfermeiras por perto conferiria maior segurança e tranquilidade à apresentação em público feita pelo comediante.

Good foi empregado, ainda, de modo a possivelmente revelar que um bom pai se dedica aos cuidados de higiene da criança (linha 1) e tem limites no que compra para seu filho (linha 2). Por fim, a análise da linha de concordância 5 parece apontar para a concepção de que enfermeiras ganham bem, o que faria com que essa fosse uma boa escolha mesmo não sendo a profissão que se almeja.

4.3.1.2 *Little* em Jo Koy

O adjetivo *little* foi usado nove vezes por Koy, conforme se verifica no quadro que segue.

1	little Six little Indians ♪ ♪ Seven little, eight	<i>little</i> -- ♪ I love watching-- When women laugh, it's my f
2	little Three little Indians ♪ ♪ Four little, five	<i>little</i> Six little Indians ♪ ♪ Seven little, eight little
3	little, two little Three little Indians ♪ ♪ Four	<i>little</i> , five little Six little Indians ♪ ♪ Seven little,
4	when I load the van, I can go... ♪ One	<i>little</i> , two little Three little Indians ♪ ♪ Four little,
5	little, five little Six little Indians ♪ ♪ Seven	<i>little</i> , eight little-- ♪ I love watching-- When women la
6	e little Indians ♪ ♪ Four little, five little Six	<i>little</i> Indians ♪ ♪ Seven little, eight little-- ♪ I love
7	van, I can go... ♪ One little, two little Three	<i>little</i> Indians ♪ ♪ Four little, five little Six little I
8	load the van, I can go... ♪ One little, two	<i>little</i> Three little Indians ♪ ♪ Four little, five little
9	this house. And since I own it, take your	<i>little</i> dick outside. This is my lotion." He's gonna get

Quadro 53: Linhas de concordância com o adjetivo *little* do texto *Jo Koy: live from Seattle*

Para a organização dos colocados de *little* das linhas acima, temos dois descritores semântico-sintáticos:

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
8	substantivo que compõe trecho de música	indians	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
1	substantivo que denota parte do corpo	dick	9

Quadro 54: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *little* do texto *Jo Koy: live from Seattle*

Embora o autor tenha recorrido ao adjetivo *little* por nove vezes, oito delas foram excluídas de nossas análises por se tratar de trechos da música “*Ten little indians*”, o que excluiria posicionamento do autor no emprego desse vocábulo. Assim, a única ocorrência de *little* que ensejaria julgamento por parte de Koy seria

aquele da linha de concordância 9, cuja leitura parece indicar que o pai, por ser o provedor financeiro, tem mais direitos do que o filho em casa.

4.3.1.3 *Other* em Jo Koy

O autor empregou apenas duas vezes o adjetivo *other* em seu texto aqui estudado, como é possível verificar nas transcrições que seguem.

1	she left, and she never came back. Then my <i>other</i> sister, Gemma, 18-- left. She never came back. My
2	. Here's the important part. When you go to the <i>other</i> armpit, I want you to go across your mouth."

Quadro 55: Linhas de concordância com o adjetivo *other* do texto *Jo Koy: live from Seattle*

Esses dois usos de *other* possibilitaram a determinação dos seguintes descritores semântico-sintáticos para seus colocados:

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
1	substantivo que denota pessoa	sister	1
1	substantivo que denota parte do corpo	armpit	2

Quadro 56: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *other* do texto *Jo Koy: live from Seattle*

As análises das linhas de concordância que trazem o adjetivo *other*, no texto de Koy, apontariam para o entendimento de que mulheres são independentes (linha 1), bem como de que o filho do comediante é sujo e se diverte com isso (linha 2)⁷⁰.

4.3.1.4 *White* em Jo Koy

As ocorrências do adjetivo *white* no texto de Koy somaram três, e as respectivas linhas de concordância podem ser vistas a seguir.

1	. You want me to shit? I'll shit." I'm half- <i>white</i> , half-Filipino. That's what I am. Which means my
2	Your cousins, they're mailmen." My stepdad, he's <i>white</i> . He's a fucking mailman! I swear to God. I
3	. Wow. I would do that with any stranger, Joseph. <i>White</i> , black, Latino, Asian. I don't care. If I don't

Quadro 57: Linhas de concordância com o adjetivo *white* do texto *Jo Koy: live from Seattle*

⁷⁰ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "Here's the important part. When you go to the other armpit, I want you to go across your mouth." Just dirty. My son is dirty. He loves it. He thinks it's the funniest thing."

Foi possível conceber um único descritor semântico-sintático para os três colocados de *white* do texto aqui estudado.

número de ocorrências	descritor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
3	pronome/substantivo que denota pessoa	I	1
		he	2
		stranger	3

Quadro 58: Descritor semântico-sintático dos colocados de *white* do texto *Jo Koy: live from Seattle*

Todas as ocorrências de *white* no texto de Koy se deram em relação a pessoas, e as análises parecem revelar que militares tendem a ter filhos miscigenados (linha 1)⁷¹; mães filipinas desejam que seus filhos sejam carteiros (linha 2)⁷²; bem como que qualquer pessoa estranha, independentemente de sua etnia, desperta desconfiança (linha 3).

4.3.1.5 *Whole* em Jo Koy

Por fim, o texto de Koy revelou o adjetivo *whole* em seis ocorrências, conforme conteúdo do próximo quadro.

1	time I had my son. She's been cute her	<i>whole</i> life. When she would sneeze, she'd announce it. "
2	humble when I've been driving him to school? His	<i>whole</i> school career, he's been chauffeured to school. H
3	s." "All right. That's crazy." Don't call her the	<i>whole</i> night. Just ignore her. She'll be at the club,
4	I sit down. I won't even sit on the	<i>whole</i> thing. Just let me-- let me sit on the
5	the same time. When you don't call her the	<i>whole</i> time. It even confuses her when she leaves. "I'm
6	. Enjoy boogers and chicken. Delicious, huh?" The	<i>whole</i> week, I gotta eat booger chicken sandwiches at sc

Quadro 59: Linhas de concordância com o adjetivo *whole* do texto *Jo Koy: live from Seattle*

A seguir temos os três descritores semântico-sintáticos sob os quais posicionamos os colocados de *whole* retirados do texto de Koy.

⁷¹ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "I'm half-white, half-Filipino. That's what I am. Which means my dad was in the military."

⁷² Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "My mom cried and even suggested, "Joseph, be a mailman. Your uncles are mailmen. Your cousins, they're mailmen." My stepdad, he's white. He's a fucking mailman! I swear to God."

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
4	substantivo que denota tempo	life	1
		night	3
		time	5
		week	6
1	substantivo que denota situação/experiência	career	2
1	substantivo de vagueza que se refere a objeto	thing	4

Quadro 60: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *whole* do texto *Jo Koy: live from Seattle*

As análises dos usos de *whole* com substantivos que denotam tempo parecem revelar que meninas são sempre graciosas (linha 1), mulheres gostam de homens que não demonstram ciúme (linhas 3 e 5)⁷³, e as ações do autor na infância tinham consequências (linha 6)⁷⁴. As outras duas ocorrências de *whole* parecem indicar que criança que é levada de carro à escola é mimada (linha 2), e aquela que pega ônibus escolar parece ter que se tornar mais humilde (linha 4)⁷⁵.

4.3.1.6 Posturas inferidas de Jo Koy

As análises feitas do texto de autoria de Koy nas subseções 4.3.1.1 a 4.3.1.5 nos permitiram organizar os temas por ele abordados e os posicionamentos inferidos conforme expostos no quadro que segue.

⁷³ Essa análise foi feita por meio da expansão das linhas de concordância aqui transcritas: "It pisses her off, and she loves it at the same time. When you don't call her the whole time. It even confuses her when she leaves. "I'm going out with my girls." "All right, see you." "But are you gonna ask where--" "No. Just go with your girls." "All right. That's crazy." Don't call her the whole night. Just ignore her. She'll be at the club, freaking out."

⁷⁴ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "When you sneeze, you can't use your fucking hands? You could not go like that? Now there's boogers on the chicken. You're eating all the booger chicken, Joseph. All of that is yours. Enjoy boogers and chicken. Delicious, huh?" The whole week, I gotta eat booger chicken sandwiches at school."

⁷⁵ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "And the bus driver doesn't give a shit. "You'd better sit down back there." "I don't know where to sit. He's not gonna let me sit down. She's getting mad. She's not gonna go unless I sit down. I won't even sit on the whole thing. Just let me-- let me sit on the edge."

Temas abordados	Posturas inferidas
casamento / relacionamento	é bom
	mulheres gostam de homens que não demonstram ciúme
crianças/filhos	atualmente têm boa situação
	ser reprovado em escola particular não é bom
	pais devem ter limites no que compram para os filhos
	devem receber cuidados de higiene dos pais
	no passado, tinham tratamento mais severo
	têm menos direitos em casa do que os pais porque não se proveem
	menino às vezes é sujo por opção
	filhos de militares tendem a ser miscigenados
	filhos de filipinas podem ter a profissão definida por elas
	meninas são sempre graciosas
	no passado, ações dos filhos tinham consequência
	criança que é levada de carro para a escola é mimada
	criança que vai à escola de ônibus se torna mais humilde
enfermagem	é profissão bem remunerada
	é conveniente ter profissionais da área por perto
etnia	convívio multirracial é bom
	não ensejaria desconfiança
mulher	é mais independente

Quadro 61: Temas e posicionamentos do texto *Jo Koy: live from Seattle*

A observação das informações acima compiladas nos ensejaria concluir que as experiências de vida do autor serviram como base para alguns de seus posicionamentos, conforme inferidos durante as análises. Parece-nos admissível conceber que sua vivência como pai teria moldado a visão de Koy de que, nos dias de hoje, as crianças vivem em melhor situação do que no passado, quando recebiam tratamentos mais severos, tinham menos ou nenhuma regalia, e respondiam por todos os seus atos. A paternidade do autor também fundamentaria seu entendimento de que os pais são responsáveis pelos cuidados dos filhos, incluindo ensinamento no âmbito da higiene pessoal, bem como imposição de limites para os hábitos de consumo.

Ademais, se a origem cultural do autor – filho de militar americano e mãe filipina –, por um lado, embasaria sua percepção de que filhos de militares tendem a ser miscigenados, por outro, justificaria a relevância demonstrada do papel da mãe filipina nas decisões familiares, inclusive no direcionamento profissional dos filhos. Tal força da figura feminina que teria transparecido no texto de Koy seria

fundamentada, ainda, na independência precoce de suas irmãs, que deixaram a casa dos pais muito antes que o próprio comediante.

Assim, as análises do texto de Koy, conforme explicitadas ao longo desta subseção de número 4.3.1, trouxeram resultados que ecoariam uma cultura que, ao longo do tempo, abrandou o tratamento dispensado na criação de seus filhos; que teria a presença de miscigenação decorrente da atuação militar dos E.U.A. em territórios estrangeiros; e na qual a mulher mais independente do que o homem ainda parece causar estranheza.

4.3.2 Ali Wong

Ali Wong nasceu em 1982 na cidade de São Francisco, Califórnia, filha de um médico norte-americano de ascendência chinesa e de uma imigrante vietnamita (ALI, 2019). Depois de se formar em Estudos Ásio-americanos, em 2004, Wong iniciou sua carreira como comediante (ALI, 2019) e, atualmente, além de apresentar seus textos no formato *stand-up*, tem atuado como atriz e escritora, e teve primeiro livro, intitulado *Dear Girls: Intimate Tales, Untold Secrets & Advice for Living Your Best Life*, lançado em 2019 (ALI, 2019).

4.3.2.1 Good em Ali Wong

O texto de Wong contou com quatro ocorrências do adjetivo *good*, que podem ser observadas nas linhas de concordância que foram transcritas no quadro abaixo.

1	months pregnant? All right, I'm Ali Wong. Have a good night, everybody. Thank you.
2	protect you, because you gotta check that it's all good in the hood. If it's too funky, you need
3	used to be no job. We had it so good . We could have done the smart thing, which would
4	on Pier 1 Imports. That seems to be providing some good feng shui for the house. Him and I had

Quadro 62: Linhas de concordância com o adjetivo *good* do texto *Ali Wong: baby cobra*

Foi possível organizar os colcados de *good* das linhas acima sob dois descritores semântico-sintáticos:

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
3	substantivo/pronome que se refere a situação	it	2, 3
		feng shui	4
1	substantivo que denota tempo	night	1

Quadro 63: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *good* do texto *Ali Wong: baby cobra*

À exceção da linha 1, onde *good* foi utilizado como parte de um cumprimento e, portanto, não reflete posicionamento por parte da autora, as outras três ocorrências desse adjetivo se deram juntamente com colocados que se referem a situação, e as análises dessas linhas parecem revelar que mau cheiro pode ser indício de problema (linha 2); feminismo é ruim (linha 3)⁷⁶; e peças importadas de decoração favorecem a harmonização energética de ambientes (linha 4).

4.3.2.2 *Little* em Ali Wong

Wong recorreu ao adjetivo *little* por cinco vezes, conforme se verifica nas transcrições que seguem.

1	. YOLO. Just sneak your-- Just give your man a <i>little</i> -- a little push-push in the tush-tush. Just
2	-push in the tush-tush. Just give him a <i>little</i> Atari, you know, and you'll get a lot of
3	is a very roundabout way of saying: "You're a <i>little</i> cunt." I'm just waiting for the right moment to
4	, I just had this fucking baby. That baby's a <i>little</i> piece of shit. It's so annoying and boring." And
5	sneak your-- Just give your man a little-- a <i>little</i> push-push in the tush-tush. Just give him

Quadro 64: Linhas de concordância com o adjetivo *little* do texto *Ali Wong: baby cobra*

Como descritores semântico-sintáticos para os colocados de *little* do texto aqui em questão, sugerem-se os dois que constam do quadro abaixo.

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
3	substantivo que denota sexo	push-push	1, 5
		Atari	2
2	substantivo que denota pessoa	cunt	3
		piece of shit	4

Quadro 65: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *little* do texto *Ali Wong: baby cobra*

⁷⁶ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância a seguir transcrita: "I think feminism is the worst thing that ever happened to women. Our job used to be no job. We had it so good. We could have done the smart thing, [...]"

As três utilizações de *little* com colocados associados a sexo ocorrem em sequência e parecem indicar que a autora considera sexo anal bom (linhas 1, 2 e 5). A linha 3, por seu turno, apontaria para a existência de uma maneira politicamente correta de se referir a alguém que se desdenha, enquanto a linha 4 parece revelar que comediantes homens não são bons pais⁷⁷.

4.3.2.3 *Other* em Ali Wong

O adjetivo *other* foi utilizado por quatro vezes pela autora, conforme é possível observar nas linhas de concordância constantes a seguir.

1	watched him run into the middle with all his <i>other</i> homeless friends, -and I was like, "Oh, no!" "I
2	I'm hoping is the center of all of my <i>other</i> problems. I'm hoping that if the hoarding goes aw
3	my co-workers blow ass into the toilet the <i>other</i> day. This bitch had the nerve to come up
4	shit. It's so annoying and boring." And all these <i>other</i> shitty dads in the audience are, like, "That's hi

Quadro 66: Linhas de concordância com o adjetivo *other* do texto *Ali Wong: baby cobra*

Os colocados de *other* do texto em questão se prestam à organização em três descritores semântico-sintáticos.

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
2	substantivo que denota pessoas	friends	1
		dads	4
1	substantivo que denota situações	problems	2
1	substantivo que denota tempo	day	3

Quadro 67: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *other* do texto *Ali Wong: baby cobra*

Os dois usos de *other* com colocados relacionados a pessoas ensejaram análises que parecem refletir o entendimento de Wong de que relacionamento com sem-teto não é desejável (linha 1), e que haveria pais desqualificados na plateia (linha 4). A linha 2 parece evidenciar que o hábito de acumular coisas possivelmente leve a outros problemas, enquanto a linha 3, que trouxe *other* associado a *day*, sinalizaria a percepção da autora de que algumas necessidades fisiológicas seriam incompatíveis com o local de trabalho.

⁷⁷ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância a seguir transcrita: "That's not the case with male comics. Once they have a baby, they'll get up on stage a week afterwards and they'll be like, "Guys, I just had this fucking baby. That baby's a little piece of shit. It's so annoying and boring." And all these other shitty dads in the audience are, like, "That's hilarious. I identify."

4.3.2.4 *White* em Ali Wong

As ocorrências do adjetivo *white* no texto de Wong aqui estudado totalizaram 12, e suas respectivas linhas de concordância foram transcritas no quadro abaixo.

1	I get it, you know, because being with a	<i>white</i> dude you feel very... You feel very picturesque w
2	y...You feel very picturesque when you're with a	<i>white</i> dude, you know. You feel like you're in a
3	very, you know, it's hot hookin' up with a	<i>white</i> dude.I mean,nothing makes me feel more powerful
4	,nothing makes me feel more powerful than when a	<i>white</i> dude eats my pussy. Oh, my God. I just
5	is? You know what a doula is? That's a	<i>white</i> hippie witch... ...that blows quinoa into your
6	shit we do... makes me feel like we are	<i>white</i> people doing an impression of Asian people. Lik
7	\$10-a-box Whole Foods mango -that was sliced by	<i>white</i> people. That's the kind of income bracket I'm str
8	have a lot of opinions, they like to date	<i>white</i> dudes. You go to any hipster neighborhood in a
9	go. And she is so lonely. All of her	<i>white</i> friends, dead. Her Mexican friends, dead. Black f
10	a Wes Anderson movie or something.And you know,	<i>white</i> dudes, they teach you about a lot of cool
11	, "I could just crush your head at any moment,	<i>white</i> man! I could just kill you right now! Crush
12	went to Harvard Business School, the epicenter of	<i>white</i> -collar crime. He Enron'd my ass. -And now, if

Quadro 68: Linhas de concordância com o adjetivo *white* do texto *Ali Wong: baby cobra*

Conforme se verifica a seguir, alcançamos dois descritores semântico-sintáticos para a organização dos colocados de *white* das linhas acima.

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
11	substantivo que denota pessoa(s)	dude(s)	1, 2, 3, 4, 8, 10
		witch	5
		people	6, 7
		friends	9
		man	11
1	substantivo que denota situação/experiência	crime	12

Quadro 69: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *white* do texto *Ali Wong: baby cobra*

À exceção da linha de concordância 12, onde *white* foi utilizado de modo que parece indicar que a autora considera a Faculdade de Administração de Harvard como o epicentro do crime de colarinho branco, todas as ocorrências desse adjetivo se deram com colocados que se referem a pessoas. As linhas que trazem *white* associado a *dude(s)* ensejaram análises que revelariam que namorar rapazes brancos é pitoresco (linhas 1 e 2) e empoderador (linhas 3 e 4), e ainda, que mulheres de opinião gostam de namorá-los (linha 8), e que eles são capazes de ensinar coisas interessantes (linha 10).

A análise da linha 5 revelaria o entendimento de que doulas são brancas e atuam de modo mais ligado a crenças do que à medicina, enquanto a linha 6 apontaria que algumas coisas são tipicamente feitas por brancos. Por fim, seria possível inferir que a mão de obra branca é mais cara (linha 7), que a mulher asiática é mais longeva que aquelas de outras etnias (linha 9)⁷⁸, e que há algum desejo de vingança contra os brancos (linha 11).

4.3.2.5 *Whole* em Ali Wong

Wong utilizou-se do adjetivo *whole* seis vezes em seu texto, como se verifica nas linhas de concordância transcritas a seguir.

1	God! It's like I'm going back in time!" -♪ A whole new world ♪ - It was magical. A big fantasy of
2	king about that Whole Foods mango. That \$10-a-box Whole Foods mango -that was sliced by white people. Tha
3	ow what I'm talking about? I'm talking about that Whole Foods mango. That \$10-a-box Whole Foods mango
4	there and find a new man and start the whole manipulation cycle all over again. So, you're I
5	, and I was like, "You look." "You watch the whole thing." And he felt so bad for me. And
6	mily just cluttering your mind. They have their whole lives ahead of them. They don't have HPV yet.

Quadro 70: Linhas de concordância com o adjetivo *whole* do texto *Ali Wong: baby cobra*

A organização dos colocados de *whole* do texto de Wong restaram conforme quadro abaixo.

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
2	substantivo que compõe nome de rede de mercados	foods	2, 3
2	substantivo/substantivo de vagueza que denota situação/experiência	cycle	4
		thing	5
1	substantivo que compõe trecho de música	world	1
1	substantivo que denota tempo	lives	6

Quadro 71: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *whole* do texto *Ali Wong: baby cobra*

Observa-se que nas linhas 2 e 3 o adjetivo aqui em questão refere-se ao nome de uma rede de mercados norte-americana e, naquela de número 1, *whole* faz parte de um trecho de uma música, motivo pelo qual tais linhas foram excluídas das análises. Por outro lado, as análises das ocorrências de *whole* associado a

⁷⁸ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "My mom is 80, going through a full blown mid-life crisis. because she knows that she's got a century more to go. And she is so lonely. All of her white friends, dead. Her Mexican friends, dead. Black friends, dead."

colocados que denotam situação ou experiência parecem revelar que, em uma relação, o homem é manipulado pela mulher (linha 4 e 5)⁷⁹. Ademais, a linha 6 apontaria para o entendimento de que o vírus HPV reduz a expectativa de vida.

4.3.2.6 Posturas inferidas de Ali Wong

As análises concernentes ao texto de Ali Wong, conforme apresentadas nas subseções 4.3.2.1 a 4.3.2.5, permitiram a organização do quadro abaixo, que traz os temas levantados pela autora, bem como as posturas que ela parece ter assumido diante deles.

Temas abordados	Posturas inferidas
comportamento	peças importadas de decoração favorecem harmonização energética de ambientes
	há uma maneira politicamente correta de se referir a alguém que se desdenha
	algumas necessidades fisiológicas são incompatíveis com o local de trabalho
crime	de colarinho branco tem Harvard como centro de formação
doença	pode ser revelada por mau cheiro
	transtorno de acumulação pode gerar outros problemas
	HPV reduz a expectativa de vida
etnia	mulher oriental vive mais
	doulas são bruxas brancas hippies
	há desejo de vingança contra homem branco
	algumas atitudes são típicas dos brancos
	brancos ganham mais
	namorar brancos é pitoresco e empoderador
	garotas de opinião gostam de namorar brancos
feminismo	é ruim
filhos	são considerados inconvenientes por alguns pais
relacionamento	com rapaz branco é pitoresco e empoderador
	com sem-teto não é desejável
	o homem é manipulado pela mulher
sexo	anal é bom

Quadro 72: Temas e posicionamentos do texto *Ali Wong: baby cobra*

⁷⁹ Parte dessa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "And most women won't let their husbands watch when they're going through a miscarriage. I sat my husband down in front of me while I sat on the toilet, and I was like, "You look." "You watch the whole thing." And he felt so bad for me. And I used it as leverage [...]"

A biografia de Ali Wong parece ter exercido influência sobre ao menos parte de suas posturas inferidas a partir das análises anteriormente feitas. Os posicionamentos da autora perante as questões por ela levantadas no âmbito das etnias trariam reflexos de sua própria origem: seria possível aceitar que seu convívio com mulheres orientais justificaria sua convicção quanto à maior longevidade delas, assim como quanto a relacionamento com homem branco ser algo desejado. A origem cultural de Wong teria fundamentado, ainda, sua percepção de que há atitudes características dos brancos, e que esses recebem melhor remuneração do que pessoas de outras etnias.

Além disso, o fato de ser mulher pode ser entendido como a origem do posicionamento pessimista da autora quanto a alguns desdobramentos do movimento feminista, a exemplo da atual necessidade de mulheres também se manterem ativas profissionalmente.

Assim, as análises explicitadas nesta subseção 4.3.2 trouxeram resultados que ratificariam a percepção de uma cultura americana que percebe nítidas distinções entre as etnias, e ainda luta para encontrar o equilíbrio entre os papéis do homem e da mulher na sociedade.

4.4 JUDEUS

4.4.1 Jerry Seinfeld

Jerry Seinfeld, filho de judeus, nasceu na cidade de Nova Iorque em 1954 e, enquanto ainda cursava a faculdade, começou a se apresentar como comediante *stand-up* (JERRY, 2019). Seinfeld se formou em comunicação e teatro e, ao longo da carreira de comediante, também acumulou trabalhos como ator, escritor, produtor e diretor (JERRY, 2019).

4.4.1.1 Good em Jerry Seinfeld

O texto de Seinfeld trouxe 20 ocorrências do adjetivo *good*, que pode ser visto em suas linhas de concordância constantes do quadro abaixo.

1	supposed to feel bad. Bad finger. This is a	good	finger, right? I always try and remember, if I
2	of our whole business." "I don't think it's a	good	idea. I think it's better as a way for
3	during the show. "And I think that's also a	good	image for our party. That says, 'We're willing to
4	it. I chose not to." And that is a	good	place to learn comedy, because in New York you've
5	ou using, a Phillips head there?" "Yeah, that's a	good	screwdriver, the Phillips." You always want to
6	"Yeah, looks like a Phillips down there. That's a	good	screwdriver." What else would you like to know? -
7	le racket. There's always somebody who pushes a	good	thing just a little too far. Cookie Crisp. If
8	like me." "It seems like something I would be	good	at." "I can't think of anyone better than me...
9	I would come up, and, just, "Tramway, left bit,	good	night," and that was, you know, that was it.
10	tell my story tonight. I hope you enjoyed it.	Good	night.
11	uh... It could be lower, but I think it's	good	. It's good. Named after the ex-mayor of New
12	could be lower, but I think it's good. It's	good	. Named after the ex-mayor of New York, of
13	-yo was pretty great. That was one of my	good	toys. I could do the yo-yo pretty good.
14	hamburger. They let us have food. That was one	good	thing about the place - they would let us have
15	metal horses on the sidewalk, and that was pretty	good	. If you could get ten cents and... It wasn't
16	was my first joke. And it was a pretty	good	joke, and uh they passed me on the audition,
17	the Cookie Crisp total health plan. I liked the	Good	Humor man. I would wait for him. That was
18	as 29. Didn't go through with it. The date wasn't	good	for me. Had to cancel. No, it was one
19	king a pack of Camels. Nobody cared! These were	good	times! I had glasses at ten, braces at 12. I
20	him, he would go... How do you know you're	good	at this... ...before you do it? They throw it -

Quadro 73: Linhas de concordância com o adjetivo *good* do texto *Jerry before Seinfeld*

Os colocados de *good* no texto de Seinfeld foram organizados sob os descritores semântico-sintáticos expostos a seguir.

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
4	substantivo/pronome que denota objeto(s)	screwdriver	5, 6
		toys	13
		that	15
4	substantivo que denota tempo	night	9, 10
		date	18
		times	19
3	substantivo que denota situação/experiência	idea	2
		image	3
		joke	16
3	substantivo/pronome que denota lugar	place	4
		it	11, 12
2	substantivo de vagueza que denota comida	thing	7, 14
2	pronome pessoal	i	8
		you	20
1	substantivo que denota parte do corpo	finger	1
1	substantivo que compõe nome de marca de sorvetes	humor	17

Quadro 74: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *good* do texto *Jerry before Seinfeld*

As análises de *good* associado a colocados que se referem a objetos parecem revelar que homens fazem comentários tolos apenas como pretexto para

se aproximar de outro que está construindo ou consertando algo (linhas 5 e 6)⁸⁰; e que o autor considera bons brinquedos de antigamente como ioiô (linha 13) e cavalos de metal na calçada, que eram acionados por meio de moedas (linha 15).

No tocante aos colocados que denotam tempo, foram excluídas das análises as linhas 8 e 9, por trazerem a expressão “boa noite”, que não revelaria posicionamento do autor. Por outro lado, a linha 18 apontaria para a concepção de que noivado é algo assustador⁸¹, enquanto a de número 19 indicaria que bons tempos eram aqueles em que não se prestava atenção nas crianças, que poderiam fazer algo maléfico como fumar, ou usar óculos e aparelho ortodôntico sem chamarem atenção.

Os empregos de *good* com colocados relacionados a situações e experiências parecem demonstrar que o autor considera Nova Iorque uma cidade suja (linha 2)⁸², o símbolo do Partido Republicano inadequado (linha 3)⁸³, e a primeira piada de sua carreira muito boa (linha 16).

As leituras das linhas que trouxeram colocados que se referem a lugar revelariam que Nova Iorque é um bom local para se aprender comédia (linha 4), e que LaGuardia é um bom aeroporto (linhas 11 e 12)⁸⁴, enquanto a análise daquelas relacionadas a comida evidenciariam que cereais, apesar de saborosos, não são realmente comida (linha 7)⁸⁵, e que é bom o empregador fornecer refeição aos seus colaboradores (linha 14).

⁸⁰ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “We want to be in the area where work is being done. We want to ask him dumb questions. “What are you using, a Phillips head there?” “Yeah, that’s a good screwdriver, the Phillips.”

⁸¹ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “I got engaged when I was 29. Didn’t go through with it. The date wasn’t good for me. Had to cancel. No, it was one of those things. You know, a lot of people go through that. The word “engaged” is a very scary word.”

⁸² Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “We’re living in filth! We don’t even care, anyway! A sentence never heard in the history of New York City: “Hey, why don’t we get a new awning?” “We’ve got six pounds of bird crap on this one, where the metal frame is showing through.” “It would cost us 200 bucks. It’s only the entire appearance of our whole business.” “I don’t think it’s a good idea.”

⁸³ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “The Republicans go, “If they’re going jackasses, how about a smelly, slow-witted circus animal? How about...” An elephant is certainly impressive [...] “And I think that’s also a good image for our party.”

⁸⁴ Essa análise foi feita por meio da expansão das linhas de concordância aqui transcritas: “Just landed at LaGuardia last week. Always uh... It’s nice there. I like uh... I like the ceiling height. It’s a very nice uh...It could be lower, but I think it’s good. It’s good.”

⁸⁵ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “Parents, for some reason, had no idea or no interest that there’s no food in any of this. And it was great until the

Por fim, observando-se que o uso de *good* associado a *humor* foi desconsiderado por referir-se a marca de sorvetes (linha 17), as últimas linhas de concordância relacionadas no quadro acima parecem denotar que é necessário ser insano para almejar o cargo de presidente dos E.U.A. (linha 8)⁸⁶; que talento apenas é descoberto quando se executa a atividade em questão (linha 20); e que dedo bom é aquele que não é usado para gestos ofensivos (linha 1).

4.4.1.2 *Little* em Jerry Seinfeld

Seinfeld recorreu ao adjetivo *little* em 27 ocasiões, conforme se verifica no quadro abaixo.

1	it's eternal. All relationships, there's always a	<i>little</i>	agenda thing not quite lining up... between the t
2	tramway. I was rolling. And I lived in a	<i>little</i>	apartment on the West Side, and it was very
3	. They got old and that's the law, so... A	<i>little</i>	golf cart pulled up with a siren. "Let's go,
4	can get a day's work done. They cut a	<i>little</i>	hole for us so we can stick our head
5	stand what they're saying." And when you're a	<i>little</i>	kid in these places, you can't really take it.
6	huge,loud,annoying hissing sound,then leave a	<i>little</i>	piss-trail of water out the back... to complete
7	. These are the movies I would go to. A	<i>little</i>	thing pops up. "Don't worry about this guy, he's
8	ever see them is in the bottom of a	<i>little</i>	wastebasket, looking like they have had a horribl
9	I wanted to do? I wanted to do certain	<i>little</i>	adult behaviors that I would see adults do. Like
10	e. Uh... Especially their bathrooms-fascinating	<i>little</i>	wonderlands. I noticed that women need a large an
11	would go "bang," right into the mirror with his	<i>little</i>	head, and the feathers would fly, and he would
12	on anything." Now, things progressing along in	<i>little</i>	Jerry's comedy adventure. I got to a point where
13	comes with the phone. Any time you're just like...	<i>Little</i>	cartoon cars, they go wherever you want. "How did
14	York apartments are like that.And I brought my	<i>little</i>	bed from my room to sleep on. That was
15	this whole side of myself. It was like my	<i>little</i>	gay-closet moment, you know, where I had to
16	-up sheet is outside, that I wrote with my	<i>little</i>	"Jerry Seinfeld." You know, it was just my parent
17	night, living at home with my parents, in my	<i>little</i>	room, to, five years later, being on The Tonight
18	life, the guy who was the... You hear that	<i>little</i>	jingle bell, and the white truck, and the little
19	ou're feeling around. "I know he's in there, that	<i>little</i>	son of a bitch. I know he's trying to
20	here and I auditioned on this stage, and the	<i>little</i>	sign-up sheet is outside, that I wrote with
21	. And there he is, and they have got the	<i>little</i>	Superman baby... right there. Yeah, those are min
22	little jingle bell, and the white truck, and the	<i>little</i>	white suit, and we would stand in line behind
23	security prison places that they like down there.	<i>Little</i>	guard-gate booth at the front, the thing comes
24	ford a maid.The first time...You remember these	<i>little</i>	firsts. I remember the first time I could afford
25	it's all going to happen. Let me tell you	<i>little</i>	punks something! You didn't even have a childho
26	you're tired, and you're binge-watching all your	<i>little</i>	Netflix shows, and you think I don't know you're
27	with me, you're going to go back to your	<i>little</i>	show, maybe find out who the killer is. What

Quadro 75: Linhas de concordância com o adjetivo *little* do texto *Jerry before Seinfeld*

Cookie Crisp people came along and blew the lid off of the whole racket. There's always somebody who pushes a good thing just a little too far. Cookie Crisp."

⁸⁶ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "It seems like something I would be good at." "I can't think of anyone better than me... to be in charge of absolutely everything!" "Because I'm insane," is the rest of that sentence."

Apresentamos, em seguida, os cinco descritores semântico-sintáticos que organizam os colocados de *little* obtidos nas linhas de concordância transcritas no quadro acima.

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
8	substantivo que denota situação/experiência	agenda	1
		trail	6
		behaviors	9
		adventure	12
		moment	15
		firsts	24
		show(s)	26, 27
8	substantivo que denota objeto	golf cart	3
		thing	7
		wastebasket	8
		cars	13
		bed	14
		bell	18
		sheet	20
		suit	22
5	substantivo que denota lugar	apartment	2
		hole	4
		wonderlands	10
		room	17
		booth	23
5	substantivo que denota/nomeia pessoa(s)	kid	5
		Jerry Seinfeld	16
		son of a bitch	19
		baby	21
		punks	25
1	substantivo que denota parte do corpo	head	11

Quadro 76: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *little* do texto *Jerry before Seinfeld*

As linhas que contêm *little* associado a colocados que denotam situação ou experiência sinalizariam que há interesses divergentes em um casamento (linha 1); as ruas da cidade, a despeito das medidas tomadas, não são devidamente limpas (linha 6)⁸⁷; crianças admiram alguns comportamentos dos adultos (linha 9), embora não suportem alguns locais por eles frequentados (linha 5); a trajetória profissional pode ser uma pequena aventura (linha 12); algumas facetas da personalidade são

⁸⁷ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "Do they think they're cleaning the street? Are they just laughing their asses off in front of... "Hey, get all the parked cars out of the way, everybody!" "We've got to make a huge, loud, annoying hissing sound, then leave a little piss-trail of water out the back... to complete our doing-absolutely-nothing process."

mantidas em sigilo, pelo menos temporariamente (linha 15); apesar de prosaico, é marcante quando a situação financeira torna-se boa o suficiente para custear uma faxineira (linha 24); e programas de TV não requerem esforços para serem compreendidos (linha 26) e prendem a atenção (linha 27).

As referências feitas a objetos por meio da utilização do adjetivo *little* parecem revelar a percepção de que a maioria dos idosos se muda para instituições situadas em local de clima quente e que guardariam semelhança com presídios (linhas 3 e 23)⁸⁸; filmes se beneficiariam de legendas que explicassem o enredo (linha 7); mulheres têm grande necessidade de alguns produtos que os homens jamais consomem (linhas 8 e 10)⁸⁹; e, ainda, de que o serviço de transporte Uber é tão barato que apenas carros que parecem ser de brinquedo operam pela empresa (linha 13)⁹⁰. Ademais, expandindo as análises de modo a incluir alguns colocados organizados sob outros descritores semântico-sintáticos, seria possível observar o entendimento do autor de que seu modesto início de carreira se reflete no modo de vida sem luxo, período no qual a cama (linha 14), o quarto (linha 17), e o apartamento (linha 2) eram pequenos, assim como o eram o formulário de inscrição para audição (linha 20), e até mesmo a caligrafia daquela época (linha 16).

As análises das linhas 18 e 22 parecem revelar saudosismo ao observarmos o emprego de *little* na descrição do sino que havia no carro de sorvetes e do uniforme usado pelo vendedor⁹¹. Ainda, o uso do adjetivo aqui em questão associado ao substantivo *hole* apontaria para o grande fascínio que obras exercem nos homens, que, nem que seja por uma pequena fresta, gostam de observar o

⁸⁸ Essa análise foi feita por meio da expansão das linhas de concordância aqui transcritas: "They didn't want to move to Florida. They got old and that's the law, so... A little golf cart pulled up with a siren. "Let's go, pop. White pants, belt and shoes. Get in the car. I got it all ready for you. You're out of here. This part's over." Visiting my parents in Florida in these... I don't get those minimum-security prison places that they like down there. Little guard-gate booth at the front, [...]"

⁸⁹ Essa análise foi feita por meio da expansão das linhas de concordância aqui transcritas: "So I started having relationships with women, observing them up close. Uh... Especially their bathrooms - fascinating little wonderlands. I noticed that women need a large and constant supply of cotton balls, and men don't need any. [...] They buy beanbag chairs filled with cotton balls - two days later, they're all out, they need more. They're on their way back to the store. The only time you ever see them is in the bottom of a little wastebasket [...]"

⁹⁰ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "You take Uber! Because there's no money! It's, like, free. I don't even know how it works. Do we even pay for that? I think it's just a free thing, comes with the phone. Any time you're just like... Little cartoon cars, they go wherever you want."

⁹¹ Essa análise foi feita por meio da expansão das linhas de concordância aqui transcritas: "I liked the Good Humor man. I would wait for him. That was another huge thing of life, the guy who was the... You hear that little jingle bell, and the white truck, and the little white suit, [...]"

trabalho que está sendo executado (linha 4)⁹². Finalmente, considerando que foram excluídas das análises as linhas 11 e 21, por tratarem apenas da descrição de um pássaro e de um objeto de decoração do cenário, respectivamente, de modo que entendemos não ser de valia para nosso estudo, seria possível inferir irritação causada por fato cotidiano, como a perda de um pé de meia (linha 19)⁹³, bem como o entendimento de que os jovens de hoje não tiveram infância (linha 25).

4.4.1.3 *Other* em Jerry Seinfeld

As ocorrências do adjetivo *other* no texto de Seinfeld somaram 16, conforme é possível observar no quadro que segue.

1	lding, fixing, working on things, or being around	<i>other</i> men that are building, fixing, or working on thin
2	room a mirror, people think you have an entire	<i>other</i> room." They believe this. What kind of an idiot
3	who have got it all going on in every	<i>other</i> area. But you've got to learn the flowers. The
4	tely have to connect with the audience. Not every	<i>other</i> form of art is like that. A lot of
5	s driveway working on something with tools, every	<i>other</i> man in the neighborhood is magnetically drawn to
6	what I'm doing. You think... "I got interested in	<i>other</i> things, but if I wanted to, I could have
7	of flowers, he's the star of that street. No	<i>other</i> guy wants to be with a girl on the
8	understand that, but I've talked to a lot of	<i>other</i> comedians that have a similar thing. So when you.
9	to defeat the clothes from the team of the	<i>other</i> city. That's what sports is. We are rooting for
10	?" "I haven't seen you in three months." "Get the	<i>other</i> end. Let's go." My father's moving technique wa
11	flowers! He could have a severed head in the	<i>other</i> hand, she doesn't notice that. He was probably
12	Life, I tell you!" "It's Life!" What were the	<i>other</i> names? How about Almighty God? Why don't we call
13	doesn't he at least try and avoid hitting the	<i>other</i> parakeet? Look up! What happened to bird's-eye
14	in the afternoon." And I was out. And the	<i>other</i> thing was uh... meeting girls in the bar out
15	a mirror... ...and goes, "Look, there's a whole	<i>other</i> room in there"? There's a guy in there that
16	a funny lifestyle now." "I want to be with	<i>other</i> funny people, I want to have breakfast at two

Quadro 77: Linhas de concordância com o adjetivo *other* do texto *Jerry before Seinfeld*

Os colocados de *other* obtidos a partir das linhas de concordância acima transcritas foram organizados sob sete diferentes descritores semântico-sintáticos, que podem ser verificados a seguir.

⁹² Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "But this is why, when they have construction sites, they have these wood-panel fences around it, just to keep the men out, so they can get a day's work done. They cut a little hole for us so we can stick our head in and see what the hell is going on."

⁹³ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "The dryer door swings open, the sock is always waiting up against the sidewall. You're feeling around. "I know he's in there, that little son of a bitch."

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
5	substantivo que denota pessoa(s)	men	1
		man	5
		guy	7
		comedians	8
		people	16
4	substantivo que denota lugar	room	2, 15
		area	3
		city	9
		hand	11
2	substantivo de vagueza que denota situação/experiência	thing(s)	6, 14
1	substantivo que denota arte	form of art	4
1	substantivo que denota objeto	end	10
1	substantivo que denota nomenclatura	names	12
1	substantivo que denota animal	parakeet	13

Quadro 78: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *other* do texto *Jerry before Seinfeld*

As análises das linhas 1 e 5 parecem novamente apontar para a atração que homens sentem por ferramentas e consertos, enquanto as linhas 7 e 11 indicariam que as mulheres, por sua vez, têm interesse por flores – assunto esse que demandaria preparo dos homens em um relacionamento (linha 3). No que se refere a comediantes, seria possível entrever que eles têm características comuns entre si (linha 8), e que preferem conviver com seus pares (linha 16).

O uso de *other* juntamente com *room* apontaria para postura crítica ante a um recurso de decoração: o uso do espelho para causar a impressão de ambiente maior (linhas 2 e 15). Além disso, uma visão igualmente crítica transpareceria do entendimento de que competições esportivas são meras disputas entre uniformes, e não pessoas (linha 9).

A leitura da linha 6 parece revelar que as pessoas, apesar de optarem por uma atividade, têm diferentes potencialidades e poderiam, se assim escolhessem, atuar em outras áreas. As análises indicariam, ainda, que uma das vantagens do ofício de comediante *stand-up* é a possibilidade de encontrar garotas (linha 14), e que uma das peculiaridades dessa atividade – entendida como uma expressão artística – é a necessidade de conexão direta com o público (linha 4).

Os últimos empregos de *other* constantes do quadro acima demonstrariam surpresa para com a reação mundana do pai que reencontra o filho após

considerável período (linha 10); crítica ao nome de um cereal (linha 12); e questionamento sobre a suposta visão privilegiada dos pássaros (linha 13).

4.4.1.4 *White* em Jerry Seinfeld

O adjetivo *white* foi utilizado quatro vezes por Seinfeld, em linhas de concordância que podem ser lidas a seguir.

1	, open the door, there's just going to be a <i>white</i> block with an eye. They will go, "Wow! That
2	jingle bell, and the white truck, and the little <i>white</i> suit, and we would stand in line behind the
3	cart pulled up with a siren. "Let's go, pop. <i>White</i> pants, belt and shoes. Get in the car. I
4	the... You hear that little jingle bell, and the <i>white</i> truck, and the little white suit, and we would

Quadro 79: Linhas de concordância com o adjetivo *white* do texto *Jerry before Seinfeld*

Essas quatro ocorrências se deram com colocados que foram agrupados sob um único descritor semântico-sintático:

número de ocorrências	descritor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
4	substantivo que denota objeto	block	1
		suit	2
		pants	3
		truck	4

Quadro 80: Descritor semântico-sintático dos colocados de *white* do texto *Jerry before Seinfeld*

As linhas de concordância transcritas no quadro 79 ensejaram análises que parecem revelar, mais uma vez, o modesto início de carreira do comediante que não podia custear mais do que nova pintura de seu apartamento (linha 1)⁹⁴, e o saudosismo sentido ao mencionar o vendedor de sorvetes de outrora (linhas 2 e 4). A análise da linha 3, por seu turno, apontaria para as roupas claras geralmente usadas por idosos em locais de clima quente (cf. nota de rodapé 84).

⁹⁴ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "Eventually, someone's going to come to visit me, open the door, there's just going to be a white block with an eye. They will go, "Wow! That guy painted that place a little too much." And uh... So, no money. We performed here for free, by the way."

4.4.1.5 Whole em Jerry Seinfeld

O texto de Seinfeld trouxe 11 ocorrências do adjetivo *whole*, conforme se verifica pelas transcrições que seguem.

1	up to a mirror... ...and goes, "Look, there's a	whole	other room in there"? There's a guy in there
2	200 bucks. It's only the entire appearance of our	whole	business." "I don't think it's a good idea. I
3	only two major political parties. You've got the	whole	animal kingdom here. You can pick from magnificen
4	out because of him? How is that fair?" "The	whole	drawer knew he was going to pull a stunt
5	make it a little warmer. I didn't sleep the	whole	night. I was terrified my father was going to
6	came along and blew the lid off of the	whole	racket. There's always somebody who pushes a go
7	, on this stage. And uh I'll tell you the	whole	story. I'll tell you how it all happened. I
8	fire away." To me, the worst part of the	whole	thing is I saw this guy, I was amazed,
9	could afford a maid, I felt so guilty the	whole	time. I was following her around the apartment. "
10	about sports you've got to understand, sir. This	whole	concept of the team - your team, my team... "Hey,
11	rious that night, because I was showing them this	whole	side of myself. It was like my little gay-

Quadro 81: Linhas de concordância com o adjetivo *whole* do texto *Jerry before Seinfeld*

Os descritores semântico-sintáticos sob os quais agrupamos os colocados de *whole* constam do quadro abaixo.

número de ocorrências	descritor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
7	substantivo/substantivo de vagueza que denota situação/experiência	business	2
		kingdom	3
		racket	6
		story	7
		thing	8
		concept	10
		side	11
2	substantivo que denota lugar	room	1
		drawer	4
2	substantivo que denota tempo	night	5
		time	9

Quadro 82: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *whole* do texto *Jerry before Seinfeld*

Ao observamos os usos de *whole* com colocados relacionados a situação ou experiência, seria possível entrever tom crítico com relação à aparência do comércio (linha 2), às escolhas dos animais mascotes dos dois principais partidos políticos norte-americanos (linha 3), bem como aos cereais que, apesar de saborosos, não são realmente comida (linha 6; cf. nota de rodapé 81). Essas análises parecem revelar, ainda, que uma trajetória profissional pode ser considerada uma história (linha 7) que inclui nervosismo em expor outras facetas (linha 11); que o anonimato

de pessoas capazes de fazer coisas impressionantes causa estranheza (linha 8)⁹⁵; e que competições esportivas são meras disputas entre uniformes, e não pessoas (linh 10; cf. linha 9 do quadro 77).

As leituras feitas das outras linhas de concordância indicariam crítica ao recurso de decoração que faz uso do espelho para causar a impressão de ambiente maior (linha 1; cf. linha 2 do quadro 77); que alguns acontecimentos são previstos por todos (linha 4)⁹⁶; medo do pai rígido (linha 5); e desconforto em delegar os serviços de casa (linha 9).

4.4.1.6 Posturas inferidas de Jerry Seinfeld

As análises feitas dos empregos de *good*, *little*, *other*, *white* e *whole* no texto de Seinfeld, expostas nas subseções 4.4.1.1 a 4.4.1.5, nos permitiram entrever os posicionamentos do autor perante os temas abordados conforme quadro que segue.

⁹⁵ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "To me, the worst part of the whole thing is I saw this guy, I was amazed, and I have no idea... I don't know the name. What's the name of the guy? I don't know. If he knew that, wouldn't he feel, like, "What the hell do I have to do...to really impress people?"

⁹⁶ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "The dryer door swings open, the sock is always waiting up against the sidewall. You're feeling around. "I know he's in there, that little son of a bitch. I know he's trying to get away!" [...] The whole drawer knew he was going to pull a stunt like this someday."

Temas abordados	Posturas inferidas
competições esportivas	são supervalorizadas
casamento/relacionamento	casamento não é bom
	é suscetível a divergências
homens	gostam de ferramentas, construções e consertos
	devem aprender o papel das flores em um relacionamento
idosos	moram em comunidades que têm semelhanças com presídios, em locais de clima quente
infância no passado	brinquedos simples, como o ioiô, eram bons
	venda de sorvetes em pequenos caminhões era apreciada
	crianças recebiam menos atenção
	alguns comportamentos adultos eram apreciados
	era melhor do que a infância nos dias de hoje
	os pais eram mais rígidos e temidos
mulheres	têm os banheiros como paraísos
	amam flores
cidade de Nova Iorque	é suja
	aeroporto de LaGuardia é bom
	é boa para aprender comédia
partidos norte-americanos	têm símbolos ilógicos
profissões	presidência dos E.U.A. é cargo para insanos
	talento apenas é descoberto quando se executa a atividade
	assumir carreira de comediante pode ser embaraçoso
	carreira pode ter início modesto
	a trajetória profissional pode ser uma aventura
	empregador oferecer refeição é bom

Quadro 83: Temas e posicionamentos do texto *Jerry before Seinfeld*

Os resultados das análises apresentadas nas subseções 4.4.1.1 a 4.4.1.5 parecem trazer influências da biografia do autor, especialmente em suas abordagens sobre a infância e a vida profissional. As décadas que separam a infância do autor e a apresentação do texto aqui estudado possivelmente acarretaram significativas diferenças no modo de criação dos filhos, o que nortearia o entendimento do autor de que, embora os pais fossem mais rígidos e as crianças recebessem menos atenção, a infância no passado era melhor do que nos dias de hoje. No tocante às posturas do autor sobre a carreira profissional, parece-nos cabível conceber que sua própria experiência tenha motivado suas perspectivas de que o início de uma carreira pode ser modesto, de modo que uma refeição fornecida pelo empregador faz a diferença, e toda a trajetória que se percorre ao longo do tempo se assemelharia a uma aventura.

Ademais, o fato mesmo de ser homem exerceria influência sobre a visão de Seinfeld de que os homens gostam de ferramentas, construções e consertos, enquanto as mulheres têm os banheiros como seus paraísos e apreciam enormemente receber flores – assunto sobre o qual os homens deveriam aprender em detalhes, ainda conforme o autor. Seria razoável, ainda, fazermos associações entre a nacionalidade de Seinfeld – e, por extensão, sua vivência dentro do sistema político dos E.U.A. – e suas posturas de crítica aos símbolos dos partidos norte-americanos e de consciência sobre a relevância do papel do presidente daquele país, no cenário mundial, quando afirma que tal cargo seria apenas para insanos. Finalmente, seria plausível entender que o fato de ter nascido e vivido por considerável tempo em Nova Iorque seria a origem do entendimento do autor de que essa é uma cidade suja, porém um bom local para aprender comédia, e de que LaGuardia é um bom aeroporto.

As inferências a que chegamos a partir das análises expostas nesta seção 4.4.1 revelariam, especialmente, que o abrandamento da criação dos filhos, em comparação a tempos passados, não acarreta uma melhor infância; que, a despeito dos avanços feministas, ainda são percebidas nítidas diferenças de comportamento entre homens e mulheres; e que a consciência da supremacia norte-americana na política mundial pode causar espanto.

4.4.2 Sarah Silverman

Sarah Silverman, comedianta, produtora, atriz e escritora, nasceu em 1970 em Bedford, New Hampshire, em uma família judaica (SARAH, 2019). Silverman demonstrou interesse pelo cômico desde cedo; fez sua primeira apresentação *stand-up* aos 17 anos e desistiu da faculdade logo no primeiro ano, a fim de seguir a carreira de comedianta (SARAH, 2019). Seu livro *The Bedwetter: Stories of Courage, Redemption, and Pee* foi publicado em 2010 (SARAH, 2019). Além de participar de campanhas políticas, a exemplo do apoio que deu ao Partido Democrático norte-americano nas eleições presidenciais de 2016, Silverman atua em movimentos de defesa da liberação do uso de maconha, de oposição aos preconceitos raciais, e de auxílio na ressocialização de infratores não violentos (SARAH, 2019).

4.4.2.1 Good em Sarah Silverman

O adjetivo *good* teve sete ocorrências no texto de Silverman, conforme linhas de concordância a seguir transcritas.

1	my back till I fall asleep. Is that a	good	idea, motherfucker?" My boyfriend's foreign,so
2	when I just talk like this? This is a	good	sound system. You can hear me when I just
3	I was in Vermont was like, "I was 4." Fucking	good	for you. I was 7. I learned to read when
4	st remind you, I scheduled that tweet. That's how	good	I thought it was. And I feel a little
5	there are thousands of people that are perfectly	good	matches for any one of you. And I don't
6	.. -And then in the-- All right. That was pretty	good.	And then in the summertime, he went to camp
7	few years ago, I did that show, <i>The	Good Wife.</i>	Okay? And it's, like, a law drama.

Quadro 84: Linhas de concordância com o adjetivo *good* do texto *Sarah Silverman: a speck of dust*

Os colocados desse adjetivo obtidos a partir das linhas acima foram divididos sob quadro diferentes descritores semântico-sintáticos:

número de ocorrências	descritor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
4	substantivo/pronome que se refere a situação/experiência	idea	1
		(it) ⁹⁷ , it	3, 4
		that	6
1	substantivo que denota objeto	sound system	2
1	substantivo que denota pessoas	matches	5
1	substantivo que compõe nome de programa de TV	wife	7

Quadro 85: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *good* do texto *Sarah Silverman: a speck of dust*

As análises das linhas de concordância onde *good* foi empregado juntamente com colocados que se referem a situação ou experiência parecem demonstrar gosto por receber carinho até adormecer (linha 1)⁹⁸; desdém por quem aprendeu a ler muito cedo (linha 3); que a importância das notícias é relativa (linha 4); e que, no passado, os E.U.A. eram maravilhosos porque se podia atacar e ofender judeus (linha 6)⁹⁹.

A linha 5, por sua vez, indicaria a convicção de que há muitas pessoas dentre as quais se pode escolher um companheiro. Consignamos que as linhas 2 e 7 foram

⁹⁷ Pronome entre parênteses por estar apenas implícito no texto.

⁹⁸ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "Maybe you should tickle my back till I fall asleep. Is that a good idea, motherfucker?"

⁹⁹ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "And then at boarding school... he got the shit kicked out of him every day, called a dirty Jew kike, because it was back when, like... America was great. And... -And then in the-- All right. That was pretty good."

desconsideradas das análises por apenas referir-se ao sistema de som do local de apresentação, e por se tratar de nome de programa de TV (*The good wife*), respectivamente.

4.4.2.2 *Little* em Sarah Silverman

Assim como *good*, o adjetivo *little* ocorreu sete vezes no texto de Silverman aqui em questão.

1	in their stand-up act. It's kind of a <i>little</i> hint. I am, though. I-- I know that it's
2	was, like, a 9-year-old girl there with a <i>little</i> pink cardigan. And she had a huge-- She had
3	them. Like, if we weren't sleeping on our, like, <i>little</i> mats during nap time, they would hit us. And
4	at it from the sides, you know. They make <i>little</i> laws, insincere laws, that kind of are an ends
5	cute would that be? I didn't tell you, she's <i>little</i> , and she's got, like, long legs. And, like, her
6	is like, 'I'm gonna eat you.' And then <i>Little</i> Red Riding Hood's like, 'Eat, eat, eat. Doesn't a
7	I can tell it in two seconds. It was " <i>Little</i> Red Riding Hood, blah, blah, blah. And then the

Quadro 86: Linhas de concordância com o adjetivo *little* do texto *Sarah Silverman: a speck of dust*

As palavras que ocorreram juntamente com *good* foram organizadas sob os descritores semântico-sintáticos constantes abaixo.

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
3	pronome/substantivo que denota pessoa/personagem	she	5
		hood	6, 7
2	substantivo que denota objeto(s)	cardigan	2
		mats	3
1	substantivo que denota comunicação	hint	1
1	substantivo que denota regras	laws	4

Quadro 87: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *little* do texto *Sarah Silverman: a speck of dust*

Se por um lado foram excluídas as linhas 6 e 7 por trazerem de nome de personagem contendo o adjetivo aqui estudado (*Little Red Riding Hood*), por outro, a observação da linha 5 apontaria para a concepção de que menina graciosa é pequena e tem pernas longas. Similarmente, um pequeno cardigã rosa parece ser considerado bonito em uma garotinha (linha 2).

O uso de *little* com *mats* foi utilizado de modo que revelaria infância mais rígida no passado, quando as crianças eram fisicamente punidas por não fazerem o que delas era esperado (linha 3), enquanto a linha 1 parece indicar que uma pessoa

sexualizada sempre verbaliza essa sua característica¹⁰⁰. Por fim, a linha 4 evidenciaria descontentamento com as leis, ao serem caracterizadas como pequenas e insinceras.

4.4.2.3 *Other* em Sarah Silverman

Os dois empregos do adjetivo *other* feitos por Silverman podem ser observados nas linhas de concordância constantes do quadro abaixo.

1	ator doors are closing or something:"I wanna see <i>other</i> people."And then... And then the last thing yo
2	and cameras and lights and, you know, all this <i>other</i> shit, you know. I don't know all the words.

Quadro 88: Linhas de concordância com o adjetivo *other* do texto *Sarah Silverman: a speck of dust*

Para os colocados de *other* foram concebidos dois descritores semântico-sintáticos:

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
1	substantivo que denota pessoas	people	1
1	substantivo que denota coisas	shit	2

Quadro 89: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *other* do texto *Sarah Silverman: a speck of dust*

Os usos desse adjetivo no texto de Silverman subsidiaram análises que parecem sinalizar a possibilidade de relacionamento aberto (linha 1), bem como o grande número de equipamentos demandados em uma gravação de show ou programa de TV (linha 2).

4.4.2.4 *White* em Sarah Silverman

Conforme se verifica na transcrição abaixo, *white* teve apenas uma ocorrência no texto de Silverman.

1	Thank you, Steve Agee. While just an ocean of <i>white</i> people are singing the N-word with such glee.
---	--

Quadro 90: Linha de concordância com o adjetivo *white* do texto *Sarah Silverman: a speck of dust*

¹⁰⁰ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "I'm a very sexual person. Um... You can always tell a sexual person because they, um, tell you as a segue -to their next bit in their stand-up act. It's kind of a little hint. I am, though."

Para esse uso de *white*, propomos o seguinte descritor semântico-sintático:

número de ocorrências	descritor semântico-sintático	colocado	linha de ocorrência
1	substantivo que denota pessoas	people	1

Quadro 91: Descritor semântico-sintático do colocado de *white* do texto *Sarah Silverman: a speck of dust*

A análise dessa linha parece reforçar a existência de racismo em um grupo de brancos que cantam com grande satisfação músicas de origem negra que contêm palavra que, fora desse contexto, seria considerada extremamente agressiva, motivo pelo qual a comediante, ao invés de mencioná-la explicitamente, se refere a ela como “*N-word*”.

4.4.2.5 *Whole* em Sarah Silverman

Silverman recorreu ao adjetivo *whole* em dez ocasiões em seu texto aqui estudado:

1	wanna make you whole. I want you to come	<i>whole</i> . I want you to be in-- And I know
2	that scene, like, in our minds we see the	<i>whole</i> room because we've seen it before. But in reality
3	do, they do a big, wide shot of the	<i>whole</i> scene with all the characters and everything. The
4	-and-jelly sandwiches, and we had to eat the	<i>whole</i> thing, or they would hit us. And I loved
5	, pieces in it. But we had to eat the	<i>whole</i> thing, or they would hit us. I was so
6	a minute later I would wake up and the	<i>whole</i> thing would happen again. And it was really scary
7	who need to find that one person in the	<i>whole</i> world that will complete us. I promise you, there
8	because Amy had the utter distaste to record this	<i>whole</i> thing. So... You just see me going like, "I'm
9	, you know? I don't-- I don't wanna make you	<i>whole</i> . I want you to come whole. I want you
10	But she is right. Abortion does kill, like, your	<i>whole</i> day. It literally sucks the life out of you.

Quadro 92: Linhas de concordância com o adjetivo *whole* do texto *Sarah Silverman: a speck of dust*

Os descritores semântico-sintáticos sob os quais os colocados de *whole* foram organizados encontram-se no quadro que segue.

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
3	substantivo que denota situação/experiência	scene	3
		thing	6, 8
2	pronome que denota pessoa	you	1, 9
2	substantivo que denota lugar	room	2
		world	7
2	substantivo de vagueza que se refere a comida	thing	4, 5
1	substantivo que denota tempo	day	10

Quadro 93: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *whole* do texto *Sarah Silverman: a speck of dust*

As linhas de concordância 2 e 3 foram desconsideradas das análises por apenas se referirem a técnica de gravação de cena de programa de TV, de modo que não contribuiriam para o objetivo deste trabalho. Por outro lado, análises das linhas 6 e 8 parecem demonstrar, respectivamente, que anestesia afeta a memória¹⁰¹, e que é de extremo mau gosto filmar uma cirurgia¹⁰².

Os usos de *whole* com o pronome pessoal *you* revelariam o entendimento de que uma pessoa pode ser plena por conta própria, e não induzida por outros (linhas 1 e 9); enquanto sua ocorrência com *world* indicaria que é falso acreditar que somos incompletos e que há uma única pessoa certa para cada um de nós (linha 7)¹⁰³.

As últimas linhas mencionadas no quadro acima, finalmente, apontariam para violência, no passado, contra crianças que não comiam tudo o que lhes era servido (linhas 4 e 5), bem como para postura a favor do aborto ao ser mencionado que o lado negativo de tal procedimento é que ele demanda um dia inteiro (linha 10).

4.4.2.6 Posturas inferidas de Sarah Silverman

O emprego que Silverman fez dos cinco adjetivos aqui estudados, conforme análises feitas nas subseções 4.4.2.1 a 4.4.2.5, permitiu a organização dos temas

¹⁰¹ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "You just had surgery. They have to have your hand--" You know, and then I would understand. And then I would fall asleep, and a minute later I would wake up and the whole thing would happen again. And it was really scary."

¹⁰² Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "'This is a very dangerous surgery. She might not make it. You know, it's very risky.' Blah, blah, blah. Meanwhile, I feel fine. And I'm just like, 'I'm not high enough.' I was complaining that I wasn't high enough. And I can tell you exactly what happened because Amy had the utter distaste to record this whole thing."

¹⁰³ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "It's taught us that we are incomplete people who need to find that one person in the whole world that will complete us. I promise you, there are thousands of people that are perfectly good matches for any one of you."

abordados e as posturas por ela assumidas com relação a eles conforme constam no próximo quadro.

Temas abordados	Posturas inferidas
aborto	é aceitável
cirurgia	anestesia afeta a memória e causa sofrimento
	não é agradável assistir a ela
criança	é bonita se possui atributos físicos específicos
	cada uma se desenvolve em seu próprio ritmo
comportamento	pessoa sexualizada se expõe como tal
	a plenitude é alcançada por conta própria
	as pessoas não são incompletas
etnias	no passado, E.U.A. eram bons por permitir agressão a judeus
gravação de programa de TV	exige parafernália que impressiona mesmo quem tem familiaridade o trabalho
infância no passado	era mais rígida, inclusive com punição física
leis	não atendem às expectativas
notícias	têm importância relativa
racismo	é evidenciado quando brancos cantam música com vocabulário racista
relacionamento	carinho é apreciado
	há muitas opções dentre as quais se pode encontrar um companheiro
	admite relacionamento aberto

Quadro 94: Temas e posicionamentos do texto *Sarah Silverman: a speck of dust*

As posturas de Silverman, inferidas conforme informações do quadro acima, parecem guardar relação com sua biografia. Possivelmente as experiências de sua própria infância ensejaram a visão da autora de que a criação, no passado, era mais rígida, assim como sua origem judaica pode ter motivado a crítica – feita por meio de sarcasmo – às agressões sofridas pelos judeus. Por outro lado, seu perfil progressista de militância em causas sociais seria a origem de sua insatisfação com as leis e com a existência de racismo, bem como de sua defesa do aborto.

Destarte, parece-nos que os resultados das análises expostas nesta subseção 4.4.2 refletiriam uma sociedade que dispensa, nos dias de hoje, tratamento mais brando às crianças; que ainda se ressentia das agressões sofridas pelos judeus e da existência de racismo; e que possui segmentos progressistas que defendem melhoria das leis e direito ao aborto.

4.5 LATINO-AMERICANOS

4.5.1 Cristela Alonzo

Cristela Alonzo, filha de pais mexicanos, nasceu em 1979 na cidade de San Juan, TX, onde foi criada apenas pela mãe – que deixou o pai de Alonzo devido ao seu comportamento violento – em meio a muita pobreza e com forte influência católica (CRISTELA, 2019). Embora tenha iniciado seus estudos de graduação em teatro, dificuldades financeiras a obrigaram a abandoná-los e, pouco tempo depois, Alonzo iniciou suas apresentações de comédia *stand-up* (CRISTELA, 2019). Além de comediante, Alonzo é atriz, escritora e produtora, e foi a primeira mulher latino-americana a criar, produzir, escrever e estrelar seu próprio programa de televisão nos E.U.A., intitulado “Cristela”, em 2014 (CRISTELA, 2019).

4.5.1.1 *Good* em Cristela Alonzo

Conforme se verifica no quadro que segue, Alonzo recorreu ao adjetivo *good* dez vezes em seu texto aqui abordado.

1	should speak to me, you know? ♪ You got <i>good</i> credit ♪ ♪ Baby ♪ ♪ Your FICO score turns me on ♪
2	saying that shit? Brown people, when was our <i>good</i> old days, right? -Hmm. If it was really
3	good old days." I'm Latina. When was our <i>good</i> old days? When JLo became Selena? That's what
4	. I'm like, "Oh, my God. That looks so <i>good</i> ." So I pop the bag of popcorn and
5	. I don't know what we're doing. It's so <i>good</i> to be here. I've been traveling non-stop
6	say, "We need to go back to the <i>good</i> old days. We need to go back to
7	days. We need to go back to the <i>good</i> old days." You ever notice it's only white
8	days, right? -Hmm. If it was really the <i>good</i> old days, why don't you ever see black
9	and clean for free." "You know, like the <i>good</i> old days." I'm Latina. When was our good
10	are your boys. Whether they suck or they're <i>good</i> , those are your boys, you know? People are

Quadro 95: Linhas de concordância com o adjetivo *good* do texto *Cristela Alonzo: lower classy*

A observação dos colocados de *good* nas linhas de concordância acima transcritas ensejou sua divisão sob quatro descritores semântico-sintáticos:

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
6	substantivo que denota tempo	days	2, 3, 6, 7, 8, 9
2	substantivo/pronome que denota situação	credit	1
		it	5
1	pronome que denota comida	that	4
1	pronome pessoal	they	10

Quadro 96: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *good* do texto *Cristela Alonzo: lower classy*

Ao analisarmos as linhas de concordância onde *good* foi utilizado com *days*, seria possível inferir que os latino-americanos pardos e os afrodescendentes nunca tiveram uma boa fase na história (linhas 2, 3, 8 e 9), de modo que apenas os brancos se utilizam da expressão “bons velhos tempos” (linhas 6 e 7, observando-se que são sequenciais).

No que diz respeito aos colocados posicionados sob o segundo descritor do quadro acima, as análises permitiriam entrever que boas situações são aquelas em que se tem crédito (linha 1) e se está profissionalmente ativo (linha 5). Finalmente, a linha 4 parece indicar que pipoca é alimento irresistível, enquanto a linha 10 revelaria que um time esportivo é defendido em situação de sucesso ou fracasso¹⁰⁴.

4.5.1.2 *Little* em Cristela Alonzo

O adjetivo *little* foi utilizado duas vezes por Alonzo, em linhas de concordância que podem ser observadas a seguir.

1	there. Now everything we've got is in our <i>little</i> phone, right there. Everything. Technology can be
2	set that comes with maracas. It's like the <i>little</i> weights, right? So you can keep the beat

Quadro 97: Linhas de concordância com o adjetivo *little* do texto *Cristela Alonzo: lower classy*

Essas duas ocorrências foram posicionadas sob um único descritor semântico-sintático:

¹⁰⁴ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “People don't understand, when you're a sports fan, when you have a team, that's your team. Those are your boys. Whether they suck or they're good, those are your boys, you know?”

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	Colocados	linhas de ocorrência
2	substantivo que denota objeto(s)	phone	1
		weights	2

Quadro 98: Descriptor semântico-sintático dos colocados de *little* do texto *Cristela Alonzo: lower classy*

As análises das duas linhas de concordância transcritas no quadro 97 parecem revelar a concepção da autora de que os telefones móveis de hoje em dia carregam tudo o que possuímos (linha 1), e que maracas são usadas para acompanhamento de ritmo musical e podem ser comparadas aos pesos utilizados em exercícios físicos (linha 2).

4.5.1.3 *Other* em Cristela Alonzo

As ocorrências do adjetivo *other* totalizaram cinco no texto de Alonzo, conforme constam do quadro abaixo.

1	The purple one! Bitch, like there's any	<i>other</i> kind! I finally got to see the New
2	can keep the beat along with them. The	<i>other</i> day, you guys, I popped it in. Oh,
3	my sister in Spanish, right? Okay, so the	<i>other</i> day, I was texting my sister. I'm trying
4	, you know, like, American are ridiculous to the	<i>other</i> side of your family. I had to ask
5	lose? Why did you lose?" "Well, shit, the	<i>other</i> team scored more. That's how it works." What

Quadro 99: Linhas de concordância com o adjetivo *other* do texto *Cristela Alonzo: lower classy*

Tais ocorrências permitiram a organização dos colocados de *other* sob três descritores semântico-sintáticos:

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
2	substantivo que denota tempo	day	2, 3
2	substantivo que denota pessoas	side	4
		team	5
1	substantivo que denota tipo	kind	1

Quadro 100: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *other* do texto *Cristela Alonzo: lower classy*

As análises das linhas onde *other* foi empregado com *day* parecem indicar que qualquer exercício físico pode ser extenuante para uma pessoa sedentária

(linha 2)¹⁰⁵, e que mensagens de texto em outro idioma que não o inglês podem ensinar autocorrekções pelo aplicativo (linha 3)¹⁰⁶.

As linhas de concordância que trouxeram colocados que se referem a pessoas apontariam para dificuldades em crescer em meio a duas culturas, que teriam visões conflitantes de um mesmo comportamento (linha 4)¹⁰⁷, assim como para uma postura mais prática e possivelmente menos acalorada para com competições esportivas (linha 5).

Finalmente, a linha 1 demonstraria que mexicanas têm hábitos de limpeza e familiaridade com ela¹⁰⁸.

4.5.1.4 *White* em Cristela Alonzo

O adjetivo *white* contou com nove ocorrências no texto de Alonzo, em linhas de concordância que podem ser lidas a seguir:

1	come a long way!" You never meet a	<i>white</i> guy named Jesus. "Hi, I'm Jesus Rosenberg. I
2	it,tanning is such a double standard because	<i>white</i> people can go and be dark for a
3	re and lighten. That's bullshit. I like hearing	<i>white</i> girls talk to their friends. "Hey, girl, you
4	the wall. And she would call them her	<i>white</i> family. And every time we would get in
5	much, you'd better show me a photo of	<i>white</i> people picking the fruit. What the fuck is
6	good old days." You ever notice it's only	<i>white</i> people saying that shit? Brown people, when was
7	it." I love it! It's a double standard.	<i>White</i> people have tanning booths. There's no bleaching
8	ethnic for a week." "Don't worry, we're still	<i>white</i> ." "Hi, I'm Becky. I have cornrows. Fuck it."
9	, I did not bust my butt so this	<i>white</i> guy takes credit for my shit. I am

Quadro 101: Linhas de concordância com o adjetivo *white* do texto *Cristela Alonzo: lower class*

Todas essas ocorrências parecem adequadamente se encaixar sob um único descritor semântico-sintático:

¹⁰⁵ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "Now, there's a Zumba DVD set that comes with maracas. It's like the little weights, right? So you can keep the beat along with them. The other day, you guys, I popped it in. Oh, I wish you had been there, man. Oh! I was killing it, you guys. I was, like, sweating. I was like, "Oh, my God. That must have been 20 minutes." -Four minutes. Four minutes."

¹⁰⁶ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "And it sucks when you text in another language. I text with my sister in Spanish, right? Okay, so the other day, I was texting my sister. I'm trying to call her a pendeja."

¹⁰⁷ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "[...] when you grow up between two cultures of any kind, it's hard because you start realizing that certain things you do that are considered, you know, like, American are ridiculous to the other side of your family."

¹⁰⁸ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "But as a Mexican, I wanna clean that shit, too. You know what I mean? Where's the Fabuloso? The purple one! Bitch, like there's any other kind!"

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
9	substantivo/pronome que denota pessoa(s)	guy	1, 9
		people	2, 5, 6, 7
		girls	3
		family	4
		we	8

Quadro 102: Descriptor semântico-sintático dos colocados de *white* do texto *Cristela Alonzo: lower classy*

As análises das linhas onde *white* foi empregado parecem revelar que pessoas de diferentes etnias têm nomes diferentes (linha 1); pardos trabalham arduamente e brancos podem receber o mérito (linha 9); brancos têm a vantagem de poder, temporariamente, alterar a cor da pele (linhas 2, 3, 7 e 8); a mão de obra branca é mais cara (linha 5)¹⁰⁹; apenas os brancos tiveram um bom passado (linha 6; cf. linhas 2, 3, 8 e 9 do quadro 95); e os brancos podem ser vistos como exemplos a serem seguidos (linha 4)¹¹⁰.

4.5.1.5 *Whole* em Cristela Alonzo

Os usos de *whole*, no texto de Alonzo, somaram seis, conforme se verifica abaixo.

1	having to save up money to buy a <i>whole</i> record album or CD for one song. Do
2	layaway. What the fuck are we doing at <i>Whole</i> Foods? I walked in. They're like, "Can I
3	having a sale. Ooh! Ooh! A sale at <i>Whole</i> Foods. Six bucks for a pint of strawberries.
4	inside, you're like... "That's two tomatoes at <i>Whole</i> Foods!" Man, I buckled it in like it
5	have to save up, like, 20 bucks, hoping the <i>whole</i> thing was a hit. Because if you bought
6	a salad at home, boom, \$1,000. I went to <i>Whole</i> Foods. My God, that store should have layaway.

Quadro 103: Linhas de concordância com o adjetivo *whole* do texto *Cristela Alonzo: lower classy*

Dois descritores semântico-sintáticos foram concebidos para a organização dos colocados de *whole* no texto aqui em questão:

¹⁰⁹ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "That's a lot of money. I'm sorry. For that much, you'd better show me a photo of white people picking the fruit."

¹¹⁰ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "My mom, not kidding, she would buy photo frames, picture frames, and she would keep the pictures that came with the frames. And she would hang them up on the wall. And she would call them her white family. And every time we would get in trouble, she would use them as an example."

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
4	substantivo que compõe nome de rede de mercados	foods	2, 3, 4, 6
2	substantivo que denota objeto	album	1
		thing	5

Quadro 104: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *whole* do texto *Cristela Alonzo: lower classy*

As linhas 2, 3, 4 e 6 foram desconsideradas das análises tendo em vista que trouxeram *whole* em menções a nome de mercado, o que excluiria posicionamento por parte da autora. Por outro lado, as análises feitas das linhas 1 e 5 parecem indicar que, no passado, pagava-se caro por um CD – a ponto de ser necessário economizar dinheiro para tanto –, para se ter acesso àquela única música que se apreciava.

4.5.1.6 Posturas inferidas de Cristela Alonzo

As leituras feitas dos usos que Alonzo fez dos adjetivos *good*, *little*, *other*, *white* e *whole*, conforme apresentadas nas subseções 4.5.1.1 a 4.5.1.5, nos permitiram inferir os temas abordados e as posturas por ela tomadas indicados no quadro que segue.

Temas abordados	Posturas inferidas
boa situação	inclui crédito financeiro
	atividade profissional
competição esportiva	torcedores defendem times em situação de sucesso ou fracasso
	comporta visão mais prática e menos acalorada
diferenças culturais / étnicas	apenas brancos tiveram bom passado
	divergências são percebidas quando se cresce em meio a duas culturas
	brancos podem ser considerados exemplos a serem seguidos
	diferentes origens implicam nomes diferentes
	pardos fazem trabalho árduo e brancos recebem o mérito
	brancos podem temporariamente variar a cor da pele
	brancos são mais bem remunerados
forma física	é difícil resistir a comida
	maracas podem ser usadas em exercícios físicos
	qualquer exercício físico pode exaurir um sedentário
tecnologia	permite acesso a música a custo mais baixo que no passado
	tudo o que temos está em nossos pequenos telefones
	mensagem de texto em outro idioma que não o inglês está sujeito a mais autocorreções
trabalho	mexicanas tipicamente trabalham em serviços de limpeza

Quadro 105: Temas e posicionamentos do texto *Cristela Alonzo: lower classy*

Parece-nos que os posicionamentos assumidos por Alonzo trariam várias influências de sua biografia. Se, por um lado, seria possível supor que sua origem humilde tenha moldado o entendimento da autora de que uma boa situação depende de se ter crédito financeiro e se estar ativo profissionalmente, por outro, sua origem cultural seria fator determinante para sua concepção de que mexicanas tipicamente exercem trabalhos de limpeza, bem como de que os brancos: são os únicos com bom passado; podem ser um exemplo a ser seguido; recebem o mérito pelo trabalho executado por minorias étnicas; e, finalmente, auferem melhores salários.

Seria aceitável divisar, ainda, conexões entre a tendência de Alonzo ao sobrepeso e sua percepção de que é difícil resistir a comida, e que pessoas sedentárias se cansam até mesmo ao executarem pouco exercício físico.

As análises feitas do texto de Alonzo, apresentadas ao longo desta subseção 4.5.1, resultaram em percepções de uma sociedade onde ainda persistem fortes desigualdades motivadas por diferenças étnicas, de modo reafirmar a predominância dos brancos.

4.5.2 Gabriel Iglesias

Gabriel Iglesias, de ascendência mexicana, nasceu em 1976 na cidade de San Diego, CA, e foi criado com seus cinco irmãos por sua mãe solteira (GABRIEL, 2019). Iglesias – conhecido artisticamente como Fluffy, devido a seu sobrepeso –, começou a se dedicar exclusivamente a apresentações de comédia *stand-up* em 1997 e, desde então, tem atuado também como ator, escritor e produtor (GABRIEL, 2019). O comediante vive com sua namorada e com o enteado Frankie – frequentemente mencionado em suas apresentações – em Whittier, CA (GABRIEL, 2019).

4.5.2.1 *Good* em Gabriel Iglesias

O texto de Iglesias aqui estudado contou com 37 ocorrências do adjetivo *good*, que podem ser lidas em suas linhas de concordância transcritas a seguir.

1	good. For me to know I'm gonna have a	good experience at a taco truck, I always research. I
2	end of the parking lot. We're walking for a	good four minutes. All of a sudden, I hear this: "
3	t allow political correctness to interfere with a	good friendship. At the end of the day, you're still
4	. And you know, you know when you're in a	good hotel when you get inside of the elevator, and
5	on." Cool. Welcome, you guys. Hope you have a	good-- I know you're getting nervous, Dad. You're like
6	example, we all have our "trying to get a	good job" voice. When you walk in for that interview,
7	come over to the house. We had ourselves a	good old time. Just me and Phil." By the way,
8	your joke came up, and I had me a	good old laugh, and I says, 'You know, I love
9	"Batman." "You said that." "Superman." "That's a	good one." "Wonder Woman." "Okay." "Green Lantern." "W
10	soap when I wash my hands. I like a	good soap dispenser. I like the, you know, the pump,
11	truck. For me to know I'm gonna have a	good time, I wanna make sure that it's an all-
12	need sensors, some places don't. Some places are	good at teaching us how to conserve energy and conserv
13	get that out. Like I said, some places are	good at teaching us how to save energy, save water.
14	over there? Graduation? Promotion? It's gotta be	good. Hey, good for you, buddy." Women see a man
15	all women running the truck, they make me feel	good about myself. They make me feel special. When I
16	, and I have a buzz, they make me feel	good. "Hello?" They come to the window. "Hola, mi gor
17	g. Fast-forward to Mobile, Alabama. Oh, it gets	good. Earlier tonight, before we kicked off this speci
18	? Graduation? Promotion? It's gotta be good. Hey,	good for you, buddy." Women see a man with a
19	ke shake." "Okay. What size would you like?" "How	good is it?" "You want a large." "All right. Can
20	come back to haunt me. Some of them in	good ways, some of them not so good. For example,
21	that beaner.' I said, 'Nope. Nope. That beaner is	good people.'" And then he pulled out his camera, ri
22	, okay? But it doesn't mean the food is not	good. For me to know I'm gonna have a good
23	. Your own lungs are telling you, "This is not	good for you. You need to leave." But you're stubborn.
24	an entire crowd away from me." "That was pretty	good, huh?" "Will you listen? Yes, that was pretty goo
25	don't know how he did that one. That's pretty	good." I come in, and immediately I cut right, to
26	and do this. Then you drink it. "That's pretty	good. I got a coupon. Here you go." And you
27	ood, huh?" "Will you listen? Yes, that was pretty	good. Look, I'm very sorry that I got upset. First
28	just let you know right now. That is real	good Mexican food. I don't want you being concerned, I
29	salad. It was amazing. Had a beef dip. Really	good. But it wasn't until the meal was almost over
30	making this special happen, but for taking really	good care of us. They put us at a hotel
31	a police officer. Both of these kids are really	good. Now I keep calling everyone kids, even though th
32	o strong." "Hey!" Meeting Arnold is like a really	good roller coaster. You want to go to the end
33	was read by over 30 million people that was so	good, even I was like, "Oh, my God. I was
34	them in good ways, some of them not so	good. For example, in 1997... on TV one time, one time
35	women. "After four shots of Cuervo, I am so	good. Four shots is my sweet spot." "What happens if
36	it? So we get there, and it was very	good. The hot dogs were delicious. I had a chicken
37	he local promoter who does the shows there. We're	good friends with him. And he tells us, you know, '

Quadro 106: Linhas de concordância com o adjetivo *good* do texto *Gabriel Iglesias: I'm sorry for what I said when I was hungry*

Os colocados de *good* observados no quadro acima foram organizados sob seis descritores semântico-sintáticos:

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
19	pronome/substantivo que se refere a situação/experiência	experience	1
		(time) ¹¹¹ ; time	5, 11
		job	6
		laugh	8
		dispenser	10
		it	14, 17, 18, 19
		ways	20, 34
		this	23
		that	24, 25, 27, 33
		care	30
		roller coaster	32
7	substantivo/pronome que denota pessoa(s)	one	9
		me	15, 16
		people	21
		kids	31
		I	35
		friends	37
5	substantivo/pronome que denota comida/bebida	food	22, 28
		that	26
		beef dip	29
		it	36
3	substantivo que denota lugar(es)	hotel	4
		places	12, 13
2	substantivo que denota tempo	minutes	2
		time	7
1	substantivo que denota sentimentos	friendship	3

Quadro 107: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *good* do texto *Gabriel Iglesias: I'm sorry for what I said when I was hungry*

Os usos feitos do adjetivo *good* no texto de Iglesias parecem indicar como boas as situações de: atendimento ao cliente feito por mulheres (linhas 1, 11, 15 e 16)¹¹²; apresentação de comédia *stand up* (linha 5) e piada (linha 8); algum luxo (linhas 4, 10 e 30); eventos resultantes de sucesso, como graduação e promoção (linhas 14 e 18); o próprio comediante ser alvo de humor (linhas 17, 20, 24 e 27) – embora haja ressalvas em alguns casos (linha 34)¹¹³ –; agilidade física a despeito de

¹¹¹ Substantivo entre parênteses por estar apenas implícito no texto

¹¹² Parte dessa análise foi feita por meio da expansão das linhas de concordância aqui transcritas: “For me to know I'm gonna have a good experience at a taco truck, I always research. I look to see who's running the truck. For me to know I'm gonna have a good time, I wanna make sure that it's an all-female crew. Not to sound sexist. It's just that when it's all women running the truck, they make me feel good about myself. They make me feel special. When I walk up at one o'clock in the morning, and I have a buzz, they make me feel good.”

¹¹³ Essa análise foi feita por meio da expansão das linhas de concordância aqui transcritas: “Fast-forward to Mobile, Alabama. Oh, it gets good. Earlier tonight, before we kicked off this special, my friend Martin was out here making a couple of announcements. One of the announcements that he made was, ‘If you brought a gift, please hold on to it until after the show. Don't bring it to the stage. It could interrupt the flow of the performance.’; “But you gotta look at it ‘through my eyes. I've never had

sobrepeso (linha 25)¹¹⁴; grande número de leitores (linha 33); e, por fim, euforia em conhecer pessoalmente um ídolo (linha 32). Seria possível inferir, ainda, que a obtenção de um bom emprego dependeria de persona específica (linha 6); que quanto mais gostoso o alimento, mais dele se deseja (linha 19); e que rir em excesso poderia não ser bom fisicamente (linha 23)¹¹⁵.

As análises feitas das linhas onde *good* foi utilizado em associação a colocados posicionados sob o segundo descritor constante do quadro acima revelariam que os super-heróis não são todos igualmente bons (linha 9); quando da relação entre etnias diferentes, possivelmente a aceitação da diversidade não seria muito sólida porque, a despeito de a linha 21 trazer a informação de que “aquele mexicano é boa gente”, o termo *beaner*, usado para indicar essa nacionalidade, pode ser considerado ofensivo; jovens que já têm aspirações para o futuro seriam valorizados (linha 31)¹¹⁶; o limite de bebida alcoólica é algo individual (linha 35); e, finalmente, bons relacionamentos no âmbito profissional seriam possíveis (linha 37).

No que se refere a alimentos, as leituras demonstrariam que os restaurantes móveis *food trucks*, igualmente aos tradicionais, servem comida de qualidade (linhas 22 e 28)¹¹⁷, e que alguns pratos seriam considerados bons pelo autor, como o sanduíche conhecido como *beef dip* (linha 29), o cachorro-quente e o frango (linha 36). Quanto a bebidas, seria possível entrever que, ao mesmo tempo em que o

anyone take an entire crowd away from me.’ ‘That was pretty good, huh?’ ‘Will you listen? Yes, that was pretty good. Look, I’m very sorry that I got upset. First time that happens.’”; e “I gotta start being careful, you guys, because I’m noticing now, after six specials, that a lot of my material, a lot of my stories are starting to come back to haunt me. Some of them in good ways, some of them not so good. For example, in 1997... on TV one time, one time, [...]”

¹¹⁴ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “‘He’s big, but he’s fast. I don’t know how he did that one. That’s pretty good.’”

¹¹⁵ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “That let’s me know I’m making you laugh so much, your own body is rejecting the activity that you’re participating in. Your own lungs are telling you, ‘This is not good for you. You need to leave.’ But you’re stubborn.”

¹¹⁶ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “One friend, his name is Ken. Works a lot with computers. The other friend, his name is Fabian. He wants to be a police officer. Both of these kids are really good. Now I keep calling everyone kids, even though they’re all 18.”

¹¹⁷ Essa análise foi feita por meio da expansão das linhas de concordância aqui transcritas: “Now for anyone wondering about taco trucks, let me just let you know right now. That is real good Mexican food. I don’t want you being concerned, like, ‘No, there’s wheels under that restaurant.’ Well, sometimes we don’t have a permit, okay? But it doesn’t mean the food is not good. For me to know I’m gonna have a good experience at a taco truck, I always research.”

elogio ao vinho é parte de seu ritual de consumo, a possibilidade de se usar cupom de desconto para seu pagamento retiraria um tanto de seu glamour (linha 26)¹¹⁸.

Por fim, teríamos *good* indicando que nem todas as medidas ecológicas parecem ser eficazes para a conscientização sobre economia de energia e água (linhas 12 e 33); os estacionamentos nos EUA podem ser bastante extensos (linha 2); o convívio com amigos é algo bom (linha 7); e que a boa amizade não é afetada pela corrente do politicamente correto (linha 3)¹¹⁹.

4.5.2.2 *Little* em Gabriel Iglesias

Iglesias empregou o adjetivo *little* dez vezes ao longo de seu texto:

1	very basic thing that they do. They have a	<i>little</i>	cardboard sign that hangs on the towel rack in
2	one or some corporate function, but never at a	<i>little</i>	hole in the wall. You'll never see-- "Jger!" "¡Te
3	lly the lady looks up. She must have been 55,60,	<i>little</i>	Asian woman. She sees me, and she's, like-- "Yo
4	take for granted. That's why I say give me	<i>little</i>	Tombutu. Give me Tombutu. I would love Tombutu, a
5	your hand under it, and it gives you that	<i>little</i>	booger of soap. You know what I mean? That
6	booger of soap. You know what I mean? That	<i>little</i>	moco. You put it under. You-- You need more.
7	at greedy bastard from Olive Garden. You get that	<i>little</i>	sample. You have to hold it up in direct
8	that away from us and replace it with that	<i>little</i>	sensor. So now, in addition to being a comedian,
9	from us and then they replace it with that	<i>little</i>	spout that goes next to the faucet. You stick
10	come back here and they force it into that	<i>little</i>	tiny compartment... and then they close the door

Quadro 108: Linhas de concordância com o adjetivo *little* do texto *Gabriel Iglesias: I'm sorry for what I said when I was hungry*

Para os colocados de *little* conforme usados nas linhas de concordância acima transcritas, sugerimos seis descritores semântico-sintáticos:

¹¹⁸ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "[...] and do this. Then you drink it. 'That's pretty good. I got a coupon. Here you go.' And you never see wine drinkers drinking with real drinkers in dive bars."

¹¹⁹ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "[...] he doesn't allow political correctness to interfere with a good friendship. At the end of the day, you're still friends, you still love each other, you still respect one another."

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
3	substantivo que denota objeto	sign	1
		sensor	8
		spout	9
3	substantivo que denota quantidade	booger	5
		moco (espanhol)	6
		sample	7
2	substantivo que denota lugar	hole	2
		compartment	10
2	substantivo que denota/nomeia pessoa	woman	3
		Tombutu	4

Quadro 109: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *little* do texto *Gabriel Iglesias: I'm sorry for what I said when I was hungry*

O emprego do adjetivo *little* no texto de Iglesias ocorreu por várias vezes quando o comediante tratou de medidas ecológicas para proteção do meio ambiente: a análise da linha 1 parece indicar que há medidas que protegem o meio ambiente e não demandam sacrifício e são, portanto, mais fáceis de serem obedecidas¹²⁰; e as linhas 5 e 6 – observando-se que são sequenciais, uma vez que o início da linha 6 constitui a segunda metade da linha 5 – revelariam que algumas dessas medidas implicam redução de conforto – a exemplo da pouca quantidade de sabonete fornecida pelos sistemas automatizados –, igualmente ao que seria possível inferir da expansão das linhas 8 e 9¹²¹. Talvez não diretamente ligada à preservação do meio ambiente – mas em alguma medida possivelmente ainda nessa seara, se considerarmos que produtos destinados a uso institucional teoricamente utilizam menos embalagem, por exemplo –, a linha 10 indicaria que medidas de economia, como a compra de produtos em tamanho institucional, podem também implicar redução de conforto¹²².

¹²⁰ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “They have a very basic thing that they do. They have a little cardboard sign that hangs on the towel rack in the bathroom. All it says is, ‘Please help save water by reusing your towel’. On the back, a diagram shows you the millions of gallons of water that are saved every year when people reuse their towel. I reuse ‘em at home. I got no problem doing that at the hotel.”

¹²¹ Essa análise foi feita por meio da expansão das linhas de concordância aqui transcritas: “You can control the water. You can control the temperature. You can control the pressure. I hate it when they take that away from us and replace it with that little sensor. So now, in addition to being a comedian, now I gotta be a magician.” e “I like the, you know, the pump, the-- I hate it when they take that away from us and then they replace it with that little spout that goes next to the faucet.”

¹²² Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “[...] they buy that giant gorilla roll of toilet paper. Then they come back here and they force it into that little tiny compartment... and then they close the door on it.”

O ritual do vinho parece surgir como temática também abordada por meio do emprego do adjetivo *little*: seu suposto refinamento seria explicitado pelo fato de não se tomar vinho em botequins (linha 2), bem como pela amostra da bebida que precede a taça que é posteriormente servida pelo garçon (linha 7).

As duas outras ocorrências de *little* como adjetivo parecem indicar complacência para com uma mulher asiática (linha 3) e uma criança imaginária de algum país de terceiro mundo que participaria de um intercâmbio cultural (linha 4)¹²³.

4.5.2.3 *Other* em Gabriel Iglesias

As ocorrências de *other* como adjetivo somaram oito no texto de Iglesias, conforme se verifica abaixo.

1	answer. Next thing you know, he does something no	<i>other</i>	audience member has ever done in my 19-plus years
2	was actually kind of cute because it was only	<i>other</i>	Mexicans bringing me these “Mexican racist gift b
3	onversations we have are very adult-like. And the	<i>other</i>	conversations, I’m like, “What am I doing with my
4	sound like this to them: “I’ll tell you, the	<i>other</i>	day I was hanging out with Phil. That sumbitch
5	name is Ken. Works a lot with computers. The	<i>other</i>	friend, his name is Fabian. He wants to be
6	do to make that happen. His friends, on the	<i>other</i>	hand, they still get excited when they see me.
7	will eat the trash.” Meanwhile, my son’s on the	<i>other</i>	side of the world, on top of an elephant,
8	.” “Whoa, whoa, whoa, whoa.” I said, “I know the	<i>other</i>	superheroes, but Green Lantern? What’s his power?

Quadro 110: Linhas de concordância com o adjetivo *other* do texto *Gabriel Iglesias: I’m sorry for what I said when I was hungry*

As linhas de concordância transcritas no quadro acima trouxeram colocados de *other* que puderam ser organizados sob os descritores semântico-sintáticos apresentados a seguir.

¹²³ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: “I would love to do an exchange program with my son. But don’t give me a regular kid. If I’m gonna do an exchange program, give me a kid from a hard-core third world country, so he appreciates all the basic things most American children take for granted. That’s why I say give me little Tombutu. Give me Tombutu. I would love Tombutu, a [...]”

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
4	substantivo que denota pessoa(s)	member	1
		Mexicans	2
		friend	5
		superheroes	8
1	substantivo que denota comunicação	conversations	3
1	substantivo que denota tempo	day	4
1	substantivo que compõe expressão idiomática que denota oposição	hand	6
1	substantivo que denota lugar	side	7

Quadro 111: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *other* do texto *Gabriel Iglesias: I'm sorry for what I said when I was hungry*

As análises das linhas de concordância onde *other* foi utilizado com colocados que se referem a pessoas parecem indicar que o ofício de comediante ainda surpreende após 19 anos de atuação (linha 1); brincadeira racista é aceita quando feita por pares do alvo da piada (linha 2); jovens que têm interesse por algum assunto específico ou aspirações profissionais são apreciados (linha 5)¹²⁴; e os super-heróis não são todos igualmente bons (linha 8).

Os outros usos do adjetivo *other* parecem revelar que as conversas com adolescentes refletem a fase intermediária em que se encontram, pois ora são adultas, ora imaturas (linha 3)¹²⁵; o convívio com amigos é algo bom (linha 4)¹²⁶; encontrar pessoalmente alguém famoso pode ser empolgante (linha 6); e, ainda, que os jovens não se vêem sem os recursos propiciados pela internet (linha 7)¹²⁷.

4.5.2.4 *White* em Gabriel Iglesias

Iglesias recorreu ao adjetivo *white* por sete vezes em seu texto:

¹²⁴ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "One friend, his name is Ken. Works a lot with computers. The other friend, his name is Fabian. He wants to be a police officer. Both of these kids are really good."

¹²⁵ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "Now I keep calling everyone kids, even though they're all 18. But to me, they're kids. I'm almost 40. I'm like, "Uh," you know? Some of the conversations we have are very adult-like. And the other conversations, I'm like, "What am I doing with my life?"

¹²⁶ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "'I'll tell you, the other day I was hanging out with Phil. That sumbitch come over to the house. We had ourselves a good old time."

¹²⁷ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "Meanwhile, my son's on the other side of the world, on top of an elephant, trying to get Wi-Fi."

1	recipe for corn bread. We put everything but a <i>white</i> girl with a big ass in the basket. We
2	Because theoretically that white towel should be <i>white</i> every single time you use it. But, no, people
3	crayons in the box are brown except for one <i>white</i> crayon right in the middle. And I said, "What
4	n you suck at showers. Because theoretically that <i>white</i> towel should be white every single time you use
5	great story to tell. I'm going to say-- 'Two <i>white</i> men, same time.' While Mexican watch." I get he
6	Ho-ho. 'Never better.' Susie never have two young <i>white</i> men touch me right here, same time. Oh, your
7	head, blood in the eye, and the two young <i>white</i> paramedics, they both touch me right here. They s

Quadro 112: Linhas de concordância com o adjetivo *white* do texto *Gabriel Iglesias: I'm sorry for what I said when I was hungry*

Os colocados de *white* do texto de Iglesias foram organizados sob dois descritores semântico-sintáticos:

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
4	substantivo que denota pessoa(s)	girl	1
		men	5, 6
		paramedics	7
3	substantivo que denota objeto	towel	2, 4
		crayon	3

Quadro 113: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *white* do texto *Gabriel Iglesias: I'm sorry for what I said when I was hungry*

À exceção das linhas 2 e 4, que parecem indicar que bons hábitos de higiene conservariam a toalha sempre branca, Iglesias empregou o adjetivo *white* em assuntos ligados a etnias, possivelmente indicando a existência de racismo pela percepção de que o número de mexicanos nos E.U.A. é excessivo (linha 3)¹²⁸, bem como apontando para estereótipos como o desejo que existiria por mulheres brancas (linha 1) e por homens brancos (linhas 5, 6 e 7).

4.5.2.5 *Whole* em Gabriel Iglesias

Por fim, conforme se vê no quadro abaixo, o adjetivo *whole* foi utilizado cinco vezes no texto de Iglesias aqui estudado.

¹²⁸ Essa análise foi feita por meio da expansão da linha de concordância aqui transcrita: "All of the crayons in the box are brown except for one white crayon right in the middle. And I said, 'What the hell is that supposed to mean?' And he looks at me and he says, 'Welcome to my world.'"

1	you're basing it on the bottle, then that's a whole different issue. With wine, the glasses are always
2	market. We walk in the door, we see a whole pile of gift baskets. Martin goes, "We should get
3	my 19-plus years as a comedian. He takes the whole crowd away from me, flips 'em, and then uses '
4	? You're ten feet away, it senses you, and the whole room just-- What I don't like is when they're
5	little. I love that. You were pointing out the whole time. She's like, "You asshole." Thanks for havin

Quadro 114: Linhas de concordância com o adjetivo *whole* do texto *Gabriel Iglesias: I'm sorry for what I said when I was hungry*

Para os colocados de *whole* foram concebidos cinco descritores semântico-sintáticos:

número de ocorrências	descriptor semântico-sintático	colocados	linhas de ocorrência
1	substantivo que denota situação	issue	1
1	substantivo que denota quantidade	pile	2
1	substantivo que denota pessoas	crowd	3
1	substantivo que denota lugar	room	4
1	substantivo que denota tempo	time	5

Quadro 115: Descritores semântico-sintáticos dos colocados de *whole* do texto *Gabriel Iglesias: I'm sorry for what I said when I was hungry*

As análises das linhas de concordância onde *whole* foi empregado parecem indicar que a quantificação por meio de garrafa de algumas bebidas, e de taças quando se trata de vinho, configura-se em grande diferença (linha 1); cestas parecem ser um presente popular (linha 2); ainda que bastante experiente, o comediante está sujeito a perder o controle de sua plateia (linha 3); iluminação por sensor automático de presença pode ser eficiente, mas não necessariamente apreciada (linha 4); e, finalmente, que há boa conexão entre o artista e seu público (linha 5).

4.5.2.6 Posturas inferidas de Gabriel Iglesias

As linhas de concordância retiradas do texto de Iglesias nos permitiram realizar as análises expostas nas subseções 4.5.2.1 a 4.5.2.5, que, por sua vez, revelaram os temas e os posicionamentos do comediante mencionados no próximo quadro.

Temas abordados	Posturas inferidas
amizade	não é afetada pelo politicamente correto
	o convívio com amigos é apreciado
	cestas são presentes populares
bebida	elogio ao vinho é parte do ritual (desnecessário) de seu consumo
	vinho está sempre relacionado a celebração
	cada um tem seu próprio limite
	vinho não é consumido em botequim
	quantificação do vinho por meio de taça é inexata
bom emprego	depende de imagem específica
comida	de <i>food truck</i> é boa
	quanto mais gostosa, mais se consome
etnias	não há total aceitação dos mexicanos nos E.U.A.
	homens negros desejam mulheres brancas
	mulheres asiáticas desejam homens brancos
	quantidade de mexicanos nos E.U.A. seria percebida como excessiva por brancos
	jovem africano daria mais valor à qualidade de vida americana
fama	encontrar ídolos pessoalmente emociona
	grande número de leitores é bom
forma física	é bom ter agilidade a despeito de sobrepeso
humor	rir excessivamente não é bom
	comediante ser alvo de humor às vezes é bom
	piada racista entre pares é aceita
jovens	com interesse profissional são apreciados
	jovem africano daria mais valor à qualidade de vida americana
	ora são adultos, ora imaturos
	não se vêem sem os recursos propiciados pela internet
luxo	algum luxo é apreciado
medidas ecológicas	nem todas fomentam a conscientização sobre economia de energia/água
	algumas implicam redução de conforto
mulher	presta melhor atendimento ao cliente

Quadro 116: Temas e posicionamentos do texto *Gabriel Iglesias: I'm sorry for what I said when I was hungry*

A observação das informações compiladas acima – inferidas conforme análises apresentadas nas subseções 4.5.2.1 a 4.5.2.5 – nos permite conceber que ao menos algumas posturas de Iglesias revelariam motivações advindas de sua biografia. Destacam-se os posicionamentos do autor quando da abordagem de questões ligadas a etnias: parece-nos razoável aceitar que a origem cultural de Iglesias moldou sua percepção de que os mexicanos não são plenamente aceitos nos E.U.A., de modo mesmo que a quantidade deles seria tida como excessiva pelos brancos. Seria possível imaginar, ainda, que as dificuldades enfrentadas na

infância – uma vez que foi criado com seus cinco irmãos apenas pela mãe – fossem a origem do entendimento de Iglesias de que um jovem africano de origem humilde seria capaz de dar mais valor à qualidade de vida americana do que o fazem os americanos que não conheceram realidades mais austeras.

Outras possíveis conexões entre as vivências particulares do autor e suas posturas ao longo do texto incluiriam seu sobrepeso, que seria a causa de seu entendimento de que é bom ter agilidade física, qualquer que seja o peso que se tenha; seu enteado Frankie que, embora já tenha passado dos 20 anos de idade, não parece demonstrar interesse em deixar a casa dos pais como é corriqueiro nos E.U.A., o que faria com que o autor valorizasse jovens com algum interesse profissional e, conseqüentemente, com propensão a uma vida mais independente; e, finalmente, o próprio ofício de Iglesias poderia tê-lo feito considerar que rir em demasia pode não ser aconselhável, que o comediante virar alvo de piadas pode ser bom, e que a piada racista entre pares é aceitável.

Assim, os resultados da análises empreendidas nesta subseção 4.5.2 parecem corroborar a existência de dificuldades de aceitação enfrentadas por imigrantes mexicanos nos E.U.A., bem como de uma geração de jovens menos independentes e, aparentemente, mais apáticos e desinteressados em trilhar seus próprios caminhos.

4.6 POSTURAS CULTURAIS DO CORPUS

Conforme foi exposto em cada subseção dedicada a um dos dez autores que compõem o corpus aqui proposto, as descrições dos perfis lexicais dos adjetivos *good*, *little*, *other*, *white* e *whole*, bem como as análises das linhas de concordância onde ocorreram, subsidiaram inferências de posicionamentos que os comediantes parecem tomar em situações cotidianas, quando ocupando-se dos temas também ali apontados. Procuramos, dessa forma, fornecer respostas às duas primeiras perguntas de pesquisa, a saber: quais são os perfis lexicais das palavras *good*, *little*, *other*, *white*, e *whole* no corpus de estudo?; e quais são os tópicos comuns a esses perfis lexicais?

Nesta seção, em um primeiro momento, serão observadas as diferenças e as semelhanças topicais entre as etnias e os gêneros dos comediantes para, em seguida, tratarmos desses achados levando em conta o corpus como um todo, buscando entender, assim, as conotações culturais relacionadas ao povo norte-americano que permeariam o registro humorístico aqui estudado, de modo a responder as duas últimas perguntas de pesquisa a seguir transcritas: quais são as diferenças/semelhanças topicais entre as etnias e os gêneros dos comediantes do corpus de estudo?; e quais são os aspectos culturais que os perfis lexicais contidos nesses tópicos parecem revelar?

4.6.1 Semelhanças/diferenças topicais entre as origens culturais e os gêneros

Conforme se verifica abaixo, reunimos, em um só quadro, todos os assuntos dos quais os autores trataram quando do uso dos cinco adjetivos aqui estudados. Apenas para fins de facilitação da visualização dos temas comuns a cada uma das cinco origens culturais que compõem o corpus de estudo, indicamos com cores iguais a intersecção entre os assuntos abordados e os comediantes feminino e masculino de uma mesma origem.

	Afrodes- cendentes		Brancos		Asiáticos		Judeus		Latino- americanos	
	Rock	Sykes	Kirkman	Mulaney	Koy	Wong	Seinfeld	Silverman	Alonzo	Iglesias
aborto								x		
animal de estimação				x						
armas		x								
bebida/comida										x
beleza/forma física		x	x						x	x
boa vida ou situação/luxo	x								x	x
cidade de Nova Iorque							x			
competições esportivas							x		x	
comportamento						x		x		
crime						x				
cuidado médico/doenças		x				x		x		
divórcio	x		x							
drogas				x						
ecologia/meio ambiente		x								x
ensino formal	x									
etnias/nacionalidades	x	x	x	x	x	x		x	x	x
fama										x
família			x	x						
filhos/crianças/jovens	x	x	x	x	x	x	x	x		x
gays			x							
habilidades		x								
homem/mulher/feminismo					x	x	x			x
humor										x
idade/envelhecimento			x	x			x			
imigração		x								
leis								x		
notícias								x		
polícia	x									
política		x		x			x			
racismo	x	x						x		
relacionamento/casamento	x	x	x	x	x	x	x	x		x
religião	x		x	x						
sexismo	x	x								
sexo			x	x		x				
sociedade			x			x				
tecnologia									x	
tempo			x							
trabalho/profissões	x			x	x		x	x	x	x
Número de assuntos em comum (por origem cultural)	5		7		4		3		4	

Quadro 117: Temas abordados por origem cultural

Portanto, as informações constantes no quadro acima revelam que, no corpus de estudo, os assuntos comuns tanto ao homem quanto à mulher de uma mesma origem cultural, quando observados os usos dos adjetivos *good*, *little*, *other*, *white* e *whole* são:

1. Afrodescendentes:

- a. etnias / nacionalidades;
- b. filhos / crianças / jovens;
- c. racismo;
- d. relacionamento / casamento; e
- e. sexismo.

2. Brancos:

- a. etnias / nacionalidades;
- b. família;
- c. filhos / crianças / jovens;
- d. idade / envelhecimento;
- e. relacionamento / casamento;
- f. religião; e
- g. sexo.

3. Asiáticos:

- a. etnias / nacionalidades;
- b. filhos / crianças / jovens;
- c. homem / mulher / feminismo; e
- d. relacionamento / casamento.

4. Judeus:

- a. filhos / crianças / jovens;
- b. relacionamento / casamento; e
- c. trabalho / profissões.

5. Latino-americanos:

- a. beleza / forma física;
- b. boa vida ou situação / luxo;
- c. etnias / nacionalidades; e
- d. trabalho / profissões.

Assim, excluindo-se aqueles casos em que apenas o homem ou a mulher de uma dada origem cultural abordou um assunto específico, verifica-se que alguns tópicos ocorreram nos textos de apenas uma etnia: beleza/forma física, e boa vida ou situação/luxo são assuntos que foram abordados exclusivamente pelos latino-americanos; família, idade/envelhecimento, religião, e sexo são quatro temas que ocorreram somente nos textos dos brancos; o tópico homem/mulher/feminismo foi citado apenas pelos asiáticos; e, finalmente, racismo e sexismo foram assuntos observados unicamente nos textos dos afrodescendentes.

Por outro viés, a leitura do quadro supra revela que, embora não tenha havido um único tema abordado pelos 10 autores quando da utilização dos adjetivos *good*, *little*, *other*, *white* ou *whole*, há três que o foram por nove deles: etnias/nacionalidades, que apenas não foi discutido por Seinfeld; filhos/crianças/jovens – assunto que deixou de ser mencionado por Alonzo; e, por fim, relacionamento/casamento, que também apenas não foi tópico constante do texto de Alonzo.

Embora não seja cabível qualquer generalização – tendo em vista a exiguidade da amostra objeto deste trabalho, se comparada a todo o universo de apresentações de comédia *stand-up* que já ocorreram nos E.U.A. –, seria possível conceber que, no âmbito do corpus aqui estudado, de algum modo, alguns assuntos parecem impactar mais algumas etnias do que outras, demonstrando possível influência dos históricos de vida dos autores nas posturas assumidas em seus textos. Se, por um lado, o escopo desta dissertação não alcança estudos etnográficos que tragam evidências concretas das implicações de cada origem cultural aqui incluída nas visões de mundo que as análises dos textos parecem ter revelado, por outro, alguns resultados trariam patentes relações entre as origens dos comediantes e suas posturas inferidas, sendo a de maior obviedade possivelmente o fato de o racismo ter sido tópico abordado apenas pelos representantes afrodescendentes quando do uso dos adjetivos aqui estudados. Ademais, parece-nos que não poderiam ser descartadas as conexões que porventura existam entre a busca tipicamente feita, nos E.U.A., pelos imigrantes mexicanos por uma melhor situação do que aquela que tinham em seu país de origem e as abordagens sobre esse tema feitas pelos escritores latino-americanos; nem tampouco os possíveis reflexos de uma cultura patriarcal nas discussões sobre os comportamentos do

homem e da mulher na sociedade, conforme interpretações feitas dos textos dos comediantes de ascendência asiática.

Ainda lembrando-se das limitações inerentes ao recorte da amostra aqui feita, ou seja, foram incluídas apenas cinco diferentes origens culturais de comediantes americanos – sendo um homem e uma mulher de cada etnia – como representantes de uma sociedade altamente plural (UNITED..., 2015; ORTMAN; SHIN, 2011), as informações acima compiladas, devidamente contextualizadas no horizonte do corpus de estudo deste trabalho, parecem revelar que os três tópicos mais frequentes nas apresentações de *stand-up* estudadas – etnias/nacionalidades, filhos/crianças/jovens, e relacionamento/casamento – seriam relevantes para a maior parte da sociedade americana como um todo, independentemente da etnia dos indivíduos que a compõem.

Tomando-se por base, agora, os gêneros dos autores estudados, organizamos os tópicos mencionados nas apresentações de comédia *stand-up* que constituem o corpus de estudo em um quadro dedicado às mulheres e, outro, aos homens. Novamente, apenas para facilitar a visualização dos temas que se repetiram nas apresentações, foram utilizadas cores distintas para indicar diferentes frequências, conforme as legendas que seguem os dois próximos quadros.

	COMEDIANTES MULHERES				
	Sykes	Kirkman	Wong	Silverman	Alonzo
aborto				x	
armas	x				
beleza/forma física	x	x			x
boa vida ou situação/luxo					x
competições esportivas					x
comportamento			x	x	
crime			x		
cuidado médico/doenças	x		x	x	
divórcio		x			
ecologia/meio ambiente	x				
etnias/nacionalidades	x	x	x	x	x
família		x			
filhos/crianças/jovens	x	x	x	x	
gays		x			
habilidades	x				
homem/mulher/feminismo			x		
idade/envelhecimento		x			
imigração	x				
leis				x	
notícias				x	
política	x				
racismo	x			x	
relacionamento/casamento	x	x	x	x	
religião		x			
sexismo	x				
sexo		x	x		
sociedade		x	x		
tecnologia					x
tempo		x			
trabalho/profissões				x	x

Quadro 118: Temas abordados pelas comediantes mulheres

Legenda:

x	tópico abordado por 5 comediantes
x	tópico abordado por 4 comediantes
x	tópico abordado por 3 comediantes
x	tópico abordado por 2 comediantes
x	tópico abordado por 1 comediante

	COMEDIANTES HOMENS				
	Rock	Mulaney	Koy	Seinfeld	Iglesias
animal de estimação		x			
bebida/comida					x
beleza/forma física					x
boa vida ou situação/luxo	x				x
cidade de nova iorque				x	
competições esportivas				x	
divórcio	x				
drogas		x			
ecologia/meio ambiente					x
ensino formal	x				
etnias/nacionalidades	x	x	x		x
fama					x
família		x			
filhos/crianças/jovens	x	x	x	x	x
homem/mulher/feminismo			x	x	x
humor					x
idade/envelhecimento		x		x	
polícia	x				
política		x		x	
racismo	x				
relacionamento/casamento	x	x	x	x	x
religião	x	x			
sexismo	x				
sexo		x			
trabalho/profissões	x	x	x	x	x

Quadro 119: Temas abordados pelos comediantes homens

Legenda:

x	tópico abordado por 5 comediantes
x	tópico abordado por 4 comediantes
x	tópico abordado por 3 comediantes
x	tópico abordado por 2 comediantes
x	tópico abordado por 1 comediante

Levando-se em conta, assim, os tópicos conforme abordados pelas mulheres e pelos homens, separadamente, as informações obtidas pela leitura dos dois quadros supra nos permite entender, primeiramente, que a maior parte dos tópicos foi abordada por apenas um comediante: dos 30 tópicos femininos, 20 tiveram ocorrência única; enquanto dos 25 masculinos, 16 ocorreram em apenas um texto.

Seguindo para o outro extremo, levando-se em conta apenas as representantes femininas, tem-se que: o único tópico mencionado pelas cinco mulheres foi etnias/nacionalidades; quatro mulheres referiram-se aos temas filhos/crianças/jovens e relacionamento/casamento; três delas abordaram os assuntos beleza/forma física, e cuidado médico/doença; e, finalmente, duas trataram de comportamento, racismo, sexo, sociedade, e trabalho/profissões.

Ao desconsiderarmos os tópicos que tiveram ocorrência única dentre as comediantes, a relevância dos outros assuntos entre as representantes femininas no corpus de estudo pode ser visualizada no gráfico que segue:

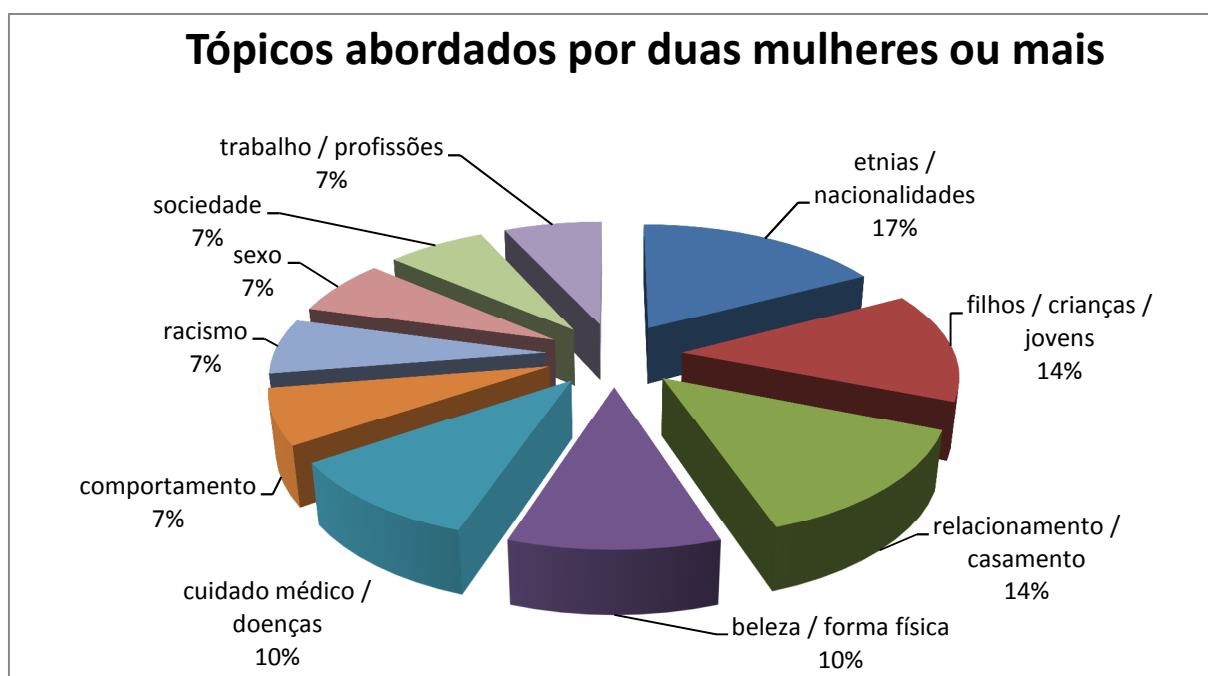


Gráfico 1: Tópicos abordados por duas mulheres ou mais

No tocante aos representantes masculinos, vê-se que três tópicos foram abordados por todos eles: filhos/crianças/jovens, relacionamento/casamento, e trabalho/profissões. Os outros assuntos que mais encontraram espaço nos textos dos homens foram etnias/nacionalidades, com ocorrência em quatro textos; homem/mulher/feminismo, que foi tema de três comediantes; e, finalmente, boa vida ou situação/luxo, idade/envelhecimento, política, e religião foram matérias tratadas por dois comediantes.

Se levarmos em conta apenas os tópicos que tiveram duas ou mais ocorrências dentre os representantes masculinos em nosso corpus, a relevância dos assuntos para esse grupo resulta conforme gráfico abaixo:

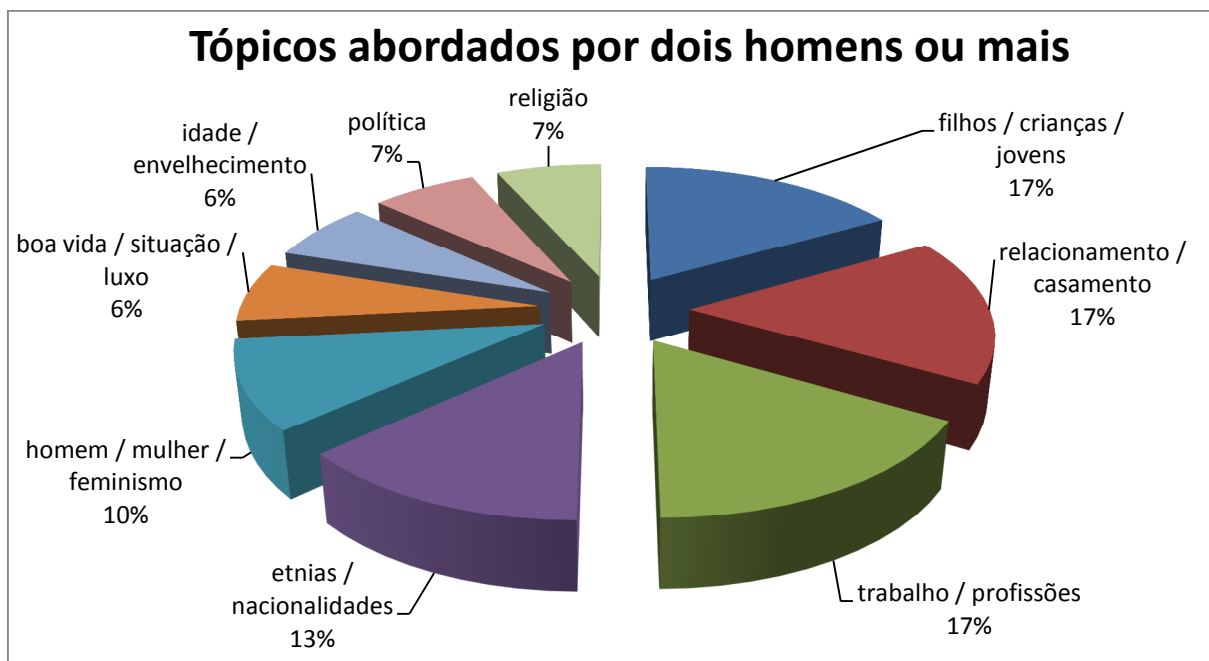


Gráfico 2: Tópicos abordados por dois homens ou mais

Uma vez que a comédia *stand-up* tipicamente trata de assuntos cotidianos (ZOGLIN, 2017) que, na medida em que o riso é esperado, idealmente dizem respeito tanto ao comediante quanto à sua plateia, a leitura dessas informações parece indicar que as questões relacionadas a etnias/nacionalidades, filhos/crianças/jovens, e relacionamento/casamento, de algum modo, têm relevância para as mulheres, encontrando, assim, espaço para abordagens nesse tipo de apresentação. Semelhantemente, os tópicos filhos/crianças/jovens, relacionamento/casamento, trabalho/profissões, assim como etnias/nacionalidades, seriam importantes para os homens. Dessarte, se considerarmos apenas os temas mais frequentes apontados pelos gráficos acima, a única diferença encontrada diz respeito a trabalho/profissões, que foi assunto abordado por apenas duas mulheres, enquanto todos os homens do corpus o fizeram. Sempre com olhos voltados para as inerentes limitações de representatividade dos dez textos abordados, parece-nos possível afirmar que se, por um lado, as evidências trazidas pelos estudos aqui empreendidos revelariam uma sociedade na qual tanto as mulheres quanto os homens contemplam relevância em questões relacionadas a filhos/crianças/jovens,

relacionamento/casamento, e etnias/nacionalidades, por outro, apontariam para uma maior preocupação masculina quando o assunto é trabalho/profissões.

4.6.2 Possíveis reflexos culturais

Tendo em vista o conteúdo das subseções que precedem esta, neste mesmo capítulo, e considerando o corpus de estudo como um todo, os achados alcançados parecem apontar para a existência de reflexos da cultura norte-americana no registro humorístico aqui abordado. Abalizados pelo alcance dos dez textos estudados e, assim, sem a pretensão de generalizar as inferências a seguir mencionadas, parece-nos que os dados levantados permitiriam entrever, sobretudo, uma sociedade que: ainda se ressentia das agressões sofridas pelos judeus bem como da existência de racismo e sexismo e, portanto, luta para encontrar o equilíbrio entre os papéis do homem e da mulher; enfrenta dificuldades de aceitação e convívio entre pessoas de diferentes nacionalidades e etnias, o que resulta em desigualdades sociais e reafirma a hegemonia dos brancos; parece comportar melhorias no tratamento que dispensa aos animais; preza a moral e os bons costumes, especialmente representados pela família tradicional; valoriza a juventude e enfrenta dificuldades de aceitação das limitações impostas pelo envelhecimento; confere papel de destaque aos animais de estimação dentro da família; educa seus filhos de forma mais branda que no passado, resultando em uma geração de jovens mais dependentes, apáticos e, portanto, desinteressados em trilhar seus próprios caminhos; valoriza tradições religiosas; tem consciência da supremacia do papel de seu país na política mundial; e, finalmente, possui segmentos progressistas que defendem melhorias nas leis e o direito ao aborto.

Acreditamos que a discussão de tópicos como esses em aula de L2, feita de modo crítico e distanciado – tanto quanto possível – de ideias e opiniões pré-concebidas, poderia contribuir para o melhor entendimento da cultura que o idioma estudado integra. Ademais, ao se traçarem paralelos com a cultura de origem dos alunos, parece-nos que seria possível alcançar ao menos algum nível de consciência cultural, promovendo um aumento na sensibilidade a comportamentos culturalmente induzidos em um ato de comunicação, conforme defendido por Stempleski e Tomalin (1993). Essa maior clareza na percepção da interação social

como um evento onde diferentes identidades culturais atuam contribuiria, assim, para o desenvolvimento da competência intercultural do aluno de L2, na medida em que o predisporia a relativizar valores, crenças e comportamentos (BYRAM; GRIBKOVA; STARKEY, 2002).

4.6.3 Potencial humorístico nas quebras de expectativas linguísticas

Voltando-nos, agora, para a faceta do humor do corpus de estudo, observaremos um dos elementos que podem se configurar como uma das causas do riso: a quebra de expectativas linguísticas. Ao levarmos em conta que o fenômeno humorístico pode ser explicado por meio da teoria da incongruência (FREUD, 1989) – segundo a qual, num primeiro momento, experiencia-se um estranhamento no texto para, logo em seguida, acontecer a resolução dessa incongruência e, potencialmente, o riso –, é possível considerar que a falta de tipicidade de algumas associações linguísticas verificadas no corpus de estudo quebraria as expectativas do ouvinte e, eventualmente, causaria o riso.

Ainda que o objetivo principal das análises não tenha sido a busca por humor nos padrões linguísticos levantados, observou-se que os adjetivos estudados, associados a alguns colocados revelados pelas linhas de concordância, ocorrem com baixa frequência no corpus de referência consultado – conforme exemplificaremos por meio de dois grupos de palavras retirados de cada um dos 10 textos analisados. Tal característica possivelmente leve à quebra de expectativas linguísticas e confira potencial humorístico às descrições de dificuldades cotidianas comuns ao comediante e sua plateia, que talvez não fossem vistas como cômicas se escolhas linguísticas menos idiossincráticas tivessem sido feitas..

Assim, a associação linguística *good dick*, utilizada por Rock para falar sobre satisfação sexual em um relacionamento, tem apenas oito ocorrências no COCA, ao passo que esse mesmo adjetivo associado a outras partes do corpo tem uma frequência significativamente maior nesse corpus de referência, como *good hand(s)* e *good head(s)*, cujas buscas resultaram em 652 e 167 ocorrências, respectivamente. Já quando o assunto era racismo, um dos padrões que se mostrou atípico foi *white toilet seat(s)* – que consta uma única vez do COCA, onde,

comparativamente, contudo, podem ser observadas 70 ocorrências de *toilet seat(s)* precedido por outros adjetivos, tais quais: *new*, *public*, *broken* e *portable*.

No que diz respeito ao texto de Wanda Sykes, verificamos que, enquanto o uso conjunto das palavras *little bee(s)* pode ser encontrado 46 vezes no COCA, a expressão exata utilizada pela comediante – *little crackhead bees*, empregada para se referir a abelhas que, devido aos organismos geneticamente modificados presentes nas plantações, se comportam como se estivessem drogadas – não tem ocorrências no corpus de referência consultado. Semelhantemente, se, por um lado, o padrão *white woman/women* foi computado pelo COCA 2.739 vezes, por outro, *white French woman*, conforme usado por Wanda Sykes ao citar sua esposa, não consta desse corpus de referência.

Nessa mesma linha, quando levamos em conta os padrões levantados a partir do texto de Jen Kirkman, verifica-se que as associações linguísticas *other DNA* e *little dart(s)* têm, respectivamente, 26 e 4 ocorrências no corpus de referência, enquanto as expressões exatas utilizadas por essa comediante – *other lady's DNA*, à qual ela recorreu quando tratou de fantasias sexuais, e *little pin dart*, empregada por Kirkman de modo a indicar intolerância a ignorância – não foram computadas pelo COCA. Em outras palavras, se os padrões *other DNA* e *little dart(s)* já configuram-se de baixa frequência comparativamente, por exemplo, a *other molecule(s)* e *little ball(s)*, que têm 103 e 243 ocorrências, respectivamente, o acréscimo de *lady's* e *pin* a esses padrões os tornam inéditos no COCA.

Do texto de John Mulaney, por sua vez, destacamos duas associações feitas com o adjetivo *little*: *little Jew* e *little ass*, que têm 21 e 62 ocorrências no COCA, respectivamente. Entretanto, ao se fazer a busca pelas expressões *bossy little Jew* – usada por Mulaney em referência a sua esposa – e *little honky ass* – empregada para ilustrar o modo desconcertante por meio do qual prostitutas abordariam possíveis clientes –, nos termos exatos conforme utilizadas pelo comediante, verifica-se que ambas não encontram qualquer registro no corpus de referência consultado.

Ao considerarmos o texto de Jo Koy, dois padrões de associação que se mostram de baixa frequência no COCA são *little dick(s)* – ao qual o comediante recorreu para indicar que o provedor financeiro de uma casa é quem mais tem

direitos – e *other armpit(s)* – usado para ilustrar o fato de que seu filho não tem bons hábitos de higiene –, que têm ali, respectivamente, 20 e 3 ocorrências. Percebe-se a atipicidade de tais associações ao se verificar que os mencionados adjetivos se apresentam em um número consideravelmente maior, no corpus de referência, quando associados a outras partes do corpo, a exemplo de *little hand(s)* e *other arm(s)*, com 479 e 465 registros, respectivamente.

Já do texto de Ali Wong aqui estudado, destacamos as expressões *other shitty dad* e *white hippie witch* – às quais a comediante recorreu ao se referir, respectivamente, a pais desqualificados e a doulas que atuariam movidas por crenças –, que não encontram registro algum no COCA. Ainda que se faça a busca, no mencionado corpus de referência, pelos padrões *other dad(s)* e *white witch(es)* – ou seja, sem os adjetivos *shitty* e *hippie* –, os números encontrados não se mostram muito elevados: 43 e 46, nessa ordem, especialmente se compararmos, por exemplo, com *other mom(s)*, que tem 216 ocorrências, e com *white teacher(s)*, que resulta em 142 casos registrados.

No tocante ao texto de Jerry Seinfeld, a falta de tipicidade nos padrões encontrados pode ser exemplificada pelas associações *little behavior(s)* – à qual o autor recorreu quando o assunto era comportamentos típicos de adultos – e *other funny people* – usada para indicar que comediantes apreciam o convívio com seus pares –, com, respectivamente, duas e nenhuma ocorrência no corpus de referência. Esses números parecem ganhar ainda mais relevância se considerarmos, comparativamente, que o COCA traz 110 ocorrências de *little action(s)*, e 22.927 de *other people*.

As vezes em que Sarah Silverman parece ter recorrido a associações linguísticas atípicas, por seu turno, exemplificamos com as expressões *little pink cardigan* e *ocean of white people*, que foram usadas para indicar a graciosidade de uma menininha e a existência de racismo, respectivamente, e não têm qualquer registro no corpus de referência aqui utilizado. Se, por um lado, o padrão *little cardigan* – ou seja, sem o adjetivo *pink* – também se mostra de baixa frequência no COCA, com sete registros – especialmente se levarmos em conta que *little book(s)*, apenas para fins de comparação, tem ali 405 ocorrências –, por outro, o padrão

white people – apenas omitindo-se *ocean of* – já consta com frequência bastante díspar, com 3.476 ocorrências no corpus de referência.

Quanto ao texto de Cristela Alonzo, a consulta no COCA dos padrões *white guy(s)* e *white family(ies)*, ambos utilizados quando se tratou de racismo, resulta em 929 e 404 ocorrências, respectivamente. Contudo, a busca pelas expressões expandidas conforme empregadas pela comediante mostram a atipicidade das associações linguísticas a que ela recorreu: tanto *her white family* – usada para indicar que os brancos podem se configurar como exemplos a serem seguidos – quanto *white guy named Jesus* – apontando para a influência das etnias nas escolhas dos nomes próprios – não foram registradas pelo corpus de referência aqui utilizado.

Finalmente, quanto ao texto de Gabriel Iglesias, se, por um lado, os padrões *good job(s)* e *good voice(s)* podem ser considerados relativamente frequentes, com 7.604 e 95 ocorrências no COCA, respectivamente, por outro, a expressão *good job voice*, conforme empregada pelo comediante ao indicar que a obtenção de um bom emprego dependeria de persona específica, não encontra registro no referido corpus. Outro exemplo que nos parece revelar atipicidade de associação de palavras é *little booger(s)* – a qual Iglesias recorreu para ilustrar que algumas medidas de proteção ao meio ambiente implicam redução de conforto – que consta com nove ocorrências no COCA, contrapondo-se de modo expressivo a *little bit(s)*, que ali soma 41.031 registros.

Parece-nos, assim, que, ainda que por vezes não tenhamos encontrado atipicidade nos exatos padrões isolados e expostos nos quadros que trouxeram os descritores semântico-sintáticos, conforme visto neste capítulo, ao voltarmos para as linhas de concordância transcritas ao longo da exposição dos resultados, a busca feita pelos padrões com um cotexto minimamente expandido – na maioria das vezes bastou o acréscimo de uma única palavra a cada um deles – traria evidências de que os comediantes recorrem a associações linguísticas incomuns. Tal atipicidade no uso da língua pode ser um fator que contribua para a percepção, por parte do ouvinte, de um estranhamento – a incongruência defendida por Freud (1989) – que, ao ser desfeito por meio de sua resolução, teria o potencial para causar o riso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca de se identificar a possível presença de traços culturais em textos humorísticos, com o intuito de melhor entender seu potencial de conferir incremento à dimensão intercultural da aula de L2, percorremos uma trajetória que partiu de leituras sobre cultura, humor, Linguística de Corpus, e *priming* lexical. Apoiados nesses pilares teóricos, desenhamos a metodologia que posteriormente seguimos na busca pelas respostas às perguntas de pesquisas que nos guiaram neste estudo. Os resultados atingidos, conforme demonstram os achados constantes do capítulo 4, parecem indicar que as posturas assumidas pelos comediantes perante os assuntos tratados nos textos aqui analisados seriam culturalmente definidas: tanto as semelhanças quanto as diferenças topicais entre gêneros e origens se configurariam como traços culturais da sociedade que o corpus representa, uma vez que a escolha dos assuntos, assim como o modo como são abordados, possivelmente reflitam vivências de cada autor que, por sua vez, parece-nos que são inevitavelmente balizadas pelos seus contextos de origem.

Embora provavelmente os institutos de idiomas e escolas de ensino fundamental e médio não admitam a utilização de textos humorísticos, seja devido aos calendários costumeiramente assoberbados, seja devido ao linguajar – por vezes de baixo calão – e temáticas – com frequência polêmicas – típicas do registro aqui estudado, acreditamos que os contextos de aulas particulares, bem como de ensino em nível universitário, comportariam tal incremento. Nesses cenários idealmente mais flexíveis e tolerantes, o registro humorístico se configuraria como um material autêntico que, ao ser utilizado de modo complementar ao material didático de L2 – esse geralmente trazendo em seu bojo uma apresentação limitada e restritiva do idioma estudado –, construiria uma ponte com o uso real da língua. Ao assumirmos que o conceito de cultura inclui, por um lado, história, geografia, instituições, literatura, arte e música de um povo – a cultura de realização – e, por outro, modos de vida, crenças, percepções e comportamentos – a cultura de comportamento – (STEMPLESKI; TOMALIN, 1993), acreditamos que o emprego de textos humorísticos em aulas de L2, a exemplo da comédia *stand-up* norte-americana, serviria para promover o contato do aluno tanto com uma amostra da cultura de realização quanto da cultura de comportamento de um grupo de falantes nativos da língua estudada.

Quando se estuda uma segunda língua, o estímulo que emerge do ambiente – ou seja, da vida real, em oposição ao conteúdo pedagógico usualmente presente no contexto de ensino de L2 – é imprescindível: o uso real da língua fornece o *input* necessário para a aquisição de estruturas (MARCELINO, 2018) e, acreditamos, igualmente, de conteúdo cultural. Nesse contexto, o material autêntico, aqui representado pelo registro humorístico e, mais especificamente, por apresentações de comédia *stand-up*, seria um possível recorte do mundo fora da sala de aula capaz de fornecer exposição a *input* rico, autêntico e robusto que, por meio das repetições de palavras e estruturas que resultariam em *priming* lexical, assim como da quebra de expectativas linguísticas, colaboraria para a aquisição de língua e melhor compreensão de estereótipos culturais.

Em outras palavras, a cultura apresentada ao aluno de L2 pelo viés dos textos humorísticos parece se beneficiar da baixa densidade lexical demonstrada pelas análises das apresentações de comédia *stand-up*: visto que entendemos que a aquisição se dá por meio de muitos encontros com a língua, conforme defendido pela teoria de *priming* lexical, as repetições de palavras nesse tipo de registro, além de contribuir para a aquisição de estruturas linguísticas, possivelmente o façam também para o enriquecimento dos conhecimentos sobre a cultura de origem dos autores. Outrossim, embora a saliência existente no registro humorístico não assegure o riso por parte do público-alvo do comediante, supomos que ela possa causar algum estranhamento ao aluno de L2 capaz de fazê-lo se voltar tanto para aspectos linguísticos quanto culturais da L2 ali postos em evidência, de modo a sensibilizá-lo, ainda, quanto à sua própria linguagem e cultura, contribuindo para que se atinja a dimensão intercultural (BYRAM; GRIBKOVA; STARKEY, 2002) na aula de L2. Supomos, assim, que as discussões que venham a ser suscitadas em sala de aula, sejam devido a quebras de expectativas linguísticas, sejam devido a assuntos trazidos à tona por esse tipo de registro – como estilos de vida, filiações religiosas e políticas, e sexualidade, dentre outros –, configurem-se como contribuições para a aquisição de língua e de conhecimentos culturais. Essa saliência presente no humor, portanto, justificaria o uso desse registro com vistas a aquisição de linguagem, bem como a um melhor entendimento de estereótipos culturalmente definidos.

Ademais, o percurso feito neste trabalho teria demonstrado que outros tipos de materiais além da comédia *stand-up* – como filmes e programas de televisão,

dentre outros –, que normalmente reforçam estereótipos, podem ser trabalhados em sala de aula para revelar posturas culturais: se as palavras que não têm ligação direta e explícita com a cultura são, à primeira vista, simples, são ao mesmo tempo complexas e imbuídas de conteúdo cultural quando observadas dentro de seus contextos e cotextos. Assim, o modo como tais palavras são empregadas pelos autores parece ser capaz de colaborar para a dimensão intercultural da aula de L2, enriquecendo-a por meio de material linguístico autêntico e, portanto, trazendo o mundo real para dentro da sala de aula.

Ainda que as limitações deste trabalho não tenham permitido a apresentação de uma proposta de implementação de textos oriundos de apresentações de comédia *stand-up* em aulas de L2, os resultados aqui alcançados parecem indicar que os estudos nessa área poderiam se beneficiar de desdobramentos desta proposta de se explorar a cultura ligada ao idioma estudado por meio de textos humorísticos. Acreditamos que se provariam vantajosas futuras pesquisas que, no cenário aqui apresentado, desenvolvessem atividades a serem usadas em sala de aula que possibilitassem debates lúcidos e críticos sobre as culturas da L1 e da L2, de modo a fomentar paralelos que contribuíssem para a competência intercultural dos alunos.

REFERÊNCIAS

ALI WONG. In: WIKIPEDIA, The Free Encyclopedia. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Ali_Wong. Acesso em 20 jun. 2019.

ALONZO, Cristela. **Cristela Alonzo: lower classy**. 2017. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/80117453?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2C4713aa3948d33a6b2e1e1adf40550957397328b0%3A83e068b2a4482ae3f5ebbef00e9714deb14a2886%2C%2C>. Acesso em: 29 dez. 2018.

BACHMAIER, Helmut. Warum lachen die Menschen? Über Humor, Witze und andere Scherze. **Senio magazin**: für die Generation 50 plus in Aachen und Umgebung. [S.], n. 89, p. 20-21, 2017. Disponível em: <http://www.senio-magazin.info/images/aachenpdf/89%20Ausgabe.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2017.

BELL, Nancy. Humor and second language development. In: ATTARDO, Salvatore (ed.), **The Routledge handbook of language and humor**. New York: Routledge, 2017. p. 444-455.

BELL, Nancy; POMERANTZ, Anne. Reconsidering language teaching through a focus on humor. **EuroAmerican journal of applied linguistics and languages: E-JournALL**, [S.], n. 1, v. 1, p. 31-47, nov. 2014. Disponível em: http://www.e-journall.org/wp-content/uploads/Bell_Pomerantz_1.1.pdf. Acesso em: 20 abr. 2019.

BERBER SARDINHA, Tony. **Linguística de corpus**. São Paulo: Manole, 2004.

BIBER, Douglas; JOHANSSON, Stig; LEECH, Geoffrey; CONRAD, Susan; FINEGAN, Edward. **Longman grammar of spoken and written English**. Harlow: Pearson Education Limited, 1999.

BUTTJES, Dieter; BYRAM, Michael. (ed.). **Mediating Languages and Cultures: Towards an Intercultural Theory of Foreign Language Education**. Clevedon: Multilingual Matters Ltd., 1991.

BYRAM, Michael; GRIBKOVA, Bella e STARKEY, Hugh. **Developing the Intercultural Dimension in Language Teaching**: a practical introduction for teachers. Strasbourg: Council of Europe, 2002. Disponível em: <http://lrc.cornell.edu/rs/roms/507sp/ExtraReadings/Section0/Section0/uploads/File1235272745204/InterculturalDimensionByram.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2018.

CHAPMAN, Antony. Social aspects of humorous laughter. In: CHAPMAN, Antony; FOOT, Hugh (ed.). **Humor and laughter**: theory, research and applications. New Brunswick: Transaction Publishers, 1996. p. 155-185.

CHRIS ROCK. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Chris_Rock&oldid=55129745. Acesso em: 24 mai. 2019.

CORPUS of contemporary American English (COCA). Disponível em: <https://www.english-corpora.org/coca/>. Acesso em: 30 nov. 2019.

DENEIRE, Marc. Humor and foreign language teaching. **Humor: international journal of humor research**. New York: Mouton de Gruyter, v. 8, n. 3, p. 285-298, 1995.

DICKER, Matt. Chris Rock: biography. **IMDB**. [20--?]. Disponível em: https://www.imdb.com/name/nm0001674/bio?ref_=nm_ov_bio_sm. Acesso em: 24 mai. 2019.

DROZ, Marilyn e ELLIS, Lori. **Laughing while learning: using humor in the classroom**. Longmont: Sopris West, 1996.

ESIMAJE, Alexandra U.; HUNSTON, Susan. What is corpus linguistics? *In*: ESIMAJE, Alexandra U.; GUT, Ulrike; ANTIA, Bassey E. (ed.). **Studies in corpus linguistics**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, v. 88, 2019. p. 7–35.

FREUD, Sigmund. **Jokes and their relation to the unconscious**. New York: W. W. Norton & Company, 1989.

GODDARD, Cliff. Words as Carriers of Cultural Meaning. *In*: TAYLOR, John R. (ed.). **The Oxford Handbook of the Word**. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 380-400.

GOTRANSCRIPT. Disponível em: <https://gotranscript.com/subtitle-converter>. Acesso em: 09 abr. 2019.

HANNA, Vera L. H. **Línguas estrangeiras: o ensino em um contexto cultural**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2012.

HOEY, Michael. **Lexical priming: a new theory of words and language**. New York: Routledge, 2005.

IGLESIAS, Gabriel. **Gabriel Iglesias: I'm sorry for what I said when I was hungry**. 2016. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/80117628?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2C8cd595e51a300a5e2fd5eb428381ffb7c7ab8fc4%3Aaa180e73ea94626fa7299a75de6ab6e5cd4b1ce0%2C%2C>. Acesso em: 29 dez. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2020: questionário básico**. Brasil, 2020. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/media/com_media/ibge/arquivos/ba7ebcb8ad1eb3d4d1e103c9033d5404.pdf. Acesso em: 14 mar. 2020.

JEN KIRKMAN. *In*: WIKIPEDIA, The Free Encyclopedia. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Jen_Kirkman. Acesso em: 11 jun. 2019.

JERRY SEINFELD. *In*: WIKIPEDIA, The Free Encyclopedia. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Jerry_Seinfeld. Acesso em: 09 jul. 2019.

JO KOY. *In*: WIKIPEDIA, The Free Encyclopedia. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Jo_Koy. Acesso em: 20 jun. 2019.

JOHN MULANEY. In: WIKIPEDIA, The Free Encyclopedia. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/John_Mulaney. Acesso em: 20 jun. 2019.

JOSEPH, John E. Cultural identity. In: CHAPELLE, Carol A. (Ed.). **The encyclopedia of applied linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2013. p. 1586-1590.

KIRKMAN, Jen. **Jen Kirkman: I'm gonna die alone (and I feel fine)**. 2015. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/80038335?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Ca8a6df4cc54b5469b9a1a112ecaf8e63e4bab6d%3Acf50c96a2c9897da06f959303286196a5b149f20%2C%2C>. Acesso em: 29 dez. 2018.

KOY, Jo. **Jo Koy: live from Seattle**. 2017. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/80134826?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Ca79d9032f913fb59f4d576beeed6c656d0acfa4%3A7339167b402b1c5227de186ff915ce17b6ccf4a4%2C%2C>. Acesso em: 29 dez. 2018.

KRAMSCH, Claire. Language and culture. **Research methods and approaches in applied linguistics**: looking back and moving forward, v. 27, p. 30-55, 2014. Disponível em: <https://benjamins.com/#catalog/journals/aila.27.02kra/fulltext>. Acesso em: 29 jul. 2018.

KRASHEN, Stephen D. **Explorations in language acquisition and use**: the Taipei lectures. Portsmouth: Heinemann, 2003.

LEE, Penny. Formulaic language in cultural perspective. In: SKANDERA, Paul (ed.). **Phraseology and Culture in English**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. p. 472-496.

LITTLE. **Longman dictionary of English language and culture**. Harlow: Longman, 1992.

LUFKIN, Bryan. What is the future of English in the US? **BBC Capital**. Ago. 2018. Disponível em: <http://www.bbc.com/capital/story/20180808-what-is-the-future-of-english-in-the-us>. Acesso em: 05 abr. 2019.

MARCELINO, Marcello. Considerations on the role of input in L2 acquisition: elt and bilingual contexts. **Revista Intercâmbio**. São Paulo: LAEL/PUCSP, v. 37, p. 76-97, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/36760>. Acesso em: 07 mar. 2020.

MEDGYES, Péter. **Laughing matters**: humour in the language classroom. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

MISHAN, Freda. **Designing authenticity into language learning materials**. Bristol: Intellect books, 2005.

MOTTA-ROTH, Désirré. Competências comunicativas interculturais no ensino de inglês como língua estrangeira In: _____; BARROS, Nina C. A.; RICHTER, Marcos G. (Ed.). **Linguagem, cultura e sociedade**. Santa Maria: UFSM, 2006, v. 01, p. 285-303. Disponível em:

http://w3.ufsm.br/desireemroth/algumas_publicacoes/competencias.pdf. Acesso em: 02 jan. 2019.

MULANEY, John. **John Mulaney: the comeback kid**. 2015. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/80058424?trackId=13752289&tctx=0%2C1%2Cb583004f49808e95a8c4b0e1d7295360552af65f%3A08b279880d0add5e8ec403fdcc555907b890dfd6%2C%2C>. Acesso em: 29 dez. 2018.

OLIVEIRA, Lucia P. Linguística de corpus: teoria, interfaces e aplicações. **Matraga**, v.16, n. 24, p.46-78, 2009.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Records of the general conference: resolutions**. Paris: UNESCO, 2002. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001246/124687E.pdf>. Acesso em: 16 set. 2018.

ORTMAN, Jennifer M.; SHIN, Hyon B. **Language Projections: 2010 to 2020**. In: ANNUAL MEETINGS OF THE AMERICAN SOCIOLOGICAL ASSOCIATION. Ago. 2011, Las Vegas. Disponível em: https://www.census.gov/hhes/socdemo/language/data/acs/Ortman_Shin_ASA2011_paper.pdf. Acesso em: 06 abr. 2019.

PACE-SIGGE, Michael. The concept of Lexical Priming in the context of language use. **ICAME Journal**, 37, p. 149–173, 2013. Disponível em: http://clu.uni.no/icame/ij37/Pages_149-174.pdf. Acesso em: 16 abr. 2019.

PACE-SIGGE, Michael; PATTERSON, Katie J. (ed.). **Lexical Priming: Applications and advances**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2017.

PULVERNESS, Alan. Materials for cultural awareness. In: TOMLINSON, Brian (ed.). **Developing materials for language teaching**. London: Bloombury, 2014, p. 426-438.

RISAGER, Karen. Culture. In: CHAPELLE, Carol A. (ed.). **The encyclopedia of applied linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2013, p. 1605-1612.

ROCK, Chris. **Chris Rock: tamborine**. 2018. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/80167498?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Ca3b639e160cba7abc68d2fce2c2ca6ebd5f59000%3Ad2011e241d03f13e3d0afa7132f0b66f04981696%2C%2C>. Acesso em: 29 dez. 2018.

SCHMITZ, John R. Humor as a pedagogical tool in foreign language and translation courses. **Humor: international journal of humor research**, v.15, n.1, p.89-113, 2002. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/docentes/John/IJHUMR.htm>. Acesso em: 22 jul. 2017.

SEINFELD, Jerry. **Jerry before Seinfeld**. 2017. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/80163156?trackId=13752289&tctx=0%2C1%2C09fcd6f87795559a9e9533ed8552aef777f3a5a1%3A1e6caf087a5b9223525f6aacf4d0515c6b8116c8%2C%2C>. Acesso em: 29 dez. 2018.

SHEPHERD, Tania M.G. O estatuto da linguística de corpus: metodologia ou área da linguística? **Matraga**. [S.], v.16, n. 24, p.150-172, 2009.

SILVERMAN, Sarah. **Sarah Silverman: a speck of dust**. 2017. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/80133554?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2C5b877057873d7195c0f63df6277c3d7e2af2a25a%3Af284fa58d4126095127609411382c62d1eae88b0%2C%2C>. Acesso em: 29 dez. 2018.

STEMPLESKI, Susan; TOMALIN, Barry. **Cultural awareness**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

STUBBS, Michael. **Words and phrases: corpus studies of lexical semantics**. Londres: Blackwell Publishing, 2001.

SYKES, Wanda. **What happened... Ms. Sykes?** 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UZyBHkjs5Pg>. Acesso em: 29 dez. 2018.

TREETAGGER. Disponível em: <http://www.cis.uni-muenchen.de/~schmid/tools/TreeTagger/>. Acesso em: 12 jan. 2019.

UNITED STATES CENSUS BUREAU. **Census bureau reports at least 350 languages spoken in U.S. homes**. Washington, DC: U. S. Census Bureau, Nov. 2015. Disponível em: <https://www.census.gov/newsroom/press-releases/2015/cb15-185.html>. Acesso em: 06 abr. 2019.

_____. **2020 Census Informational Bilingual Questionnaire**. Washington, DC: U. S. Census Bureau, 2020. Disponível em: <https://www2.census.gov/programs-surveys/decennial/2020/technical-documentation/questionnaires-and-instructions/questionnaires/2020-informational-questionnaire.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2020.

VEIRANO PINTO, Marcia. **A linguagem dos filmes norte-americanos ao longo dos anos: uma abordagem multidimensional**. 2013. 489 f. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

WANDA SYKES. In: WIKIPEDIA, The Free Encyclopedia. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Wanda_Sykes. Acesso em: 11 jun. 2019.

WONG, Ali. **Ali Wong: baby cobra**. 2016. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/80101493?trackId=13752289&tctx=0%2C1%2Cf07dcbbc281129fdf1a36504f0b59c131d26689d%3Ac626998d77e104103358d51d30e529e92132f2da%2C%2C>. Acesso em: 29 dez. 2018.

ZIYAEEMEHR, Ali; KUMAR, Vijay. The role of verbal humor in second language education. **International Journal of Research Studies in Education**, v. 3, n. 2, p. 3-14, 2014. Disponível em: file:///C:/Users/Lúcia/Downloads/The_role_of_verbal_humor_in_second_language_education.pdf. Acesso em: 05 abr. 2019.

ZOGLIN, Richard. Stand-up comedy. **Encyclopædia Britannica**. Encyclopædia Britannica, inc., 2017. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/stand-up-comedy>. Acesso em: 27 ago, 2019.

APÊNDICE A – Script *tag.sh*, utilizado para etiquetagem das categorias gramaticais do corpus

```
tag () {  
  
  ls corpus_lucia > files  
  while read file  
  do  
    cd tree-tagger-MacOSX-3.2-intel  
    filex="$( echo $file | sed 's/.txt//' )"  
    echo "----- tagging \"$file\" \"$lucia\" -----"  
    cat ../corpus_lucia/"$file" | cmd/tree-tagger-english >  
    ../corpus_tagged/"$filex"_tagged.txt  
    cd ..  
  done < files  
  
}
```

APÊNDICE B – *Script select.sh*, utilizado para a seleção dos adjetivos do corpus

```
# retain common nouns, main verbs, adjectives

rm -f posfreqs
rm -f validpos

ls corpus_tagged > files

while read file
do
    echo "=== selecting POS for $file ==="

    grep -E '      AJ0 | AJC      ' corpus_tagged/$file | cut -f3 | grep -v -e
    '<unknown>' -e '[:punct:]' | grep '^....' | tr 'A-Z' 'a-z' > y

    grep -E -v '[0-9.]' y > validpos/$file
    cat y | sort | uniq -c | sort -nr | sed 's/^[ ]*//' | tr ' ' '\t' >
    posfreqs/$file
done < files
```

APÊNDICE C – *Script toptypes.sh*, utilizado para a seleção dos adjetivos mais frequentes do corpus

```
# top x types in each religion:
ntypes=40      # CUT-OFF

# for each religion, select words that appeared in at least 10 files, and
# from among those, select the top $ntypes most frequent types # CUT-OFF

rm -f toptypes/*

    echo "=== topwords for $r ==="
    # words appearing in at least 10 files
    cat posfreqs/"$r"/* | cut -f2 | sort | uniq -c | sort -nr | sed 's/^[
]*//' | sed -n '1,/ ^12 /p' | grep '[a-z]' | gtac | tail +2 | gtac | tr ' '
'\t' | sort -nr | head -"$ntypes" > toptypes/"$r"_toptypes

totaltypes=$( cat toptypes/* | cut -f2 | sort | uniq | wc -l )
echo "TOTAL VARS WILL BE $totaltypes"
```